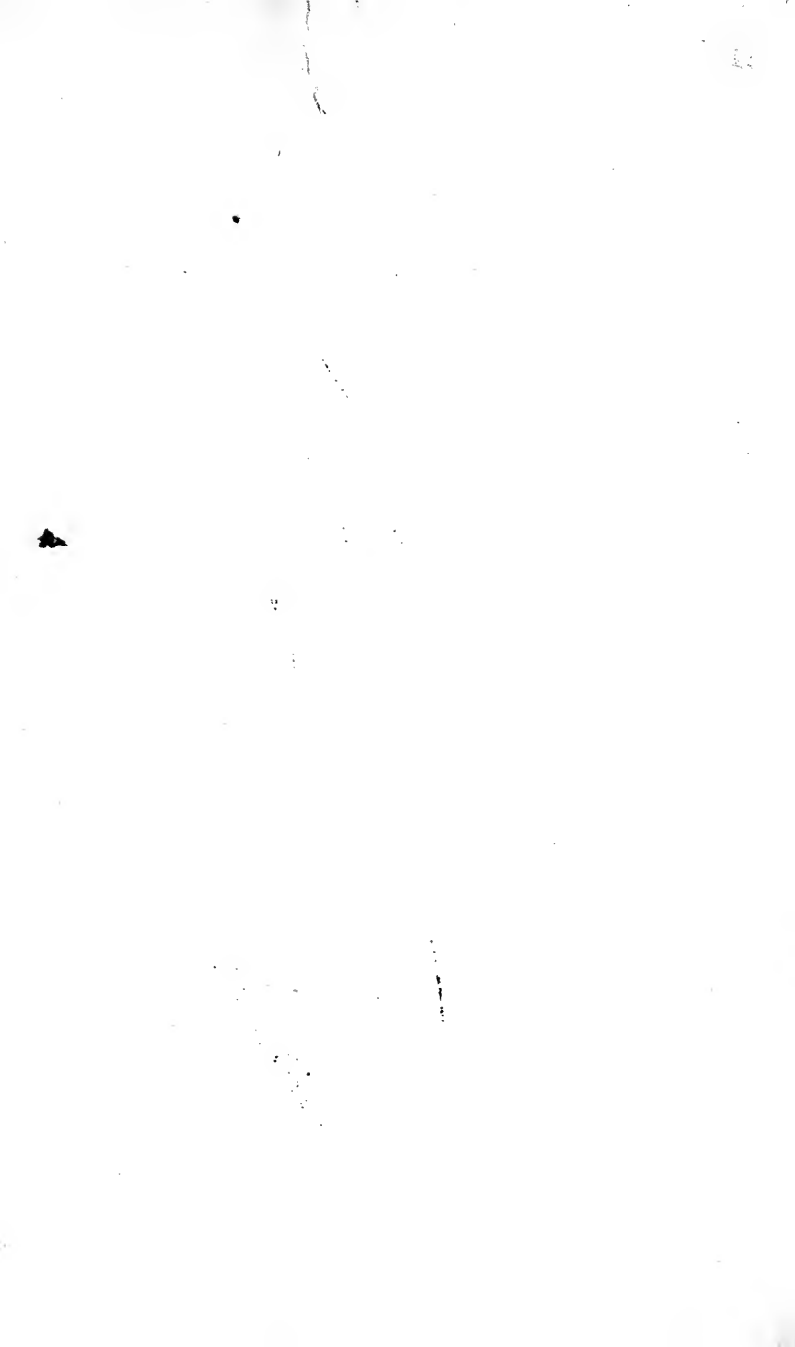
COELHO NETTO
ESPHINGE
PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE
LELLO & IRMÃO, EDITORES
R. DAS CARMELITAS, 144
C.

Do mesmo Auctor

Sertão, 1 vol. br.	600
A Bico de Penna, 1 vol. br.	700
Agua de Juventa, 1 vol. br.	700
Romanceiro, 1 vol. br.	500
Theatro, 1 vol. br.	400
Fabulario, 1 vol. br...	500
Jardim das Oliveiras, 1 vol. br..	500
Quebranto, (theatro), 1 vol. br...	500

No prélo — a seguir-se em novas edições:

Miragem, 2.ª edição.	1 vol.
Capital Federal	1 vol.
O Rei Phantasma	1 vol.
Inverno em Flor	1 vol.
O Morto	1 vol.
O Paraiso	1 vol.
O Rajah de Pondejab	2 vol.
A Conquista	1 vol.
A Tormenta	1 vol.
O Turbilhão	1 vol.

PORTO — Imprensa Moderna
Composto em machina americana «Mergenthaler»

Coelho Netto

Coelho Netto

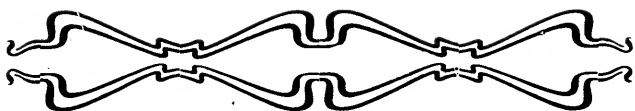
ESPHINGE

* * * PORTO — 1908 * * *

LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão,

editores — Rua das Carmelitas, 144

A

José Martins Fontes

ESPHINGE

I

A pensão Barkley, na rua do Paysandú, tinha a celebridade honesta de um lar de familia.

Discreta, sem reclamo algum, nem sequer uma placa no portal de granito, confortavelmente installada em um predio antigo e vasto, parecia dormir um somno de encanto á sombra do arvorêdo, no fundo do jardim, onde uma cascatinha, de pedrouço e rocalha, alegrava o silencio com um leve, perenne e fresco murmurio d'agua.

Caramancheis copados de jasmins e de rosas cercavam refugios aprazíveis e as camaxirras, attrahidas pela quietação, teciam, com segurança, nos ramos musgosos, nas

sébes de acalypha ou de cedro os seus ninhos a que Miss Barkley, todas as manhans, á hora do pão, já espartilhada e com toda a casa em regimen, dava uma lenta vista de olhos, como se considerasse aquellas frageis alcôfas de palha e plumas aposentos, tambem sujeitos á sua vigilancia. Além do predio, ao fim de uma álea de acacias, havia um chaletsinho que a ingleza, com o seu gosto sóbrio e o seu meticuloso aceio, atapetára, mobilára e empannára para Frederico Brandt, professor de piano, critico musical e compositor eximio.

Naquelle refugio o artista, que só dispunha da noite para o estudo, porque as horas do dia mal lhe chegavam para as lições em bairros distantes, podia, sem incommodar os hospedes avessos á musica, como o velho commendador Bernaz, que occupava os melhores aposentos do primeiro andar, á frente, com o seu rheumatismo e seiscentos e tantos contos a juros, repassar os seus classicos e compor, em hora de genio, no estylo mysterioso e nostalgico de Grieg.

Miss Barkley realizava com o silencio divino o prodigio da ordem. A um gesto seu, ao fuzilar dos seus olhos azues acerados, que os oculos ainda mais accendiam, os criados curvavam-se sem ruido, sem atropello, cada qual no seu serviço.

Se ella descia ao jardim e relanceava um olhar dir-se-ia que os passaros cantavam mais trefegos, que as rosas desabrochavam mais bellas; a mesma agua da cascatinha, sempre escassa no timido fluir, parecia correr mais abundante, com um som mais alto, á sombra humida dos fetos e dos tinhorões.

Era uma mulheraça magra, angulosa e hirta. Os seus lisos bandós côr de ambar, repuxados, ainda mais lhe afilavam o rosto. A boca redonda dava a impressão de estar sempre assobiando, o queixo agudo arrebitava-se como attrahido pelo nariz adunco, afiado em lamina de foice.

Pouco falava e a face, severa e dura, era impermiavel ao sorriso.

Um estudante, o Décio, que costumava apparecer em visita ao pianista, escandali-

sando a casa com a sua alegria esfusiante, definia, em phrase cerce, a aprumada e resequida ingleza: «E' um homem aleijado em mulher». Mas gabava-lhe o tino, o genio administrativo, a austeridade puritana e o culto exaltado de Tennyson.

Alma escarpada, apparentemente esteril, um alcantil sem arestas, de todo nú e secco, era, entretanto, adorada na visinhança. A' noite, vultos atravessavam sorrateiramente o jardim, com embrulhos — eram os seus pobres que vinham á ração diaria.

Mais difficil do que a conquista de uma cidade bem artilhada e abastecida era conseguir um aposento naquella casa de tanta simplicidade e modestia.

Miss Barkley preferia conservar os seus aposentos vasios, a alugal-os sem todas as garantias. Tomava informações e, ouvindo-as, os seus olhos faiscavam como incendiados, aclarando-lhe a sagacidade coscovilheira, e só depois de convencer-se, com provas, da honestidade do pretendente, entregava-lhe a

chave, com as rigidas condições de moralidade e uma tabella regulamentar com a lista dos extraordinarios.

Mas era uma alta recommendação a residencia naquella casa: o recibo da «Pensão Barkley», valia como fiança no commercio e como folha corrida na sociedade.

Apesar da vastidão senhorial do predio eram poucos os que gozavam a sua tranquillidade, o conforto macio das suas poltronas Maple, a alvura cheirosa dos seus linhos, a sua solida e farta refeição, as flores do seu jardim, que nunca faltavam á mesa do jantar, nas étageres, nos aposentos dos hospedes, e sempre frescas.

No primeiro andar — o grande salão e dois quartos eram occupados pelo commendador Bernaz.

Rabugento e caseiro, sempre a esmoer, passava os dias encerrado ou, nos grandes calores, aproveitando as manhans e as tardes, com um costume branco de linho, largo chapeu de palha, sahia ao jardim rondando as sombras, sempre com um alfarrabio ou

mettia-se em um dos caramancheis para dormitar á sesta.

Era o hospede mais antigo; dizia-se até que fôra elle quem adiantára o capital a Miss., por isso ella o tratava com intimidade e um carinho quasi meigo.

Miss Fanny, professora. Tinha o seu aposento fronteiro ao de Miss Barkley — um quarto amplo, abrindo sobre a area central, cheia de vasos de plantas, com uma janella para o jardim. Passava os dias fóra, recolhendo á tarde da sua peregrinação pelo bairro a ensinar crianças, espalhando as regras e infundindo a pronuncia do inglez, leccionando historia, geographia, desenho e musica.

Sempre com uma bolsinha atulhada de brochuras inglezas, ao ver um pequenito em algum jardim, chamava-o e, atravéz das grades, passava-lhe um dos opusculos, mostrando-lhe as figuras; ás vezes ajuntava á offerta lapis de côres, cartões e seguia apressada, batendo rijamente as solas.

Aos domingos, reunia bandos garrulos

de crianças, levava-as aos jardins publicos, ás praias e alegre, rindo, com o sangue a manchar-lhe as faces, os olhos muito brilhantes, corria com ellas pela relva fina, por entre as arvores, ao longo do areal molhado, fortalecendo-as ao sol, na sadia exhalação dos bosques ou ao grande ar salitrado que vinha do oceano azul.

Era sardenta e soffria de enxaquecas, sempre com um vidrinho de saes e capsulas no bolso.

A' mesa falava o inglez ou estropiava, a contra gosto, o portuguez, com esgares de nojo, rolando as palavras na boca, como se lhe causassem nauseas.

Em um dos quartos que abriam sobre a varanda, Alfredo Penalva, quintanista de medicina, muito casmurro, ainda que, certa manhan, o jardineiro o encontrasse estirado em um dos caramancheis, a roncar, com um embrulho agarrado ao peito. Quando o levantou nos braços, chamando-o respeitosamente á decencia, o embrulho cahiu-lhe das mãos, desfez-se, e ovos duros rolaram pelo saibro.

No andar superior, perto da escada, eu tinha uma saleta e um quarto. Ao fundo, em vastos salões, Pericles de Sá, viuvo, empreiteiro de obras e photographo aos domingos. e á frente, enchendo o salão e tres peças, inclusivé o terraço entulhado de tinas e de vasos de plantas como um jardim babylonico, o formoso e excentrico James Marian.

Sim, Basilio. um guarda-livros; tinha no primeiro andar, um quarto ascetico, que era o desespero de Miss Barkley, porque o homem fazia questão de o manter em desordem, com os livros espalhados, os jornaes, as revistas pelo chão e berrava, vociferava quando, ao entrar, via os volumes em rimas ordenadas, os jornaes emmaçados, as revistas em pilhas, os cachimbos em uma prateleirinha. Esteve uma vez para mudar-se porque Miss Barkley, com o seu espirito de ordem, poz-lhe no quarto uma estante de ferro e, pacientemente, com verdadeiro prazer, arrumou nella os livros.

No porão, á frente, moravam tres rapazes exemplares — um, estudante de direito,

Chrispim; os dois outros, irmãos, Carlos e Eduardo, de familia ingleza, empregados em uma casa importadora.

Miss Barkley levantava-se ás 5 da manhan, no inverno, e ás 4 no verão, e, ás 6 horas, a casa resplandecia.

Os hospedes tratavam-se com intimidade, só o inglez do segundo andar, o apollineo James Marian, retrahia-se a todo o convivio, sempre sorumbatico, calado, apparecendo raramente á mesa ás horas das refeições, tomando-as só ou no quarto, quando não as fazia no jardim, a uma pequena mesa de ferro, sob uma arvore, com champagne a refrescar em um balde, ouvindo os passarinhos.

Aos domingos, cedo, todo de branco sahia com uma *raquette* para o *tennis* ou com a bolsa em que levava a roupa para o *football*.

Era, em verdade, um formoso mancebo, alto e forte, aprumado como uma columna.

Mas o que logo surprehendia, pelo contraste, nesse athleta magnifico, era o rosto

de uma belleza feminina e suave. A fronte limpida, serena e como florida de ouro pelos aneis dos cabellos que por ella rolavam graciosamente, os olhos largos, de um azul fino e triste, o nariz direito, a boca pequena, vermelha e um pescoço roliço e alvo como um cippo sustentando a belleza perfeita da physionomia de Venus sobre a força viril e energica de Marte.

O commendador, que o não via com bons olhos, só lhe chamava — o «Boneco», e Basilio, sempre azedo, não o supportava, achando-o ridiculo com aquella cara de manequim de cabelleireiro.

James entrára com uma bagagem de lord e grandes recommendações de Smith & Brothers. Miss Barkley admirava-o e, á noite, na varanda, ouvia-o, com enlevo, falar das suas viagens nas terras barbaras, em caravanas, caçadas de grande risco nos juncaes da India, luta com uma cabilda negra, no Sudão, aventuras e temeridades de toda a sorte.

Conhecia o mundo e sonhava com uma

viagem ao polo para olhar os extremos frios da terra de cima de um *fjord*, ouvir rugir o urso, bramarem as rennas sobre as *banquises* errantes.

Os hospedes revoltavam-se contra a indifferença, as maneiras seccas de James; achavam-no sem educação. «Se tem libras, coma-as, dizia o commendador, ninguem lh'as pede. O bruto! Nem para dizer bom dia... Pensa que está a lidar com os negros da Africa... Engana-se!» Miss Fanny intervinha apaziguando com a sua voz infantil e o seu portuguez araviado: «Elle era até distincto. Um pouco acanhado, vergonhoso... Falassem-lhe...»

— Falar! a quem? ao Boneco? Ora! pelo amor de Deus! O Decio almoçando, um domingo, na pensão, alludiu a um lindo inglez que vira.

— Imaginem, a mais formosa cabeça de mulher sobre o tronco formidavel de um hercules de circo. A belleza e a força. Toda a Esthetica!

— Pois saiba o amigo, adiantou o com-

mendador, mexendo, com vagar, a sua salada de batatas, que toda essa Esthetica, ou como diz, é o maior grosseirão que o céu cobre.

— O commendador conhece-o?

— Se o conheço!? se elle móra aqui! Decio arregalou os olhos exclamando, num berro:

— Aqui!

— Sim, senhor. Olhe, pergunte a Miss Barkley. Miss baixou os olhos, com um leve rubor nas faces. Mas alguem ousou contrariar o commendador; foi Frederico Brandt:

— Não é um grosseiro, é um timido. Todos voltaram-se para o pianista que se servia de peixe.

— Um timido! exclamou Basilio, carregando o sobrecenho. Por que timido e não grosseiro?

— Eu explico. Miss Fanny repousou o talher, interessada, e todos os olhos fitaram-se no rosto moreno do professor. Uma noite — eu estudava a *Pathetica* de Beethoven, quando, em uma pausa, pareceu-me ouvir

andar no jardim, passos cautelosos que se distanciavam. Corri á janella, abri-a e, ao luar, reconheci Mister James.

Ainda estive um momento a contemplar a noite, voltei depois ao piano e toquei até tarde. Quando me levantei para fechar a janella elle subia á varanda, lentamente.

Depois dessa noite nunca mais falhou aos meus estudos e eu toco, certo de que elle está por ali, entre as arvores, em algum canto, ouvindo-me. Conhece-me, olha-me. Encontramo-nos todos os dias. Nunca me falou.

— E' um romantico, explicou o Décio.

— Orgulho! bradou o guarda-livros.

— Qual orgulho. Timidez. Décio corroborou:

— Póde ser. Em geral, esses colossos são timidos e ingenuos como crianças. A verdadeira força é simples como a natureza.

— Ora, a natureza! A natureza não tem obrigação de ser educada. Um homem sim, deve ser polido. Já se vê que ninguem se revolta contra as palmeiras ahi da rua, porque não se afastam para dar passagem nem con-

tra a chuva que molha, mas um homem, vivendo entre homens, tem obrigação de ser cortez. Agora um bruto passar por mim, muito teso, batendo com os pés, sem, ao menos, tocar no chapeu... isso lá, mais devagar... E' grosseria, é grande!

— E' besta! resumiu Basilio. Explodiu uma gargalhada. Pericles de Sá, que se conservara em silencio, pigarreou. Penalva teve um engasgue e poz-se a tossir e os dois irmãos, Carlos e Eduardo, muito vermelhos, abafaram o riso com os guardanapos. Miss Barkley fechou a cara resentida e os seus olhos lampejantes ergueram-se para o guarda-livros que mastigava com gana. Pairou um silencio que Brandt interrompeu dizendo:

— Eu mesmo tenho dessas coisas: só falo quando conheço.

— E elle? não nos conhece? não mora aqui?! Bradaram, a um tempo, com furia igual o commendador e Basilio.

— Sim, mas...

— Mas, o que? não ha mas. Quer o senhor tomar as dores pelo homem só porque

elle vai ouvir as suas musicas. Ora, pelo amor de Deus!

— Eu não peço auditorio, commendador. Quando o quero annuncio um concerto.

Houve um hiato de acanhamento, olhares cruzaram-se; sentia-se o mal estar vexado. Miss Barkley acudiu a tempo:

— O' senhores, que discussão! Que é isto? Com um dia tão bonito, realmente. Esqueçam mister James com as suas excentricidades. O inglez é assim, tem nevoeiros na alma. Deixem vir o sol e hão de vel-o alegre como um passaro. Almocemos em paz.

Ainda discutiam quando a campainha vibrou. O criado subiu ao segundo andar e voltou communicando a Miss Barkley que mister James queria o almoço em cima, e champagne.

No dia seguinte, uma brumosa segunda-feira de vento, Basilio, ao descer para o almoço, encontrou Miss Barkley no vestibulo, onde tinha a sua escrivaninha protegida por um biombo, e houve entre os dois uma troca

de palavras a proposito da scena da vespera, á mesa.

— O senhor comprehende: tenho aqui rapazes, preciso manter o respeito.

— Tem razão, Miss, eu sou mesmo esquentado, é o meu genio. Mas não ha duvida. Não falarei mais no homem: morreu para mim. E olhe — diga ao Alfredo que não me bula na mesa, deixe tudo como está. Era a defesa da desordem.

Uma noite, estava eu a adiantar um trabalho, quando me pareceu ouvir gemidos, depois o baque de um corpo, nos aposentos do inglez. Estive um momento indeciso, á escuta, mas como os gemidos continuassem sahi ao corredor, adiantei-me até a porta do salão — estava aberta, havia luz. Os gemidos cessaram e eu já me decidia a voltar quando vi apparecer mister James, mais livido que nunca, os olhos immensos, alargados com expressão de pavor, a boca entreaberta, o alvo e formoso pescoço nú até a golla baixa da camisa de seda.

Viu-me, correu a mim, tomou-me as mãos

ambas, arrastou-me até o sofá onde se deixou cahir arquejando. Atordoado com tamanho imprevisto fiquei sem acção, a olhar aquelle homem que se debatia mettendo os dedos pela golla da camisa como para alargal-a, agitando afflictamente a cabeça, num desespero d'ar.

De repente, fitando em mim os grandes olhos maravilhosos, sorriu, com meiguice feminina, abrindo largamente os braços no encosto do sofá e derreando a cabeça dourada e revolta.

Tomei-lhe o pulso, estava agitado; toquei-lhe a fronte: era de neve. Sentei-me junto delle e interroguei-o:

— Que sente? Agitou-se, estirou as pernas, estalaram-lhe de rijo os dentes.

Sobre a mesa havia uma garrafa e copos: whisky. Preparei-o com agua e offereci-lhe. Bebeu a goles espaçados. Esteve ainda um momento inerte, d'olhos cerrados, como adormecido, respirando a custo, mas pouco a pouco, readquirindo a calma, sorrindo em extase, murmurando palavras vagas, poz-se

a passar a mão pelo peito. Levantou-se d'impeto e, muito brando, muito affectuoso, apertou-me a mão: *Thank you... Thank you...!* Ainda esteve um momento em silencio, conservando a minha mão na sua, por fim afastou-se, poz-se a caminhar pelo salão, chegou ao limiar do terraço, retrocedeu hesitante, a olhar perdidamente e a sorrir.

Despedi-me, offerecendo-me para o que fosse preciso. Elle acompanhou-me á porta muito agradecido, explicando «que era sujeito áquellas vertigens». E apertou-me effusivamente a mão, sorrindo: *Thank you! Thank you!*

Recolhi aos meus aposentos e nessa noite não consegui adiantar uma palavra ao trabalho que tinha em mãos. Estive á janella fumando, li, deitei-me insomne, preoccupado com o caso e era madrugada — começava o movimento na rua — quando adormeci.

De manhan, atravessando a álea de acacias a caminho do banheiro, descobri James parado sob uma arvore acompanhando, com interesse, as idas e vindas de uma camaxirra

que se instalava em um ramo, tecendo o ninho.

Ouvindo os meus passos voltou o rosto. Eu ia falar-lhe quando o vi afastar-se vagarosamente, os braços para as costas, a cabeça baixa.

Senti uma revolta. Decididamente o commendador e Basilio tinham razão.

E nunca mais nos encontrámos. Do meu quarto, á noite, eu ouvia-lhe os passos até tarde, ás vezes cantarolas; mais nada.

Uma noite passeavamos na praia de Botafogo, Brandt e eu, quando o vimos passar em um carro aberto.

— Lá vai o excentrico, disse o musico atirando á rua a ponta do charuto. Commentámos aquella vida mysteriosa e eu referi o caso da noite, «a vertigem» e Brandt, depois de ouvir-me em silencio, disse:

— Para mim é um doente d'alma. Queria que o visses á noite, quando tóco.

O homem vem até á minha janella e ali fica horas e horas, ouvindo. Ha certas musicas que o irritam, não sei porque. Mal as

começo, vai-se, nervoso, resmungando. Outras attrahem-no como a *Melodie-nocturne*, de Meyer-Helmund, por exemplo — e não me causará surpresa vel-o, uma noite, entrar no chalet, ouvir e retirar-se sem dizer palavra. Beethoven e Schumann exercem verdadeiro prestigio sobre elle. Se queres convencer-te vem ao chalet e verás. E o mais interessante é que Miss Fanny adora-o.

— Quem? Miss Fanny!

— Sim. Até não sei se o homem fica no jardim para ouvir-me ou se o meu piano é apenas um pretexto. Conversam, passeiam juntos. Vejo-os andar por ali até tarde.

— Miss Fanny!

— Pois não.

— Ora!... Não é possivel. Miss Fanny? Não creio.

— Quando quizeres convencer-te.

— Amanhan, então...!

— Seja amanhan. Vai cêdo: ás 9.

— Está dito. E despedimo-nos. Brandt ia a um anniversario rico, estava no programma com uma *Elegia* e a *Marcha dos mystas*.

A noite abafava. Ao longe, sobre o mar oleoso, luziam relampagos alumiando um céu denso e revolto. Golpes de vento levantavam torvelins de poeira.

Na noite seguinte, á hora convencionada, entrei no chalet. Brandt esperava-me folheando vagamente a partitura do *Parsifal*.

A sala era um encanto. Moveis amplos. de repouso: poltronas e divans de marroquim verde; o grande piano Bechstein, de cauda, aberto, e um harmonium. Um biombo de seda a um angulo com altas cegonhas a fio de ouro, pensativas, fincadas em uma pata, sobre estrias tremulas que figuravam um ribeiro e a haste longa, esguia e recurva de um lirio, aberto em calice, emmoldurava as aves.

Num cachepôt, em columna de faiança, uma palmeira inclinava graciosamente as folhas em flabellos e nas paredes quadros preciosos, gravuras, retratos, mascaras carrancudas de samurais, porcellanas antigas; uma panoplia authentica arranjada em torno de um escudo com um morrião ao alto e, irra-

diando, um trophéu de flexas indigenas, e zarabatanas e tacapes e borés á volta de um vistoso cocar de plumas flanqueado por um cinto de tucum franjado de campanulas de côco e uma luzida cabelleira negra, longa, a escorrer como a cauda farta de um potro selvagem.

As estantes de musica regorgitavam d'albuns. Um reposteiro verde encobria a porta do quarto.

Brandt abriu uma das persianas e logo um ramo de jasmineiro, estrellado de flores, inclinou-se com intimidade invadindo o aposento.

Um luar triste nevava.

Fóra, á margem, as arvores faziam um sussurro de sedas amarrotadas e, a espaços, um grito agudo, lancinante, maguava o silencio. Era na vizinhança, uma senhora a rolar gorgeios em falsete hysterico.

Brandt sorriu e, tomando um album na estante, abriu-o ao piano e sentou-se, dizendo-me serenamente:

— Vou attrahil-o. Correu o teclado, es-

teve um momento recolhido, de olhos altos, como á espera de um influxo superior...

Os dedos moveram-se de leve, serenos, num arroubo, desenhando na alma essa suave *Pastoral*, de Beethoven. Os sons iam cantando, espalhando a divina poesia, abrindo o sentimento para o mysterio da natureza, voando, borboletas do sonho, para o sonho da noite, a confundir-se com o perfume, lá fóra, na serenidade mystica do espaço adormecido, ao luar.

Ia-se-me da memoria a razão daquelle encanto, a causa daquella festa harmoniosa quando o pianista que, de instante a instante, inclinando-se lançava os olhos ao jardim, avisou-me imprimindo mais alma á maravilhosa symphonia: «Ahi vem elle!»

Eu occupava uma poltrona fronteira á janella e vi distinctamente o vulto branco adiantar-se, ora em plena luz, ora velado pela sombra dos languidos ramos.

Soergui-me na poltrona para ver melhor, nada; adiantei-me até a janella, olhei: lá estava elle immovel, junto a uma palmeira, ouvindo.

Longe, outro vulto branco, leve como a neblina das manhans, parecia oscillar ao fim da álea de acacias como balouçado em lenta redouça. Era Miss Fanny. E assim estiveram emquanto a musica soou.

Calando-se o piano, James deixou o seu posto e foi-se vagarosamente ao encontro da professora. Seguiram como visões pallidas, perderam-se na sombra, ladeando um dos caramancheis que o luar caleava.

— Tens razão. E' um idyllio.

— Estás convencido?

— E' verdade.

— Já vês que o inglez não é tão excentrico como parece.

— Mais do que parece, Brandt. Lindo como é, com a fortuna que possue, podia levar o coração mais alto e dar aos olhos o encanto de uma face divina. Miss Fanny... has de convir... Excellente moça, não ha duvida, mas...

— Quem sabe lá! Miss Fanny é intelligente, tem uns cabellos que a transfiguram e o amor contenta-se com pouco. Ha quem

concentre a paixão em um sorriso, em um gesto, no som da voz, abstrahindo tudo mais. Ama-se, ás vezes, a dor. Quem sabe lá! As almas puras aprofundam-se. Nenhum dos dois é um ser vulgar: elle, um excentrico; ella, uma idealista. A formosura é van. O coração não vê, sente. A vista é da intelligencia, não do sentimento: está na cabeça... e a cabeça é o que fluctua na realidade, — o coração, esse mergulha no mysterio, é o rythmo. Quem sabe lá! Mas deixemo-nos disso. Agora Schumann, a *Reverie*. E preludiou.

De novo, ao luar, alvejaram os dois vultos. Em passo moroso e pensativo James, destacando-se da companhia, veiu ficar junto da palmeira e Miss Fanny conservou-se no mesmo ponto em que apparecera, immovel e branca, como de marmore.

Ao fim da sentida pagina James, silenciosamente, retomou o caminho a juntar-se á professora e, confundidos em uma só mancha, desappareceram na sombra.

— E' curioso!

— Que dizes?

— Não sei. A noite ia alta, serena e afagante, com o luar cada vez mais alvo como uma flor que se fosse abrindo no silencio. A aragem fresca meneava os ramos sacudindo as flores fecundas ou virgens que amavam esparzindo aroma ou recebendo germens. O perfume subia como uma voluptuosa serenata: era o hymno nupcial das rosas sensuaes, o epithalamio das magnolias e dos jasmins, a divina harmonia das corollas.

Languidamente os galhos inclinavam-se e as sombras negras dos ramos, movendo-se na areia das áleas, eram como vigias de amor, escondendo discretamente o colloquio nocturno.

Brandt, á janella, repetiu a phrase:

— Quem sabe lá! Pode ser um puro amor espiritual, essa divina affinidade que estabelece uma corrente de attração entre almas distanciadas, fazendo sahir do friul do Norte um homem louro para os braços morenos de uma filha do paiz do sol. O povo chama a essa força mysteriosa — Destino. E por que não — Sympathia? A formosura é uma illu-

são dos sentidos. Bello, verdadeiramente Bello só o Ideal. A noiva de Menippo é um symbolo. Não ha formosura que resista ao Tempo, e o Bello é eterno como o Ser.

Eu te digo: ha occasiões em que me sinto ardentemente apaixonado e a Mulher que eu amo (chamemos-lhe Mulher, que é a expressão do feminino) não vive, e existe; é immaterial e eu sinto-a. Vejo-a numa onda de sons como se vê o fumo que sóbe dos thuribulos.. Envolve-me com a sua essencia e dá-me o puro gozo espiritual, que é o extase, mais dôce, mais fecundo que o espasmo ephemero que gera a morte. E' a Melodia, dirás. Não sei, eu chamo-lhe Amor. Nunca amaste?

— Verdadeiramente, nunca. Tenho tido impressões fugazes.

— Fugazes... O amor é uma ideia fixa: sóbe do coração em sentimento e torna-se pensamento no cerebro. Quem sabe lá? Esse homem encontrou, talvez, em Miss Fanny o complemento do seu ser, o seu feminino. Eram duas ancias que se procuravam no Ideal. As palmeiras não amam á distancia?

— E já notaste, Frederico, que o rosto de James não tem um só traço viril?

— Rosto de esphinge, meu amigo.

— Dizes bem: de esphinge. Bôa noite, Brandt. E obrigado pelo espectaculo.

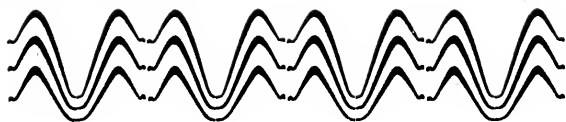
— Se te agradou, volta. E, á porta, accrescentou: Ainda espero arrastal-o até aqui. Orpheu domava as feras, sustava o curso dos rios com a sua lyra mystica. Não é muito que eu avassalle uma alma.

— Tens a Arte toda poderosa. Até amanhan. Chegava á varanda rescendente e clara quando o silencio abriu-se em sons de enternecida e commovedora doçura. Encostei-me á balaustrada, ouvindo. Era o «arioso» de Elsa, a descripção do sonho, o canto humilde da Fragilidade fortalecida pela Fé, á margem do Scaldo, entre a crueldade perfida de Frederico e Ortruda e a indifferença dos brabanções. De onde vinha? que voz o espalhava pela noite com tão dôce meiguice?

Mas uma exclamação estranha arrepioume:

O my soul! Where art thou, my soul..!

Relanceei um olhar e vi o branco vulto de James perto do caramanchel, os braços levantados para o céu, em supplica e, de rojo á borda de um canteiro, como uma ruina, Miss Fanny chorava.

II

Uma manhan, em alvoroço alviçareiro, Alfredo entrou-me pelo quarto muito risonho e, ainda á porta, arquejando, annunciou que o inglez ia almoçar em baixo, comnosco.

Fôra elle quem levara o recado. Miss Barkley ficára commovida: cobrira a mesa de flores, fizera subir do jardim tinas de plantas e andava a rondar o cozinheiro, combinando pratos, recommendando o tempero das carnes e a frescura dos ovos e da alface para que soubessem bem ao homem difficil. Duas garrafas de champagne esfriavam na geladeira e aquelle suor que o alagava, empastando-lhe o cabello, era da corrida em que fôra ao largo do Machado, procurar cos-

telletas de carneiro e frutas para a sobremesa.

— Mas então... á mesa commum? indaguei com interesse e incredulidade, e Alfredo, com a vassoura e um panno debaixo do braço, affirmou:

— Sim, senhor. E já lá está, desde cedo, á varanda, com um livro.

Que pena não ser domingo para que todos gozassem a surpresa. Como haviam de sentir, ao saberem o grande caso, Basilio, Péricles, Brandt, Penalva, Chrispim e os dois inseparaveis irmãos. E Miss Fanny, coitada! Lá andava a tagarellar com as crianças, de casa em casa, a desenhar paizagens, a zaragalhar sonatinas com o pensamento nelle, esperando anciosamente a noite.

Só o velho Bernaz e eu iamos ter a incomparavel fortuna de ver o divino mancebo trincar a fêbra, beber o vinho, chuchurrear as uvas, sorver o café, talvez ouvil-o, gozar o som da sua voz.

Desci ao primeiro toque da campainha, que o copeiro badalava num furor d'alarma,

e logo notei as grandes modificações da sala: mais alegre com o viço das palmeiras, com a côr viva das rosas ainda orvalhadas, com o brilho ceruleo dos crystaes e, ao centro da mesa, resplandecendo, atufada de flores, uma barca de prata entre tritões festivos.

Miss Barkley, muito esguia, com os lustrosos bandós em placas, ia e vinha, lésta e silenciosa, e os seus oculos faiscavam attentos e os seus dedos ageis incessantemente arranjavam, dispunham, alinhavam—aqui um guardanapo, ali um talher, adiante uma flor.

Sobre a toalha bordada estendiam-se pannos entremeiados de seda e ouro, numa riqueza de festim. No bofete alinhavam-se garrafas, e a geleira de crystal com a pinça em garras.

James, na varanda, em costume de flanella, ás listas, repoltreado numa cadeira de vime, lia uma brochura.

Passei por elle indifferente e encaminhava-me para a escada, admirando a pureza do céu azul e o brilho das palmeiras, ao sol, quando o senti levantar-se, seguir-me; por fim

chamou-me polidamente. Ao voltar-me já o achei de mão estendida e o seu lindo rosto, de uma cutis alva e fina como o jaspe, sob a qual um sangue moço transparecia em rosas, era encantador com o sorriso que o revestia.

O nosso aperto de mão foi verdadeiramente affectuoso. Fitámo-nos um momento enleados, sem dizer palavra: elle corava, eu sentia-me empallidecer e, como a surpresa me detivesse no patamar da escada, elle inclinou-se gentil e, com um gesto gracioso, convidou-me a descer, cedendo-me o primeiro passo.

Juntos, como amigos intimos, passámos ao jardim onde a cascatinha (outra gentileza de Miss Barkley) jorrava com abundancia, como uma fonte num bosque.

O jardineiro, que tosava a gramma dos canteiros, balanceando o corpo em rythmo, ao jogo do alfange, estacou subito, pasmado e, tirando humildemente o chapeu, ficou a olhar-nos, com o cigarro pendido ao canto da boca.

Nem me passou despercebida a calva do commendador luzindo por entre as folhas entreabertas de uma janella, a seguir-nos, com assombrada curiosidade, no trajecto que faziamos, devagar, conversando, por entre as roseiras taladas.

Cigarras cantavam alacremente, borboletas esvoaçavam, pousavam nas hastes tremulas e o sol, rutilando na areia, amollecia languidamente a folhagem num quebranto de fadiga voluptuosa.

E James, com a sua voz macia, acariciante, perguntou-me: «Se eu lhe podia traduzir do inglez um escripto, especie de novella... Uma extravagancia...?»

— Pois não. Tomou-me o braço e eu, cada vez mais aturdido, tremendo como se fosse arrastado por um assassino, em viella escusa, longe de todo o soccorro, estava intimamente encantado com a proposta que me deixava no limiar do arcano, ligando-me, pela intelligencia, áquelle estranho homem, cuja belleza era um mysterio, maior, talvez, do que as suas excentricidades,

— Tenho o manuscripto. A letra é desigual, nem sempre clara, mas como os nossos aposentos são contiguos, qualquer duvida, não é verdade?... Não faço questão de preço.

— Preço? Como preço?

— Naturalmente, é um trabalho difficil, muito difficil.

— Não, mister... Não costumo traduzir. Nunca traduzi, se faço uma excepção é por sympathia, sem outro interesse.

— Oh! não... não...! O trabalho é difficil, muito difficil.

— Tanto melhor, ganharei com isso apurando-me no inglez.

— O'...! o meu inglez...

— E' então uma novella? Elle parou transfigurado, a boca semi-aberta, fitando em mim os grandes olhos tristes e, depois de um momento, disse em tom vago, subtil, como em confidencia de amor.

— E'... a minha... novella. Um arrepio percorreu-me a espinha. Em voz surda e tremula perguntei:

— Deve ser linda! Corou, deu d'hombros,

remordendo os labios e, como se lhe faltasse o ar, sacudiu anciosamente a cabeça, que parecia de ouro, ao sol.

— Pois estou ás suas ordens.

— Quando quer começar?

— Quando quizer.

— Amanhan...?

— Sim, amanhan.

— E' muito difficil! repetiu cabisbaixo. Muito difficil!... O terceiro toque de campainha fez-nos voltar. Miss Barkley, debruçada á varanda, alongava os olhos pelo jardim e, quando nos viu apparecer, deu largas á surpreza:

— Oh! não sabia que se conheciam.

— Sim, Miss... pois não, uma noite... O velho Bernaz, que vestira a sobrecasaca, arrugava o rosto, em esgares, ás picadas dos callos e não perdi o olhar de odio que me lançou, como a um traidor, vendo-me com o inglez. James inclinou-se diante delle obtendo apenas, em resposta, um resmungo mal-humorado. E sentámo-nos á mesa que trescalava.

James, achavascando o portuguez, gabou as flores com exaltação, e, amavel, offereceu rosas a Miss Barkley, que as espetou no corpete; a mim que a arranjei na botoeira. O commendador deixou a que lhe coube, uma admiravel Vermerol, sobre a toalha. James tomou para si uma Paul Neyron.

O almoço correu alegre. Miss Barkley galrava expansiva. O criado serviu o champague, mas quando chegou com a garrafa ao commendador o homem inflexivel espalmou a mão papuda sobre a taça, recusando.

— Não bebe? perguntou James. E o velho, sem levantar a cabeça, roncou:

— Agua. E pediu a quartinha. Mas ao café desemperrou num francez rascante e avariado, falando da belleza radiante do dia, das cigarras, do calor e, a proposito das uvas insipidas, lembrou o seu Douro abundante.

— Aquillo sim, uvas ali! James devia saber porque os vinhos das melhores cêpas portuguezas envelhecem nas vastas adegas de Londres.

— Oh! sim... o Porto...

— O Porto e os outros, os bons. Em Portugal só fica o carrascão. Deixámos a mesa ás duas da tarde, amollecidos e, como James passasse á varanda com Miss Barkley, o commendador, avançando em pontas de pés, cruzou os braços diante de mim e, pandeando o ventre, perguntou com um grande beiço humido e os olhos muito brejeiros:

— Mas que me diz o senhor a isto? Explique-me esta coisa...

— O homem humanisou-se, commendador.

— Chegou-se ao rego, eu não lhe dizia? E, agarrado ao meu braço, em segredo: E olhe que é mesmo sympathico. Hoje é que reparei. Cara de mulher, vocês têm razão. Cara de mulher e bonita! Se Miss Fanny a apanhasse, hein? dava uma perna ao diabo. E cascalhou um risinho trocista.

O jantar, nesse dia, apesar da redobrada actividade de Miss Barkley, que não descançou um segundo, aligeirando os criados, só foi servido ás 7 horas, ao fulgor desusado de todos os bicos de gaz.

Na sala, a que a mesa, mais estendida e mais rica, dava um aspecto solemne, entre o brilho luminoso dos espelhos do bofete e dos trinchantes, por vezes, ao lufar da aragem que agitava as palmas das arécas e das lataneas, havia murmurios leves de silvas.

Os hospedes, informados do grande acontecimento do almoço, zumbiam cochichos passeiando ao longo da varanda.

Décio, que apparecera ruidoso, numa grande ancia de arte, appellando para o «estupendo» Frederico, evocador das melodias thracias, esfusiava commentarios sobre James, o Apollo bretão que, enfastiado do languido Olympo e da insipida ambrozia, descera a confraternizar com os mortaes, comendo á mesa, com appetite humano, o ensopado de vacca e as folhas das hortas.

Péricles, desolado, lamentava achar-se desprevenido de chapas, senão perpetuaria em um instantaneo a entrada de James.

— E se cantassemos o *God save the king !?* lembrou Décio. Mas Penalva adiantou-se.

— Nada de troças com esse homem. E' terrivel!

— Quem? perguntou Basilio em tom de desprezo.

— Quem? James Marian. Conhecem o Felix Alvear? é um colosso. Todos concordaram..

— Um monstro! accrescentou Décio, arregalando os olhos.

— Pois no domingo, depois do jogo, no *Fluminense*, só porque o Felix fez menção de beijal-o, chamando-lhe *Miss*, elle metteu-lhe as mãos ao peito e, como o outro investisse, atirou-lhe um murro pondo-lhe a cara em sangue. O engraçado é que depois teve uma syncope.

— Maricas!... achincalhou Basilio. E' que não havia um que entendesse da coisa. Isso não vai a muque. Calça-se o freguez ou manda-se-lhe a cabeça aos queixos. E' um instante. Elle que se metta commigo.

— E o senhor...? e Décio espalhou-se em gestos capoeirosos.

— Entendo, entendo um pouco; defendo-

me. Fui homem! Hoje, cançado... Ainda assim não é qualquer que me toma a frente.

Quando Chrispim appareceu, muito timido, com um risinho vexado, abotoando o paletó de alpaca, Basilio murmurou: «Ahi vem o espinafre!» Todos riram á socapa, dispersando-se e o estudante, muito magro, sardento, com o pince-nez montado no nariz em pico, os cabellos arrepellados, passou em silencio, esfregando as mãos e, hesitando entre os hospedes, acercou-se de Carlos falando-lhe baixinho, em sussurro, sobre a belleza do occaso e o perfume que subia do jardim onde a agua do esguicho ruflava sobre as folhagens.

O commendador, de sobrecasaca, chegou á porta e inclinou-se acenando a todos com a mão aberta.

— Boa tarde, commendador.

— Calorsinho, hein?

— Horrivel! Mas Miss Fanny, subindo do jardim, de branco, com uma orchidea no corpete, fez cessar o murmurio. Abriram alas e ella passou ligeira, agradecida e co-

rada. Soou o terceiro toque e Miss Barkley appareceu muito tesa e, docemente, com um olhar a todos, convidou:

— Vamos? Mas hesitaram.

— E Mister James? perguntou o commendador. Miss Barkley sorriu, deu d'hombros:

— Está incommodado. Foi um desapontamento. Basilio murmurou: «Está bebedo».

Entraram em silencio, sentaram-se e o criado começava a servir a sopa, quando Miss Fanny, acenando de cabeça para um e outro lado, levantou-se abafando a boca com o lenço. O guarda-livros olhava-a d'esguelha e, quando ella desappareceu no corredor, rosnou para o Decio:

— Tisica, meu amigo. Está prompta. Este anno cantará Christmas debaixo da terra. Voz horrivel! Tambem... é uma careta de menos. Ao peixe, a professora reappareceu sem a orchidea e mais pallida. Sentou-se acanhada. Volta e meia arfava num estúo anciado do collo, levando o lenço á boca.

E o jantar correu frio. Além do tinir dos talheres, nada mais quebrava o pesado si-

lencio. Ninguem se atrevia a atacar um assumpto; a palestra era sussurrada, em segredo timido, entre dois. A's vezes um sorriso percorria a mesa, morrendo onde começara. O proprio Basilio, sempre a rilhar sarcasmo, devorava calado, com um chapinhar de mandibulas vorazes.

De repente, num arranque, afastando violentamente a cadeira, Decio poz-se de pé, os braços estendidos para fóra, numa attitude de adoração e de enlevo. Todos, num espanto mudo, seguiram-lhe o olhar deslumbrado.

O clarão da lua descia docemente cobrindo as arvores d'uma névoa de prata, assoalhando d'alvo a varanda, entrando á sala. Uma das palmeirinhas, á porta, reluzia e Décio, d'olhos fitos, saudou em arroubo:

«O' Rabbetna... Baalet!... Tanit!... Anaitis!... Astarté! Dercetto! Astoreth! Mylitta! Athara! Elissa! Tiratha! Pelos symbolos occultos, pelos sistros resoantes, pelos sulcos da terra, pelo eterno silencio e pela eterna fecundidade, dominadora do mar tenebroso e das plagas azuladas, ó Rainha das coisas

humidas, salve». E, um momento ainda, manteve a attitude contemplativa; por fim, sentando-se e servindo-se de assado, exclamou: — Maravilhoso!

Riram. Miss Barkley meneou a cabeça condescendente.

— Isto é teu? perguntou Penalva.

— Meu?! e os olhos vivos do Decio, cravados no collega, lampejavam. O' barbaro! pois não sentes o genio? Isto é do divino Flaubert. E' a invocação de Salammbô. E, voltado para a noite quieta e branca, d'um calor macio e tocada do aroma das magnolias, erguendo o copo a toda a extensão do braço, exclamou: Gelo!

— Grande memoria! gabou o commendador.

— Extraordinaria! confirmou Penalva. Recita paginas e paginas. Versos, então... sabe volumes inteiros de cór. Baudelaire, por exemplo... é só pedir por boca.

— Nem tanto, meu caro, contrariou, com modestia, o estudante; sei uma ou outra poesia. Mas logo, exaltado: Tambem quem não decorar Baudelaire não sente, não tem alma.

— Perdão, meu amigo, atalhou o commendador espalmando a mão — sou uma creatura como o senhor, quero dizer: tenho alma, a prova é que sou christão e aqui lhe digo: em coisas de memoria sou uma pedra. Basilio sorriu ferino e, rolando bolas de pão, perguntou sem levantar a cabeça:

— E numeros, commendador? cifras...?

— Sim, isso vá; pela pratica. Mas no collegio... A historia, por exemplo. Nunca pude com aquillo: misturava os reis, fazia uma confusão dos diabos. Perdi-me nas cruzadas.

— Mas achou-se com os cruzados, perpetrou Basilio esfregando os dedos. A gargalhada explodiu irresistivel e o commendador, com um risinho amarello, enrolando o guardanapo, engrolou uma resposta que se perdeu. Miss Fanny dirigiu-se a Décio, apartando de leve as rosas de um vaso que o encobriam.

— E de Tennyson? sabe alguma coisa, doutor?

— Ah! Miss... infelizmente... e meneou

com a cabeça em negativa. De inglez só conheço o bolo.

— Oh! Tennyson... exclamou a professora, d'olhos em alvo.

— Tennyson!... repetiu Miss Barkley enlevada e, levantando-se, propoz o café na varanda, ao luar. Estava uma noite divina.

— Admiravel. E sahiram. A palestra, ainda que interessante e agradavel, sob o encanto da noite que refrescara, não me attrahia. Riam e eu, com o pensamento longe, suppunha-me, ás vezes, attingido por alguma allusão e desconfiava, sopitando revoltas. Pericles notou o meu alheiamento e, atirando-me uma palmada á coxa, disse:

— Estás preoccupado, homem.

— Distrahido... Debalde o Décio recitava com a sua voz cadente, fiel ao rythmo, afinando as rimas, pondo em realce as imagens; debalde o seu espirito transbordava em facecias troçando a litteratice, expondo o ridiculo da elegancia xacoca, commentando o mimetismo futil do indigena, as cavilhas da moda mettidas á força de insistente ma-

lhar *precioso* nos habitos simplorios da nossa vida. Riam-se. Eu só mantinha-me indifferente. E' que pensava no manuscripto que me fôra promettido e que eu contára achar, á volta da cidade, sobre a minha mesa para enveredar por elle, procurando na trama dos periodos um rastro que me levasse ao mysterio d'aquella alma indecifravel e, talvez, quem sabe? ás ideias d'aquella cabeça feminina implantada disparatadamente num corpo másculo, fazendo pensar em um robusto jequitibá cujas franças fossem um roseiral.

Quando Brandt, erguendo-se com desafogado resfolego, convidou-me para o chalet, recusei allegando «mau estar».

— A musica é um balsamo. Lembra-te de Saul: disse Penalva. E Décio accrescentou seduzindo-me:

— E hoje vamos ter a Invocação de Eurydice. Resistes?

— Estou doente.

— Vais deitar-te?

— Talvez.

— E' monstruoso! Com uma noite d'estas chega a ser infamia!

— Sinto-me mal.

— Pois vai, alaparda-te! E que os pesadellos te persigam. E o grupo desceu tumultuoso e alegre e foi-se pelo jardim, ao som da voz do Décio que declamava, entre as acacias douradas:

Ce ne seront jámais ces beautés de vignettes.
Produits avariés, nés d'un siécle vaurien...

Basilio espichou as pernas bufando:

— Agora sim, podemos gozar a noite. Chrispim e os irmãos Carlos e Eduardo desceram: o primeiro, para os livros: os dois outros para o passeio que faziam, todas as noites, ao longo da Avenida, até Botafogo. O commendador repimpado, as mãos cruzadas no ventre, rolava os dedos. As duas Miss sussurravam á balaustrada. Um bico de gaz apenas illuminava a sala.

Pericles abordou a politica e logo começaram as lamentações e os augurios funestos e, á serenidade do luar, emquanto as flores exhalavam, a Patria, desaggregada dos seus

fundamentos, rolou esfarellando-se nos boatos, como em arestas agudas, aviltada, insolvavel, desapparecendo, em ruinas, num abysmo sem fundo, que era a guela do inglez. Despedi-me entediado.

Quando entrei na minha saleta, toda esteirada de luar, o coração bateu-me de chofre, num esbarro presago. Voltei-me relanceando os olhos pelo interior deserto. Os sons do piano de Brandt chegavam-me suavisados pela distancia. Risquei um phosphoro, accendi o gaz matando a luz astral e fiquei parado diante da mesa absorto, esquecido de tudo.

E porque não havia eu de dirigir-me a James? O meu retrahimento não tinha mais razão de ser depois da manhan que passaramos juntos, em intimidade quasi confidencial. Atrevi-me e, sahindo resolutamente ao corredor, caminhei direito á porta do salão.

Estava entreaberta e o vasto aposento, em silencio, sem outra luz senão a do luar, pareceu-me funereo.

O impulso d'animo que me levara até

ali afrouxou em covardia. Ainda assim relutei contra a timidez pusillanime que me arrancava para os meus commodos tão nús, tão tristes sem aquellas promettidas paginas que eu almejava e para as quaes tendiam, numa attracção mysteriosa, todas as energias de minh'alma.

De leve impelli a porta. Um estalo secco detonou. Recuei crispado, sob a impressão d'um arrepio; mas insisti. A porta cedeu abrindo-se sobre o salão pallido ao luar que vinha do terraço. O ar chegava-me em lufadas e esfusiava pelo corredor. Bati as palmas, a principio timido, fracamente, depois mais forte e parecia-me que a casa estrondava em echos retumbantes.

Um vulto branco surgiu como uma condensação do luar. Adiantou-se em vagarosos passos theatraes e, junto á mesa do centro, deteve-se cabisbaixo, enclavinhando as mãos. Subito, lançando violentamente os braços para a altura, derrubando a cabeça para traz, meneou-a em desesperado gesto repetindo, em voz cava, a exclamação que eu, uma noite, ouvira no jardim:

O my soul! Where art thou, my soul!

Reconheci James. Bati mais rijo. Elle voltou-se d'impeto arremettendo á porta. Então adiantei-me e o moço, como surprehendido em acto indigno, retrahiu-se, encolheu-se refugido para um canto onde quedou, estarrecido e mudo, os braços rijamente estendidos em repulsa.

Chamei-o uma vez, duas vezes: «Mister James! Mister James!» Então, reconhecendo-me a voz, veiu radiante, as mãos amigamente abertas, acolhendo-me com effusão carinhosa. Na claridade o seu rosto enigmatico alvejava marmoreo.

Passou-me o braço pelos hombros. Um arôma fino exhalava-se-lhe do corpo e seu halito, que me bafejava o rosto, era tepido e cheirava. Acariciando-me com blandicias de amante conduziu-me ao terraço e ali, entre as plantas, ao pleno ar, sentámo-nos.

De novo tomou-me as mãos — as suas gelavam — e fitou-me de perto, com os olhos terebrantes de quem procura extorquir um segredo. Docemente, porém, abriu-se-lhe no

rosto um sorriso... Um sorriso... porque não hei de fixar a minha impressão? enamorado. E eu tive, então, a certeza, a dolorosa, a pungente certeza de que a alma d'aquelle homem, que resplandecia em formusura, era... para que dizer?

Falei-lhe da novella. Ergueu-se de golpe, em sobresalto, e, lesto, passou ao salão, accendeu o gaz, todos os bicos do lustre, e desappareceu no quarto, cuja entrada era dissimulada por um pesado reposteiro de sêda côr de perola, igual aos das portas que abriam para o terraço.

Demorou-se o bastante para que eu pudesse examinar o salão mobilado com riqueza e gosto, ainda que extravagante.

Um grupo Luiz XV, de brocado amarello, compunha um dos cantos, sob o recato de um claro biombo, todo florido de lilazes. No angulo opposto era a mollicie oriental: sobre um tapete de Caramania flacidos coxins, tamboretes concavos, ottomanas convidando a espreguiçamentos voluptuosos. Duas amplas cadeiras de ébano entalhado em flôres

e laçadias, com o dorsel feito pela cauda aberta de um pavão, cuja plumagem era um marchetado primoroso, offereciam o deleite de acolchoados de damasco sanguineo, escanos, que cediam á mais leve pressão, davam agasalho aos pés numa alfombra de velludo. E, num ripanço, com almofadas de setim, coberto por um estrágulo cor de ouro, espalhavam-se revistas e ainda rolavam em desordem sobre uma branca pelle de urso que se lhe estirava aos pés.

Duas caçoulas, em tripodes, exhalavam um vago aroma de pivetes.

E núa, airosa, sobre uma columna de onix, flexivel bayadera de marmore, d'olhos entre fechados, sorrindo, com o busto em curva, as pomas rijas em riste, arqueava os braços acima da cabeça tangendo um sistro, o pequenino pé mal plantado no sólo, ensaiando o passo leve de um bailado languido.

Dois consoles altos, dourados, com tremós em largas molduras em que sorriam, por entre folhas, cabecinhas encaracoladas de anjos e ao centro, sob o lustre de bronze,

a mesa antiga, de columnas torsas, á volta da qual vastas e gordas poltronas de marroquim cor de vinho abriam maciezas sensuaes de collos.

Flores em profusão. Havia-as em vasos, esquecidas pelas cadeiras, morrendo sobre os consoles e os pés calcavam frouxos ramilhetes murchos, rosas seccas, elasticas como de panno.

Sobre a mesa um ancho e grosso volume encapado em couro, attrahiu a minha curiosidade aguçada. Abri-o.

As folhas, de velho, encardido pergaminho, crepitavam, ringiam como laminas de estanho. No frontespicio dois lirios prendiam-se á mesma haste — um erecto, em campanula estrellada, outro márcido, pendido em languor e encimava-os um coração gottejante varado por uma flexa.

Virei a folha e appareceu o texto em arabescos bizarros, de fórmas irregulares e combinações complicadas: discos e sygmoidaes, bastonetes cuneiformes atravessando ou ladeando gregas, hemicyclos em feitio de cres-

cente, curvados sobre a linha tremula que, entre os egypcios, era o symbolo da agua, pontos, astilhas, aspas e volutas. Por vezes, perfis truncados de homens, de animaes, de objectos — um ideogramma complexo, vasto enigma de arcano ou fantasia morbida.

Ainda eu folheava o exquisito volume quando James appareceu sobraçando uma pasta de couro. Surprehendendo-me, porém, no curioso exame, precipitou-se e tremulo, com uma voz que tremia, perguntou espalmando a mão sobre a pagina aberta:

— Entende? Conhece...?

— Não. Que é? perguntei contando com a explicação. James ficou em silencio, d'olhos fitos no livro. Por fim disse com desalentada expressão:

— Ninguem sabe! Debalde, por isto, experimentei todos os climas da terra vasta. Durante seis annos, com a esperança de resolver taes gryphos, percorri os lugares em que ainda subsiste, em espiritos profundos, a sciencia dos deuses. Visitei os templos obscuros que a terra começa a devorar, entrei

aos bosques em que jazem, como enraizados, com a herva brava a crescer-lhes em torno, viboras na grenha basta e parasitas em flor nos hombros resequidos, os yogis e os sadhús paralysados em extase. Subi, por veredas escabrosas, ás escarpadas montanhas frias em que os mahatmas atravessam seculos inconscientes, numa existencia em que as horas não entram. Falei, em cavernas, a solitarios mais velhos do que as florestas... e todos despediram-me sem esperança. Na Europa compulsaram este volume Rawlinson, Ebers, Oppert, Maspero, Erman e tantos, tantos outros! Alguns sorriam tomando-me por doudo, outros repelliam-me offendidos julgando-me um mystificador. Gastei milhares de libras... Debalde! E daria quanto possúo, daria uma gotta de sangue por palavra a quem m'as fosse arrancando destes symbolos que me torturam.

— E onde achou este livro?

— Onde? a meu lado, na vida.

— Quem o compoz?

— Arhat. Pronunciando tal nome estre-

meceu como a um choque e atirou a pasta sobre a mesa, pondo-se a caminhar agitado, arrepelando-se. Ainda exhalou: Ninguem sabe! Mas logo, serenando, sorriu, posto que a tristeza lhe toldasse o sorriso, dizendo em tranquillas palavras: E quem sabe a historia da sua alma? Quem?! Todos possuem um livro como este — visivel ou invisivel, não é verdade? A vida é assim: temol-a sob os olhos e não a deciframos... e ella devora-nos. E' a Esphinge. Volte uma pagina d'este livro para diante — é o amanhan, mysterio da vida. Folheie-o para traz, ainda mysterio! o passado, a morte. O presente, que é? uma redouça em que nos balançamos entre a saudade e a esperança. E' assim. De que vale saber? Feche o volume... ou deixe-o aberto. Em somno ou em vigilia a vida é sempre indecifravel.

Mas feche-o — assim é como um abysmo a que se não vê o fundo. Dá a vertigem. Feche-o! A noite está linda! E encaminhou-se para o terraço. Interpellei-o sobre a novella.

— Está ali naquella pasta. Póde leval-a. Falta-lhe o final.

— Não a concluiu? Empallideceu e, repentinamente, como se achasse ao alcance do lustre, fechou todos os bicos. E o luar, de novo, alastrou a sua claridade espiritual.

Travando-me, então, do braço aconchegou-se a mim lançando em torno um olhar pávido. Eu sentia-lhe a respiração offegante e o bater do coração precipite.

As altas palmeiras da rua rebrilhavam meneando as folhas num mover brando e sussurrante; gente passava, por vezes carros. Sons de piano vinham de longe, ora vagos, ora vibrando nitidos. James ouvia. De repente, afastando-se no seu andar pensativo, a largas passadas, repetiu: O final... Tel-o-á em breve. Tenho hesitado muito, mas é preciso acabar. Talvez hoje. A noite está linda. E cravou os olhos no céu. Talvez hoje! Debruçou-se ao parapeito mostrando-me um vulto branco perto do caramanchel. Reconheci a professora.

— Miss Fanny. Elle confirmou de cabeça, com um sorriso enigmatico, e murmurou:

— Captiva...

— Quem? Limitou-se a apontar a ingleza. Ficou um momento em silencio depois, em palavras vagarosas, como se as engastasse mentalmente em um rythmo melancolico, devaneiou:

— Imagine uma leôa levada para o deserto em uma jaula á que, só com o roçar de seu corpo, se fossem quebrando os varões de ferro, fugiria para o seu antro attrahida pelo arôma resinoso da selva e pelo rugido dos leões heroicos?

— Sem duvida.

— Não.

— Como?

— Faria o contrario: reforçaria a jaula com o proprio corpo, fecharia os olhos para não vêr o deserto, far-se-ia surda ás vozes seductoras, deixar-se-ia morrer contendo a respiração para não sentir o almiscar e o cheiro acre das florestas. Faria assim... se fosse virtuosa.

Miss Fanny sahia do caramanchel. Parou um instante, pensando, colheu uma flor e

seguiu lentamente em direcção á álea das acacias. James murmurou: Pobre leôa!

Notando, porém, o meu espanto, explicou, sem voltar-se, sempre debruçado ao parapeito e com o mesmo vagar:

— Arhat servia-se do symbolo como expressão do mysterio. O que se não póde dizer ou representar figura-se. A cor é um symbolo para os olhos, o som é um symbolo para os ouvidos, o aroma é um symbolo para o olfacto, a resistencia é um symbolo para o tacto. A propria vida é um symbolo. A verdade, quem a conhece? A chave dos symbolos abriria a porta de ouro da Sciencia, da verdadeira e unica Sciencia, que é o conhecimento da causa.

Não falava para mim, mas para a noite, lançando as palavras como se fossem petalas e elle, lentamente as espalhasse no ar.

Ainda que a mais e mais se affirmasse em meu espirito a convicção de que falava a um louco, interessava-me aquelle discorrer extravagante que me tirava da ordem lançando-me na fantasia desvairada dos dege-

nerados — floresta hispida, sombria, desafogando-se aqui, ali em clareiras luminosas onde os predestinados falquejam e pulem as arvores do sonho com que fazem as lyras da Poesia, os idolos e os altares das Religiões.

— E' de Londres?

— De Londres? deu d'hombros. Não sei. Creei-me perto de Londres. Nunca me disseram onde nasci.

— E seus pais?

— Não sei. Nunca os vi. Mãi... Que dôce palavra! Acostumei-me a trazel-a na boca como alguma coisa que me illudia a sede de amor. Vivi do perfume de uma flor desconhecida, comprehende? Sentou-se e, cabisbaixo, as mãos pendidas entre os joelhos, o busto inclinado, continuou: O senhor vem direito ao meu coração com um talisman de Bondade. E' capaz de penetral-o.

— E não confia em mim? Acredite... Atalhou-me com um gesto:

— Se não confiasse não o teria recebido. E sabe por que confio? porque é um concentrado e sonha. Ha duas especies de homens

que vivem sós — o egoista e o pensador: o primeiro retrahe-se como o polvo — chamando a si todo o bem; o segundo isola-se para contemplar. Um tranca-se na sombra, outro procura o reflexo: é como o que se assenta á beira de um lago vendo nas aguas as imagens do céu e da terra e a sua propria. Os isolados são, em geral, ingenuos e bons: como não dispersam confiança, não colhem desillusões. Que faz o senhor? Vive comsigo, e é muito. Quem se entrega de todo ao mundo esquece o seu proprio ser.

Conheci os homens e nelles achei o tigre, o cão, a raposa e a vibora: o cruel, o adulador, o trapaceiro e o ingrato. O senhor é dos que ouvem no silencio e vêm na treva. Pensa que não o tenho visto a horas altas da noite, á janella? Que faz? sonha. O sonho é a fecundidade, é como o pollen das flores — vôa, mas não se perde. Não é possivel que os germens das antheras tenham mais energia vital do que o pensamento e os germens vôam no espaço, cruzam-se no ar livre e fecundam. Demais, o senhor fala o

inglez, comprehende-me. Além das senhoras, o unico com quem posso communicar. Lembra-se do nosso primeiro encontro?

— Sim, lembro-me.

— Eu sahia de uma crise, da «aura», e o senhor acompanhou-me, alentou-me. Devo-lhe esta bondade. Os mais...

— Não tem razão, mister James. Se os outros o não procuram é porque o vêm retrahido. Todos aqui o estimam...

— A mim?! Estimam-me...? Porque? Que lhes fiz eu? Têm curiosidade de mim, é o que o senhor quer dizer. Querem devassar-me, ver o que tenho nalma. Sempre evitei a amisade para não soffrer: se a encontrasse verdadeira poderia perdel-a e seria um desgraçado, se me trahissem... não sei. Tive um protector, Arhat. Vivi em sua companhia e elle velou por mim. Não era de amor que me cercava, mas de cuidados: eu era feitura sua, obra do seu saber. Tinha grande zelo por mim, sempre attento á minha saude, ás minhas tristezas, medicando-me, defendendo-me de todo o mal para que eu resistisse. Eu

era para elle como um objecto delicado que se conserva em vitrina. Amor não havia. Que fez por mim? deu-me a vida, educou-me e instituiu-me herdeiro da fortuna que dissipo. Eu dormia e elle despertou-me... e ando agora como um estremunhado só desejoso de voltar ao somno. Dê-me a sua mão. Cedi e elle levou-a ao pescoço volteando-o com ella, ao rez dos hombros, fazendo-me sentir a carne macia e fria que os meus dedos premiam. Detive-me num sulco e, seguindo por elle, fui sentindo o relevo de uma larga sutura, como a erupção de uma urticaria.

— Sente? E manteve a minha mão, forçando-a.

— Sim.

— Que lhe parece? Hesitei na resposta e elle adiantou-se: Vestigio de decapitação, não é verdade? Estremeci áquelle dizer tragico. E' o collar da morte, a gargalheira que me prendeu a vida. Sinta! Sinta! E, tombando a cabeça, andou com a minha mão em torno do pescoço recalcando-a e eu sentia aquella especie de erythrema, em erosões e

resaltos, dando-me um arrepio frenetico em que havia repugnancia.

Subito, repellindo-me a mão, levantou-se.

Uma gargalhada atroou o jardim e logo em seguida a voz do Décio:

— Admiravel! E o estudante appareceu, parou junto do caramanchel, atirou um beijo á noite e, enlevado, decantou a lua nos versos suggestivos de Raymundo Correia:

> Astro dos loucos, sol da demencia,
> Vaga, noctambula apparição!
> Quantos, bebendo-te a refulgencia,
> Quantos por isso, sol da demencia,
> Lua dos loucos, loucos estão!

— Vou sahir! disse James abruptamente.

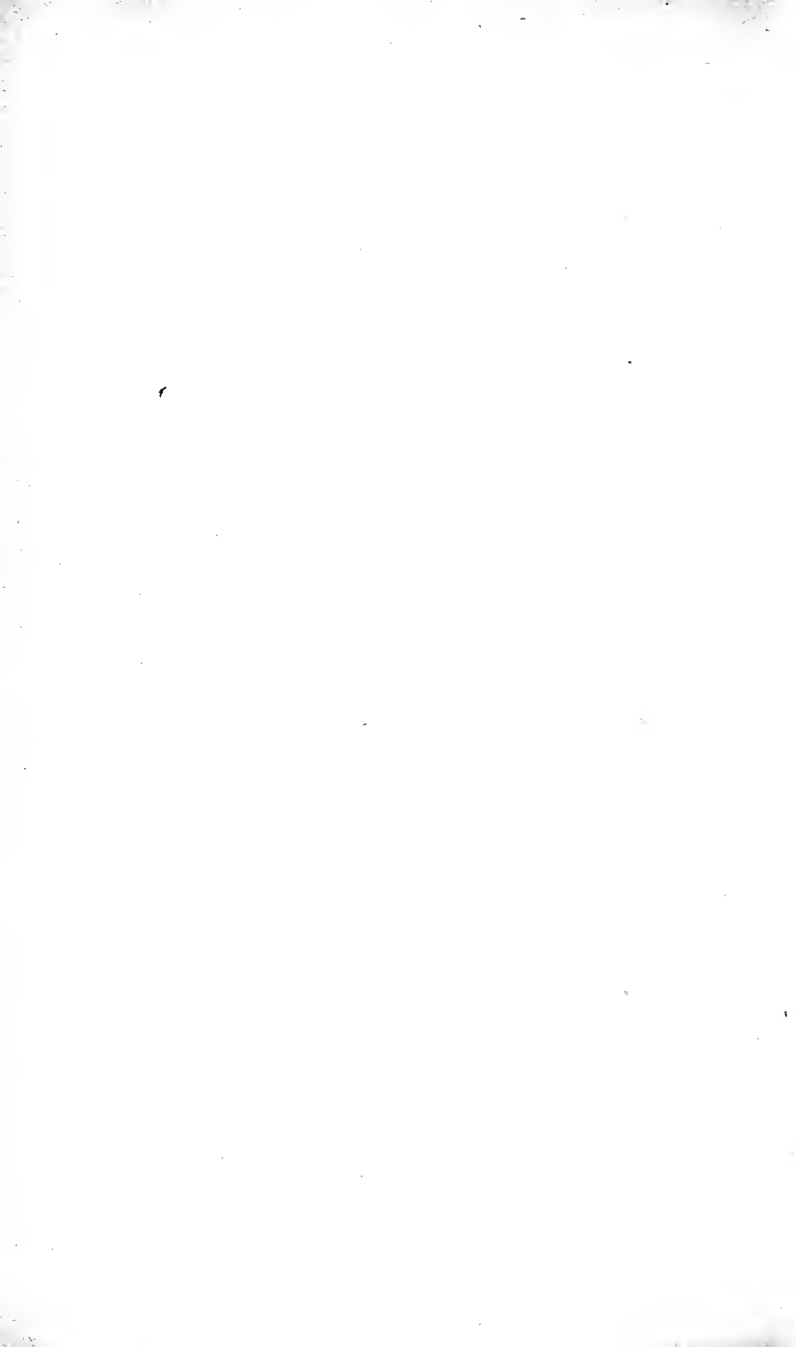
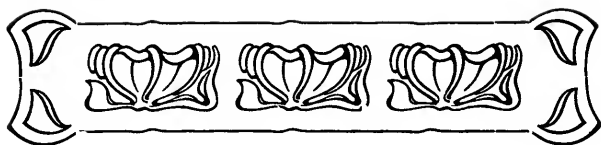
— Agora?

— Vou. Póde levar a pasta, póde levar o volume. Bôa noite! E, impondo-me a mão ao hombro, impelliu-me docemente. Tomei a pasta e o grosso volume e sahi.

— Bôa noite! Não respondeu. A casa dormia.

Accendi o gaz da minha saleta e, sorrindo

á lembrança daquella despedida imperiosa e brusca, sentei-me á mesa desatando as fitas que fechavam a pasta. Estava repleta de folhas de papel Whatman.

Logo á primeira tive a impressão da desordem daquelle espirito — respingada de tinta, cheia de razuras, de traços inutilizando paragraphos inteiros ora escripta, ora em letra miuda e fina, direita, hirta na pauta, ora em caracteres enormes, confusos, passando, por vezes, por cima de borrões e derreados, pendidos como as searas a um grande vento.

III

Nessa mesma noite li, ou melhor: desentulhei todo o primeiro capitulo da «novella» com vagarosa paciencia e trabalho mais arduo do que o dos cavadores de ruinas que revolvem o duro solo betuminoso e empedrado das cidades mortas fossando-os á cata de antigualhas.

Além da interpretação das garatujas que me tomava o tempo, do lento e difficil deslindar das emendas embaraçadas em tramas de rabiscos, as chamadas eram tantas e tão seguidas, que a pagina toda, reticulada de riscos sinuosos, quebrando-se em zig-zags por entre as linhas irregulares da escripta, era uma teia intrincada e os olhos fatigavam-

se seguindo aquelles traços que iam ter ás margens prendendo-se á palavra ou phrase preferida como a uma meada de onde partissem em desenrolados fios.

E ainda, creando maior confusão, por vezes as letras encaracolavam-se em espiras ou embrulhavam-se em tantos arrebiques que perdiam, de todo, o caracter morphologico tornando-se necessario adivinhal-as.

Figurinhas, paizagens lineares interpunham-se aos termos como distracções infantis. Phrases completavam-se por emblemas, á maneira de enigmas e, não raro, largos borrões de tinta afogavam palavras truncando orações, abrindo verdadeiros abysmos nos periodos.

Ainda assim levei a termo o trabalho, não sem levantar-me muitas vezes alquebrado e verdadeiramente aturdido com o que ia penosamente desentranhando daquelle muradal de ideias.

A aragem refrescava e uma doce claridade ia lavando o espaço, descobrindo as arvores empastadas na sombra e as ci-

garras alegres cantaram em coro a «alba» festiva.

Vôos de passaros e de borbeletas annunciaram a madrugada e o sol, ainda frio, lançou as primeiras purpuras. O gaz tornava-se livido! Apaguei-o.

Debrucei-me á janella. O jardineiro, sentado á borda de um canteiro, esfiava amarras para as plantas e a rua, em borborinho, acordava com o rumor de carroças que passavam. Tiniam campainhas, soavam trombetas e as folhas inquietas das palmeiras altas lampejavam douradas pelo sol.

Alfredo, em baixo, arremangado e descalço, atirava baldes d'agua á varanda, e á janella do seu aposento, esgargalado, com os cabellos em gaforinha, Basilio pigarreava rascando a guela pegajosa.

O perfume que subia do jardim era agradavel e a terra humida da rega exhalava frescura.

Os olhos ardiam-me e todo o corpo amollentado vergava a um morno torpor, como em febre. Um rebôo de concha azoinava-me

os ouvidos. Tomei o jupon e desci a refazerme no banho frio. O café com leite não me soube. Atirei-me á cama prostrado sem, todavia, conseguir conciliar o somno. Fóra a agitação da vida augmentava com a luz que abria, já tepida.

Deixei-me ficar estirado gozando os lençóes, num doce preguiçar de modorra, recapitulando o que lêra, o conteúdo estranho daquellas paginas emmaranhadas. Por fim a fadiga venceu-me e adormeci pesadamente, como narcotizado.

Acordei ao retinir da campainha annunciando o almoço. Vesti-me, muito lerdo, e desci. Miss Barkley notou a pallidez do meu rosto. Disse-lhe que passara a noite em claro.

— Tambem eu, rosnou o commendador esburgando a costelleta. Não sei que tinha o inglez esta noite: andou até ás tantas, ás patadas. Parecia que o tecto vinha abaixo.

— Mister James?

— Ou o diabo. Máu vizinho! E olhe, Miss, mande examinar o gaz do meu quarto porque ha escapamento. Esta noite tresan-

dava. O rombo deve ser grande. Tambem, com os pulos do tal homem não ha cano que resista. Um dia vem-me o lustre á cabeça.

— Sahiu hoje muito cedo, disse Miss Barkley.

— Quem?

— Mister James. Não desceu para o banho.

— Talvez esteja dormindo.

— Não, não está. Alfredo voltou com o café.

— Anda por ahi.

— Na Tijuca, com certeza.

— Tem lá parentes?

— Mister Smith.

— Ha de ser isso.

Voltei aos meus aposentos que o Alfredo alinhara e florira e, sem perder um instante em repouso, corri a empannada abrandando a luz e sentei-me á mesa, abrindo a pasta verde. Tomei dois cadernos de papel, numerei as folhas e, na quietação da casa, que parecia adormecida á sesta, comecei a traducção do manuscripto estranho.

«A casa taciturna, encardida, de grossas paredes esborcinadas em cicatrizes que expunham, como ossos de um corpo, as pedras verdes de limo e sempre escorrendo um suor de humidade, avultava imponente entre as arvores colossaes de um parque, cujo fundo desapparecia aos meus olhos na densa, escura ramagem de um bosque onde altos, ramalhudos cervos levantavam bramidos a que respondiam, em aspero grasnar, bandos ariscos de patos selvagens.

Da janella gradeada do meu quarto que abria, em ogiva, sobre o occaso, onde me era grato ficar entretido horas e horas, eu contemplava a paizagem avelludada e o céu macio, seguindo as molles ondulações das collinas em cujo recosto pastavam animaesinhos brancos; entre cerros um trecho de rio estreito que parecia congelado, apesar do sol que o fazia reluzir tremulamente com o brilho intenso dos dias de verão e branca, muito esguia, aguçada em flecha, lançando-se de um cerrado de castanheiros, a torre so-

litaria de uma igreja em torno da qual, todas as tardes, á hora de ouro do poente, abriam-se collares de andorinhas ou, no inverno, abandonada e hirta, no fundo do céu cinzento, parecia toda de neve, tremendo ao vento que passava uivando.

Não me apparecia viv'alma; vozes, só a dos animaes, ao longe, ou o rouquejo rangente da minha governante, uma mulher magra, tão alta e fina que vergava como as cannas flexiveis, côr de cobre, cabellos negros escapando-se, em melenas, de uma coifa de seda. Não me perdia de vista: durante o dia, sempre nos meus passos, á noite estendia-se em uma pelle de tigre, ao lado da minha cama, pondo-se alerta e de pé ao mais leve movimento que eu fizesse.

Se eu sahia dos meus aposentos, adiantando-me pelo corredor atapetado, ia certo da espionagem dos seus pequeninos olhos negros, mais agudos do que estyletes, que me seguiam atravéz de uma frincha, de um vão de porta e era ponto eu chegar á escada de ferro que, em volutas, levava ao ultimo an-

dar. onde vivia Arhat, logo a mulher, cujo nome era Dorka, corria a deter-me, medonha na sua roupa de seda, ás listas, que lhe dava o aspecto repugnante de uma cobra a prumo.

A's vezes, raivosa, em frenesi, rilhando a dentuça apuada, prendia-me no quarto, mais do que em correntes, só com o poder dos seus olhos magneticos que me tolhiam tirando-me toda a energia e a propria consciencia.

Apenas de manhan e á tarde consentia que eu ficasse á janella olhando tristemente os longes nublados da terra desconhecida que o meu coração desejava com ancia.

Despertava-me cedo, ao primeiro luzir do sol. acompanhava-me ao banho, ajudava-me a vestir e commigo tomava a refeição da manhan.

Nem ás horas de lição abandonava-me. Encolhida a um canto, as pernas cruzadas, não tirava de mim os olhos afiados, emquanto os professores (todos abaçanados e glabros) me iam explicando as varias sciencias, exercitando-me em idiomas diversos,

guiando-me no desenho, iniciando-me na musica ou adestrando-me no manejo das armas.

Uma vez por semana eu subia ao grande salão dourado onde Arhat me esperava, sempre melancolico, cercado de flores.

Era um homem rachitico, meão de altura, amarello, macilento, quasi um esqueleto, mas de um tal dominio nos olhos, á flor do rosto, que eu sempre lhe falava a tremer. ainda que elle me acolhesse com affabilidade meiga, afagando-me, até alliviando minh'alma torturada do pesadello de Dorka, que não passava do limiar da porta.

O salão dourado, vasto e deslumbrante. dava-me a impressão do pleno sol: as paredes, as columnas, o grande lustre, os moveis refulgiam como feitos de luz: tapetes amarellos alfombravam o soalho como finissima relva luminosa e o tecto azul era verdadeiramente um céu de estio, de onde parecia descer, em raios mysteriosos, todo aquelle brilho que me offuscava.

O ar ambiente era puro perfume e por toda parte, numa abundancia maravilho-

sa, ostentavam-se flores de incomparavel belleza.

Arhat recebia-me á porta e, antes de acariciar-me, fitava em mim os olhos verrumantes, tomava-me o pulso, auscultava-me o peito. Terminado o exame levantava-me nos braços, com uma força destra que ninguem suspeitaria em corpo tão fragil e o meu dia deliciosamente começava por uma refeição delicada que eu nunca consegui saber como apparecia em uma grande mesa de laca preta, forrada por um panno em que os bordados eram em relevo tão alto que as aves e as flores mais pareciam pousadas que trabalhadas no tecido côr de palha, d'um lustro metallico.

A baixella, lavrada em arabescos, com as bordas de filigràna tenue, pesava de arriar o pulso mais robusto. Os manjares eram d'escolha e sobrios: lascas de caça fria acamadas em geléas diaphanas, um legume, ovos, pomos nos proprios galhos, entre frescas folhagens, granisos de neve e agua limpida em vasos de crystal ennevoados de friura.

Favos de mel em patenas, bolos aromaticos, pastilhas dissolventes e um licôr ambreado que me deixava na boca um saibo a violetas e punha-me nas veias um calor vital, de sol.

Arhat via-me comer e, pàra acompanhar-me, debicava: um pouco de fruta, um fio de mel e logo que notava a minha saciedade, sorria.

Repentinamente as palpebras pesavam-me — a impressão era instantanea, de novo erguia-as, mas já a mesa havia desapparecido e no seu logar ardia, fumando em fio azul, um incensorio de bronze, alongava-se uma columna ou jazia uma ottomana, conforme o ponto que o capricho de Arhat escolhera para revelar-me, mais uma vez, o seu prestigio, a que, pela insistencia, eu já me havia habituado.

Então desciamos atravessando vastos salões desertos, pateos em que avultavam figuras truculentas — uma mulher com cabeça de elephante, um monstruoso idolo de cujo tronco, como uma irradiação, partiam numerosos braços em cujos punhos minacis-

simos luziam punhaes; percorriamos uma extensa claustra em arcarias de marmore rendilhado e ganhavamos o parque.

Dorka, que nos esperava em baixo, acompanhava-nos á distancia.

Oh! a delicia daquellas horas ligeiras livre, em pleno ar, ao sol. Eu corria pelos relvedos concavos, balouçava-me na redouça, entre os galhos cheios de ninhos ou mettia-me em um barco e docemente, por entre cysnes e nenuphares, cruzava o lago tranquillo, sob a vigilancia do olhar attento da governante que soltava um grito guttural, sustando a redouça se a via lançada com violencia, chamava-me á margem se eu, brincando, fazia oscillar o barco ou perseguia-me com ligeireza de gazella, quando me via longe, nas sombras densas das carvalheiras onde se juntavam os cervos.

Que idade teria eu então? sete annos, não mais.

O meu desejo de conhecer a vida recrudescia. A' noite, sentindo Dorka a meu lado, em vigilia, punha-me a recordar as palavras

dos meus professores, todas as noções que. pouco a pouco, elles me iam filtrando nalma e imaginava o mundo immenso que me attrahia com os seus mares, com os seus imperios ricos e populosos, com a vida intensa das suas cidades, com o sumptuoso rito das suas religiões. Aqui, virente e em flor á luz quente e prodiga do sol; ali, esteril, silencioso, amortalhado em neve. Num ponto, viçoso e abastado lourejando em campos de seara, com a alegria tranquilla do canto dos segadores: em contraste, a guerra tumultuosa ensanguentando, arrasando o ponto opposto.

E a mim mesmo eu perguntava: «Que serão as guerras? Que serão as searas?»

E invejava o miseravel que não dispõe de um tecto palhiço para agasalhar-se no inverno, que não acha uma codea de pão para illudir a fome, que não encontra um farrapo de lan para forrar-se e, lançado nos vallos dos caminhos, tirita e morre, mais despresivel do que um animal.

A vida, a verdadeira vida além daquelles muros vetustos, daquelle silencio funereo,

daquellas sombras tumbaes... como o meu espirito pedia-a !

Nessa ancia, recalcando o instincto, cresci tristemente e tinha quatorze annos quando se partiu o primeiro elo da cadeia férrea que me prendia.

Num rigoroso dezembro — ainda que nos meus aposentos e em toda a casa soturna e erma a temperatura se mantivesse invariavelmente a mesma dos dias suaves da primavera, o frio era grande lá fóra, ao tempo tão aspero que Arhat não ousava levar-me ao parque contentando-me com algumas horas apraziveis na estufa, entre palmeiras e orchideas tropicaes.

Nesse rigoroso dezembro, uma noite, estando eu acordado, vi Dorka soerguer-se, de improviso, em récovo, arquejando, com a mão esquerda espalmada no peito.

A sua cabeça refoufinhada debatia-se anciosa e o seu rosto hediondo, mais magro e mais amarello á luz da lampada, contrahiase em esgares de angustia.

Um rónquido estrepitoso ralava-lhe a gar-

ganta, estalavam-lhe os ossos ás trepidações continuas, estirava, encolhia as pernas núas e resequidas.

Ia levantar-me em soccorro da miseranda, mas senti-me como enleado, amarrado ao leito, sem acção, sequer, para voltar-me: o corpo desattendia á vontade e os olhos, escancellados de espanto, viam mais claro e os ouvidos hyperesthesiados ouviam mais fino.

Reagi em impetos baldados e ainda forcejava em vão quando vi abrir-se a porta e Arhat appareceu vestindo um amplo quimão de seda, seguido de um negro agigantado, com um peitoral de couro e saio curto, de lan, cujas franjas chegavam-lhe aos joelhos.

Lesto, inclinou-se, tomou nos braços possantes o corpo flacido de Dorka e sahiu com a pressa assustada de um ladrão que fugisse.

Arhat sentou-se aos pés da minha cama e poz-se a murmurar palavras mysteriosas, acenando com a mão em gestos cabalisticos. Depois tirou da cinta uma caçoleta, tomou entre dois dedos um pouco de resina, che-

gou-lhe fogo e deu em andar pelo quarto com um murmurio de prece, agitando o arómata para espalhar o fumo lustral destinado a purificar o recinto. Por ultimo veiu a mim, impoz-me a mão á fronte e partiu. E logo desvencilhei-me do apego que me retivera em inercia afflicta.

E foi a primeira vez que tive medo. A Morte roçara por mim e, apesar da antipathia que me inspirava a governante — tão forte é o poder do habito! — senti falta da sua presença, da sua voz esganiçada, dos seus olhos penetrantes e ardentes como ferro em braza, da sua perseguição sem treguas, do seu repulsivo aspecto esguio e colubrino.

Percorri vagamente todo o quarto, attonito, num atordoamento que me fazia vacilar indo de encontro aos moveis, mas o somno surprehendeu-me: mal tive tempo de chegar ao leito e logo adormeci pesadamente.

Ao acordar de manhan, á hora do costume, vi aos lados do meu leito, immoveis, duas figuras que me pareciam de marmore tão brancas e impassiveis jaziam. Mas os

olhos azues de uma, os olhos negros da outra tinham tanta vida, era tão meigo o sorriso de ambas, tão sadia a côr das faces e foi tão gracioso o gesto com que me saudaram inclinando-se, os braços em cruz ao peito, que não me ficou duvida no espiritó sobre a sua natureza.

A de olhos azues trazia os cabellos louros numa trança larga e frouxa, ennastrada em fios de turqueza, um corpete de purpura alto sobre o collo em botão, saia curta, de seda, e os pés esguios em papuzes de bico alçado.

Armillas de ouro cingiam-lhe os artelhos e nos braços roliços enroscavam-se braceletes dos quaes pendiam, tinindo, symbolos e amuletos. Maya era o seu nome.

A de olhos negros, um guapo moço, senhoril e forte, vestia calções folgados, jaleco sobre camisa fôfa, cinta, e calçava botas de camurça afivelladas de prata e á cabeça, gentilmente inclinado, deixando rolar sobre a fronte em cacho de azeviche, um gorro, especie de *fez* tendo ao lado, presa em roseta

de ouro, uma pluma negra que ondulava airosa. E disse chamar-se Siva.

O que, então, se passou em mim, só a expressão «vexame» póde dizel-o. Ardia-me o rosto incendiado em pudor e não me vinha palavra aos labios, tão perturbado fiquei diante daquelles jovens que sorriam.

Mas o moço falou e eu que, até então, só ouvira vozes asperas, tive uma surpresa de extase ao som melodioso com que elle se annunciou «meu servo», pedindo humildemente as ordens do meu desejo.

Logo, porém, voltei-me a um suave preludio — era a moça que repetia as palavras do companheiro e o meu espanto, deliciado, ficou entre os dois lindos sorrisos, entre as luzes acariciantes daquelles olhos que pareciam trazer um dia azul de primavera e os negros uma noite avelludada de luar e de sonho.

O' a morte de Dorka! a morte de Dorka! como me pareceu um bem...

Sentindo-me disposto a deixar o leito afastaram-se os dois jovens e os passos da moça foram resoando pela camara.

Achando-me só, ainda que os sentisse perto, passei á sala de banho onde, como sempre, tudo me esperava, desde a agua jorrando, aos golfões, das fauces da carranca na piscina de marmore, até os perfumadores accesos ennevoando o recinto de aroma. No vestiario toda a roupa em ordem. E sahi.

De novo o som argentino das armillas emocionou-me precedendo a volta, já desejada, dos olhos azues e a pluma negra e airosa ondulou no angulo do reposteiro.

A' refeição, na sala de carvalho lavrado, onde os pratos subiam por um ascensor, ambos flanquearam-me á mesa revesando-se no servir.

Se elle substituia um prato, ella, sollicita e risonha, adiantava o talher; trazia elle a amphora de vinho, ella a offerecer a cópa; se um apresentava a fruta á minha escolha, outro trazia a corbelha das confeituras e as armillas soavam sempre e sempre ondulava, airosa, a negra pluma.

A' hora da lição desappareceram. Tanto,

porém, que o ultimo professor deixou-me, tornaram, sempre sorrindo.

Elle empunhava uma especie de lyra, cujo nome — *vina* — vim a saber mais tarde, ella trazia um ramo de acacia em flor.

Como me achassem junto á janella ogivada, que abria sobre o poente e na qual eu ficava, todas as tardes, embebendo-me na melancolia suggestiva do crepusculo, sentaram-se perto, em um tapete de Chiraz, e, emquanto o sol moribundo sangrava sobre as collinas, casando-se ao som do instrumento, a voz da moça trouxe-me do coração aos olhos as primeiras lagrimas que chorei.

E ali encontrou-nos o luar mysterioso».

A fadiga venceu-me. Já a tarde empallidecia no pavor da noite proxima, quando, derreando-me na cadeira, extenuado, estirei os braços com um largo, desopprimido resfolego. E um momento estive em repouso antes de reler o primeiro lanço do meu trabalho.

Não me deixou de todo descontente ainda

que em um ou em outro ponto, por falta de valores correspondentes nas duas linguas, eu apenas houvesse extrahido a ideia abandonando a expressão e em certas phrases truncadas, por esquecimento ou pressa ou pelos frequentes borrões que ennegreciam o texto, eu completasse o pensamento como me parecera mais adequado, tendo sempre em vista a acção e a intenção do periodo.

E pensei no que lêra, naquella vida de sonho em sitio que se não nomeara, cuja paizagem vaga, ora ao sol, ora á nevoa, tanto podia ser a de uma provincia romantica de França, como a de um suburbio londrino, de um bairro excentrico de Berlim, dos arredores de Moskou ou da mystica Stockolmo, cerulea no rigor do inverno.

Sim, era um sonho que se affirmava no correr da narrativa cerebrina, cada vez mais estranha, mais tresloucada e mais bella, cheia de visualidades como uma opera magica.

James quizera dar-me uma amostra da sua imaginação e preparara, com engenho

subtil, á maneira de reclamo, a scena do salão e a da entrega, ou melhor, do abandono do manuscripto que eu ia trasladando, não sem interesse, como o teria no caso afortunado de me haver vindo ás mãos, por prestigio de algum genio bemfazejo, um conto inedito da princeza Scherazada.

Depois d'uma ablução ligeira vesti-me e, debruçado á janella acompanhando, em silencio, os adeuses do fim do dia — a lenta dissolução das cores, o calar religioso dos ruidos, o recolhimento extatico com que a Natureza faz a sua intima prece vesperal, dei accordo de mim quando um som, vindo atravez do espaço, de longe, vibrou alegre como uma voz festiva que me despertasse.

Já estrellas luziam.

De novo, mais claro, o som vibrou no silencio. Era a campainha em baixo. Accendi o gaz e, mirando-me rapidamente ao espelho, desci para o jantar.

Todos os hospedes estavam á mesa, com excepção de James. Nem lhe notaram a ausencia. Miss Fanny, sempre d'olhos baixos,

parecia mais pallida e mais triste, tossindo em accessos frequentes. O copeiro servia attento aos olhos de Miss Barkley.

Pericles, com o guardanapo engasgado no collarinho, tomou a palavra, radiante: «Revelara uma chapa primorosa a que déra o titulo de *Réverie d'une jeune veuve*. Uma joven mulher, de preto, parada junto á cascata do parque d'Acclamação, o cotovello no lombo da rocha, o queixo enforquilhado em dois dedos, olhando perdidamente.

Viuva, com certeza, e formosa... mas a attitude, a linha ondulante do corpo fino, o ar de enlevo!...

Adivinhava-se-lhe a lagrima nos olhos. E aquelle fundo escuro, escabroso, de pedras eriçadas em folhas hirtas... Uma «*trouvaille*»!

Basilio olhou-o d'esguelha, acotovellando o commendador, que sorriu com as bochechas tufadas pelo pirão de batatas. E Pericles, desde a sopa de legumes até a goiabada, falou de photographia — dos grandes progressos da arte, de uma objectiva que encommendárá, de certas placas de sensibilidade

prodigiosa, do futuro photographico do mundo — todo o progresso contido entre as quatro paredes negras de uma camara escura.

O guarda-livros ouvira-o em silencio, atropellando uma ameixa com as gengivas desdentadas. Por fim, bufando o caroço e passando o guardanapo nos beiços, que reluziam, disse:

— Está explicada... Voltaram-se todos para elle, já com o rosto em sorriso.

— O que? perguntou Pericles, aprumado, com ar de desconfiança.

— Pois então? a causa da falta d'agua na cascata do Campo de Santa Anna — é que as viuvas vão para lá chorar.

— Ora! amuou Pericles com um gesto de desprezo. E foi essa a «graça» da tarde.

Deixando a mesa, Brandt tomou-me o braço e, attrahindo-me á varanda, perguntou em tom de mysterio:

— Viste Miss Fanny? Notaste?

— Miss Fanny? Que tem?

— Não viste? Chorando?

— Miss Fanny?!

— Sim.

— Historia !

— Palavra ! Lagrimas a fio. Que será ?

— E' a mim que perguntas ?...

— Será por elle ? Encolhi os hombros. E o maestro lastimou-a sorrindo: A pobre !... Pericles vociferava num grupo, atirando gestos desabalados, a investir furioso com o commendador e Basilio que atacavam o cinematographo «uma lanterna magica com *delirium tremens*».

— E o phonographo ? O cinematographo é a vida em flagrante e o phonographo e toda a palavrosa mechanica que por ahi gane e urra, atroando a cidade ?... Ah ! contra essa ignominia os senhores não se insurgem. porque ? Pois a photographia, meus amigos, tem o futuro garantido. Tudo passará: o livro, os jornaes, até as cartas, entendem ? até os discursos. Todos os documentos serão photographados: uma firma falsifica-se, um individuo, não. E os politicos, em vez de perderem palavras em discursos estopantes, que ninguem ouve nem lê, transmittirão as

suas ideias por meio da photographia mostrando ali, na téla, a vantagem dos seus projectos, expondo, emfim, ao vivo, os seus programmas e não embahindo o povo ingenuo com logomachias fofas.

— E em vez de dizer-se — «Que grande orador!» dir-se-á: «Que photographo!» pérorou Basilio e rompeu em cascalhada trocista.

— E porque não? Porque não? arremetteu Pericles, já roxo. Porque não? Será o seculo de ouro, o seculo do silencio e da acção. Tudo se fará cinematographicamente. Um ladrão furta-nos a carteira, um assassino crava-nos uma faca, zaz! o apparelho estampa-lhe, não só a figura, como os movimentos e, no jury, é só desenrolar a fita e eis o monstro projectado na téla da Justiça com um flagrante nas costas. E o phonographo? e curvou-se d'olhos esbugalhados. Res non verba, meus amigos. Res non verba, como dizia Cicero ou outro que tal, concluiu esponjando, com um lenço em bolo, o copioso suor do rosto.

Chrispim, que escarvava os dentes com furor, abalando, com um palito, as arnellas escalavradas, chirriava um riso alvar, chuchando os cacos aos sorvos.

Brandt convidou-me para um pouco de musica.

Recusei. Sentia necessidade de movimento, de acção ao ar livre, de repouso espiritual.

Aquellas horas consumidas em aturado labor, a noite insomne, as preoccupações que me traziam o caracter daquelle homem, cuja vida eu começava a penetrar pela porta de ouro e marfim de um sonho extravagante, forçaram-me demais o espirito. Sahi.

A rua, com a longa columnada de palmeiras como a galeria de um templo hypostilo, era cruzada por passeiantes, gozando a frescura. Criados passavam recolhendo do serviço.

Nas sombras dos jardins chilreiavam creanças, vultos brancos, immoveis no aconchego dos caramanchões, pareciam dormitar docemente. Em algumas casas illuminadas soavam pianos.

Segui vagarosamente em direcção á avenida. As palmeiras farfalhavam sem desconlinuar. Bonds desfilavam cheios numa pressa de comboios. No limiar de uma porta, que abria sobre um tenebroso corredor, dois homens, em mangas de camisa, cantarolavam, sentados, as pernas estendidas.

A avenida larga, quasi deserta, com as grandes perolas das lampadas espalhando um clarão pallido, estava silenciosa, como adormecida.

De instante a instante um automovel surgia aos ronquidos, flammejando, ou era um carro moroso que rodava com o cocheiro hirto, os passageiros recahidos, calados, desalentados como se voltassem dum funeral.

Encostei-me á muralha debruçando-me sobre o mar picado de luzes.

A onda molle e languida chofrava aos jorros como no despejar espaçado de uma baldeação. Mas o ceu, por traz dos montes, foi, aos poucos, clareando a um albor sereno como um prenuncio de aurora e um fio curvo luziu, os redentes da serra cairelaram-se de

luz nivea e o disco enorme da lua subiu com a impassibilidade espectral de uma visão, abrindo nas aguas a longa tremulina argentea.

Um golfo de fogo espocou á barra e um tiro atroou. Esfriava.

Grupos vinham chegando attrahidos pelo luar: casaes muito intimos, crianças aos galreios, e, descendo de Botafogo, como em disputada corrida, carros, automoveis, bicycletas passavam levantando uma polvadeira que refluia em rolos, abrumava as luzes, subia, perdia-se.

Um homem aproximava-se em vagarosos passos. Parou diante de mim, lentamente descobriu-se e os seus cabellos brancos, ralos, pareciam molhados, e a barba, que lhe escorria do rosto macilento, d'um amarello asedado, luzia com um brilho oleoso. Fitou-me inclinando humildemente a cabeça, estendeu a mão que tremia e murmurou um pedido no qual percebi que alludia á familia.

Dei-lhe uma moeda. Elle vergou-se zumbrido, acenando-me com a mão, muito grato,

e foi-se com o mesmo vagar ao longo da muralha. Pouco adiante voltou-se, esteve um momento parado, indeciso. Por fim, no isolamento da avenida decidiu-se a deixal-a procurando habitações, gente, almas que o ouvissem, que se commiserassem da sua miseria.

Olhou para os lados afundando a vista na distancia e, com esforço, amiudando os passos, mais acurvado, atravessou as áleas e sumiu na sombra entre montes de tijolos, ao lado dos andaimes de umas obras; reappareceu adiante, na claridade de um lampião e voltou a esquina.

E eu? onde iria? Sentia-me incapaz de proseguir no passeio. As pernas vergavam-se-me e o espirito reclamava, numa curiosidade ávida, a continuação daquella aventura em que entrara e por onde ia, com tão raro prazer, desvendando, a cada periodo, como atravéz de ramas que se afastassem num bosque de sortilegios, encantos maiores, maravilhas mais bellas.

Tomei resolutamente o caminho de casa,

Ao entrar pareceu-me ver um vulto no caramanchel. Saudei. E a voz meiga de Miss Fanny respondeu da sombra.

As magnolias rescendiam. Brandt tocava. A' varanda Miss Barkley e o commendador, afundados em poltronas de vime, conversavam. Parei um momento gabando a noite e, a proposito, o commendador felicitou-me:

— Estamos livres do inglez por algum tempo. Escreveu a Miss Barkley pedindo umas coisas. Está na Tijuca, com o Smith. Que se fique por lá o mais que puder.

Miss, rompendo a sua discreção, estranhou, pela primeira vez, o mysterio daquella vida. Não era natural. Excentricidades temnas muita gente, mas não tantas; era demais. Emfim... Como não incommodava...

— Não incommoda! exclamou o commendador. Menos essa. Não ha peior vizinho.

— Isso foi uma noite, defendi. Naturalmente o senhor não tinha somno. Eu vivo paredes meias com elle e nada ouvi, apezar de acordado.

— Pois sim... Os sons do piano de Brandt

dominaram a palestra. Miss Barkley foi encostar-se á balaustrada attenta. Era uma rhapsodia de Listz executada com muita expressão e bravura.

— Toca bem! concedeu o commendador. E Miss, enlevada, acenou de cabeça:

— Oh! muito bem! E, calados, ficámos ouvindo a peça admiravel.

Subi bocejando, disposto a deitar-me, com umas ideias valentes de trabalho para o dia seguinte: Levantar-me-ia cêdo e, logo depois do banho, retomaria a traducção levando-a até a hora do almoço e, depois de um curto repouso, avançaria até a noite. Mas na saleta, diante da mesa, accendeu-se-me a curiosidade. Abri a porta, vagarosamente folheei o manuscripto intrincado e sentei-me, dispuz o papel, tomei a penna e ia lançar a primeira palavra quando ouvi vozes, um desusado movimento em baixo: passos que se precipitavam, portas que batiam, cadeiras aos repellões. Cheguei ao alto da escada, puz-me á escuta e distingui a voz do commendador que dizia alarmado:

— Qualquer, homem de Deus! Qualquer! Aqui mesmo perto ha um. Mas avia-te, rapaz. Inclinando-me, apoiado ao mainel, perguntei:

— Ha alguma coisa, commendador? O velho, que estava perto, subiu alguns degraus e, com as mãos em concha diante da boca, soprou-me surdamente:

— Miss Fanny, a professora... está a deitar sangue pela boca. Parece que é do pulmão. Desci até elle. Então, confidencialmente, explicou: Estavamos á varanda quando ella appareceu tossindo aos arrancos, anciada... agarrou-se a uma columna, e, quando vimos, foi a golfada de sangue, para mais de um litro, sei lá! Coçou a cabeça, com a face crispada de desgosto e de horror. Mandou-se buscar um medico. Ha quanto tempo ando eu a dizer isto? Pois uma creatura fraca é lá para levar a vida que ella leva? uma moura de trabalho, ao sol, á chuva; demais a mais a aturar crianças? A ambição é no que dá. E sem um parente, coitada!

— E deram-lhe alguma coisa?

— Sei lá! Miss Barkley está a preparar

uma poção com vinho. Está perdida... Foi descendo; acompanhei-o. Não se incommode. Tem lá o seu trabalho, deixe-se estar. Bôa noite ! Deixe-se estar.

— Mas se fôr preciso...

— Não, não é. E voltou-se repetindo: Deixe-se estar, mesmo porque ella já está no quarto e ali, o senhor sabe, nem o sol entra... só a lua, porque é feminina. O medico não tarda. Bôa noite. E desappareceu no corredor. Lembrei-me da phrase mysteriosa de James: «Pobre leôa !» E, ainda algum tempo, fiquei encostado ao corrimão, olhando, como á espera de um novo incidente, a noticia de mais uma golfada de sangue, a derradeira, e a morte. Mas a casa reentrou no silencio.

Subi e seguia pelo corredor quando senti que a luz do bico de gaz amortecia em vascas tremulas — levantei os olhos: effectivamente a chamma retrahia-se como se mão mysteriosa fosse lentamente torcendo a chave. Subito apagou-se.

Um raio de lua branqueou o soalho, que-

brou-se na barra da parede. Mas essa luz condensou-se, toda se juntou em um nimbo como se houvesse claraboia no corredor coando, em disco, o triste pallor nocturno. E do soalho foi-se levantando em alvura, crescendo, tomando fórma na sombra.

Fez-se um vulto esbelto e, sob a ampla tunica que o envolvia, desenhavam-se os contornos suaves de um corpo feminino. Alvo, como de gesso, rigido, em attitude lapidar, prendia-me os olhos e, accentuando-se-lhe os traços do rosto, nelles reconheci as feições de James.

Os braços nús sahiam-lhe das dobras molles da tunica, brancos, estendendo-me as mãos brancas. Era James Marian e, naquelle trage, o seu rosto realçava mais bello. Era elle, como eu o imaginára num devaneio.

Arrepiado, sem poder tirar-me do ponto em que me surprehendera a treva, fiquei, e um frio de pavor gelava-me, a boca resecava-se-me, o coração batia-me aos esbarros.

Mas a luz reapparecia, reaccendia-se o gaz em chamma azul, pequenina e dubia e

foi crescendo, como uma flor, abrindo-se, aclarando e a visão esvahiu-se absorvendo-se na claridade até que, de novo, o corredor appareceu illuminado e deserto.

Então pude caminhar retransido. Abri a minha porta, antes, porém, de entrar, no receio de nova apparição, detive-me examinando o interior. Tudo estava em ordem. E respirei como na salvação de um desastre.

Mas as pernas afrouxavam em quebreira e deixei-me cahir no divan, oppresso, com a respiração em angustia, estrangulado de medo.

A casa parecia animada, dilatando-se, distendendo todos os seus membros de pedra, todos os seus madeiros, bambaleando-se nos alicerces fundos.

Estrepitos respondiam-se de um a outro movel ou eram as taboas do tecto disjungindo-se, como fendidas, atroando o pávido silencio com estrondos rispidos.

Por vezes a luz tremia em vacillações que modificavam o aspecto, a posição das sombras deslocando-as, e retrahia-as ou alon-

gava-as. Em mim mesmo, como se me fosse penetrando o frio da morte, o coração parecia inteiriçar-se e o sangue, ora escoava deixando-me a cabeça ôca, ora affluia-me todo ao cerebro, em jorro, atordoando-me num estado referto de apoplexia.

Levantei-me medindo a largos passos o andito acanhado, evitando os espelhos com um receio inexplicavel, mas, de soslaio, eu via o meu reflexo, sem, todavia, atrever-me a fital-o, certo de o encontrar demudado, senão outro, a imagem de outrem.

Cheguei á porta do quarto, afastei o reposteiro — a luz entrou em faixa até a borda do leito, mas o fundo era negro, em treva. E eu sentia naquella escuridão qualquer coisa que se não definia, uma traição impalpavel, a cilada do mysterioso invisivel.

Voltei á saleta e, resolutamente, sem mesmo fechar o gaz, tomei o chapéu e sahi.

Ainda no corredor hesitei antes de dar volta á chave, por fim, decidido, dirigi-me, em surdos passos, para a escada, envergonhado da covardia daquella fuga. Atraves-

sei a sala de jantar ainda accesa, a varanda, o jardim e lancei-me á rua, sem destino.

Tomei o primeiro bond que descia, ancioso pelo tumulto da vida. Mas toda a cidade estava cheia do meu terror.

No escuro das ruas solitarias cruzavam commigo, em deslise aereo, finas, funereas siluetas fluidas, halos pairavam ante meus olhos e desappareciam subito. Nos proprios grupos eu sentia, adivinhava a presença de um ser vago, incorpóreo que se integrava entre vivos, como a refugiar-se.

Andei até tarde, errando. Achegava-me aos pontos mais concorridos, mas em toda a parte, em tudo eu sentia a influencia nefasta de um prestigio máu.

Em uma baiuca, perdida em viella escusa, mulheres esbagaxadas, em mangalaça bulhenta, os cotovellos fincados em mesas sordidas, rolando os olhos vitreos, enlanguecidos pela embriaguez, fumavam, chalravam entre sucios da malandragem nocturna, ao som roufenho de uma sanfona que um delles premia.

Estive á porta saturando-me da exhalação do contubernio, mas o proprio vicio tornou-se sinistro e os zastres e as zabaneiras, acomadrados dissolutamente, pareceram-me apenas visões que se dissolveriam como se dissolvia o fumo que empannava a espelunca. Um carro passou num vozeiro alegre — dois rapazes e duas raparigas. Tomei um tilbury, mandei seguil-os, querendo apegar-me áquella estroinice dissipadora. Apearam no *Paris*. Entrei.

O salão regorgitava fulgido. Abanquei á primeira mesa livre e, sem disposição, inerte e exhausto, entreguei-me á vontade do criado que me serviu a ceia. Vendo-me ao espelho quasi me surprehendi achando-me o mesmo, tão mudado me sentia interiormente.

Ficaria, até o amanhecer, naquelle rumor, á luz viva daquelles lustres se os noctambulos não se fossem retirando, cada qual a seu rumo, uns cantando ajoujados a raparigas, o chapeu á nuca, atirando as pernas em boléos de dança; outros lentos, pensativos, macambuzios, bocejando.

Sahi para remergulhar na noite que me apavorava.

A lua sumira toldada por grossas nuvens; um vento forte lufava.

A' porta pareceu-me distinguir a voz do Décio, num grupo.

Era elle, todo de brim branco, angelicas á botoeira. Falava de Rodenbach com as suas explosões e hyperboles. Viu-me e, avançando, verdadeiramente assombrado, os olhos chispantes:

— Que é isto? Tu! o gato borralheiro... ás duas da manhan, sem guarda-chuva e capote, no limiar do *Paris!* Que é isto?! Que mudanças grandes ameaçam esta terra lugubre! E aproximou-se, apalpou-me, examinou-me para convencer-se. Mas... és tu mesmo? Que é isto? perguntou-me em segredo, com um sorriso no rosto menineiro. Tomou-me o braço e, com um «Bôa noite!» ao grupo, que logo se dissolveu, arrastou-me para o meio do largo. Anda, conta. Despeja no abysmo da minha discreção a aventura desta noite. Dize-me do fulgor dos seus

cabellos, da cor dos seus olhos, da graça alada do seu andar... E' intellectual, tem alma ou é uma Venus bruta, carne analphabeta e lubrica ?... Disse-lhe o meu pavor.

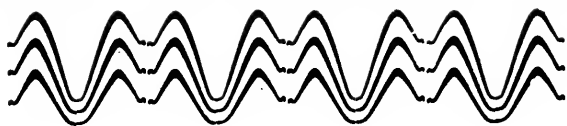
— Quê ! naquella casa ? E' impossivel !

— E' verdade. Não sei que foi...

— Talvez mau vinho, ao jantar.

— Não bebi.

— Então, meu caro, és um mimoso dos deuses, o unico homem neste encanecido e exgottado planeta a quem ainda foi dado gozar a superexcellencia de um *frisson*. Porque não ha mais *frissons*. Os poucos que restavam Baudelaire consumiu-os. E tu encontraste um !... Homem feliz ! E deixar a sensação superior para chapinhar no lodo desta Suburra infecta. Se me promettes um pouco do teu medo, um arrepio, ao menos, vou comtigo, passo a noite a teu lado. Se não, vem d'ahi á Copacabana, conversar com o velho oceano e saborear um chopp gelado, que é o orvalho com que costumo rociar a flor do meu lyrismo, em noites sentimentaes. Vamos, decide-te !

Levei-o commigo. Elle ficou no divan da saleta e, até tarde, folheando volumes, atroou o silencio com a musica das estrophes e rompantes de enthusiasmo.

IV

Acordei abatido, alquebrado: todo o corpo doia-me contuso, e a cabeça pesada era como um espaço immenso, cheio de nevoas, de longe em longe atravessadas pelo fio de luz de uma reminiscencia.

Repuxei os lençóes e, estendido, tepidamente enconchado no concavo da cama, os olhos fitos no tecto, puz-me a pensar no incidente da vespera e, como o sol entrava pelas persianas illuminando o quarto, reluzindo nos moveis, brilhando nos espelhos, pareceu-me ridiculo aquelle «nervosismo» que me lançára de casa, alta noite, em verdadeira fuga espavorida.

Então lembrei-me do Décio. Chamei-o, insisti. Passos precipitaram-se na saleta e Alfredo correu o reposteiro, dizendo, em tom de surpreza:

— O senhor Décio? Já se foi, ha que tempo. Tomou o banho e uma chicara de café e sahiu. Quer que lhe traga o seu café? Já lh'o trouxe, mas o senhor estava dormindo.

— Traze. Mas olha: Como passou Miss Fanny?

— Acho que melhorou, pois não. Mas aquillo, cá para mim... esticou o beiço, com uma visagem de desanimo e, batendo no peito, concluiu: é do pulmão, tisica. Não lhe parece ao senhor? Olhe que eu esfreguei a varanda, esfreguei a valer, pois a mancha lá está. Sangue ás canadas. E ainda no quarto vomitou e disse-me o jardineiro que no jardim tambem havia. A gente, afinal, não tem assim tanto sangue como vinho em dórna. O que sahe não volta e é a vida. Então o cafésinho, sim? Quer com leite?

— Não.

— Simples. Muito bem. Encostou a vassoura, sahiu a correr.

Manhan inutil. Depois do almoço senteime á mesa, abri a pasta e fiquei largo tempo a olhar as folhas densas, cruzadas de riscos, sarapintadas de nódoas que ainda mais complicavam a interpretação daquelles gregotins intrincados.

Levantei-me, sahi ao corredor querendo ver o ponto em que me apparecera a visão. Examinei attentamente o soalho, as paredes, o tecto como á procura d'uma fresta por onde houvesse passado o corpo fluido que surgira ante mim, em attitude de estatua, tomando-me o passo. E ali esqueci-me, o espirito perdido, o olhar inerte, parado, na contemplação airada do inexistente.

Tornei á saleta sorrindo do meu terror, abri a janella ao sol, accendi um cigarro e, sentando-me á mesa, prosegui na traducção:

«Desse dia em diante a minha vida mudou como um rio que, rolando angustiado em aspera, sombria garganta, por um leito

de lodo, eriçado de pedras, sahisse desafogadamente em verde planura, fluindo por entre arvores viçosas, sob o azul do céu e o vôo continuo dos passaros e das borboletas.

As horas passavam sem eu sentil-as, serenamente faceis e doces com as attenções delicadas dos companheiros da minha soledade.

A prova maior do encanto que elles souberam crear em torno de mim foi a indifferença com que, desde que os tive commigo, eu via chegar o dia, dantes tão desejado, em que Arhat me afagava no esplendido salão d'ouro e seguia-me, condescendente, ao parque, permittindo-me andar livre nas alamedas silenciosas, embebendo-me de luz e de arôma, correr nas relvas finas, vogar no lago, subir aos acclives pela escaleira hervecida dos taludes, repousar entre as pedras humidas, ouvindo o murmurio cantante d'agua, ver de perto a graça arisca das corças ou o porte sobranceiro dos cervos robustos, cujos galhos, muito ramalhosos, appareciam entre os castanheiros como raizes d'arvores desenterradas.

Em toda essa delicia só um dissabor perturbava a doçura do meu viver e vinha das subitas mudanças, da versatilidade em que se debatia minh'alma indecisa e vária, ora inclinada, com mais affecto, a Siva, ora votada inteiramente a Maya.

Em certos dias o meu coração pulsava sofrego reclamando o mancebo e rejubilava em prazer intimo quando o sentia perto. Só o rumor dos seus passos punha-me em alvoroço, feliz, e, se elle falava, eu sentia o sangue correr com mais pressa nas veias, ardiam-me as faces e os olhos, attrahidos pelos delle, humedeciam-se a um affluxo de lagrimas.

Se a outra apparecia-me em momentos em que o meu pendor era para os olhos negros eu irritava-me irascivelmente contendo, a custo, impulsos de subito rancor.

Outras vezes, inversamente, o mesmo sentimento manifestava-se contra a pluma airosa por vel-a tão perto dos cabellos fulgidos. Era, então, a donzella o meu enlevo.

Queria-a junto de mim, tomava-lhe as

mãos e, abrazado em ardor vivo, tremia ao ver-lhe a pequenina boca entreaberta, o collo tumido, a cinta breve, os finos artelhos agrilhoados nas armillas de ouro.

E o meu prazer era ficar a sós com ella, calado, os olhos fitos no seu rosto, as suas mãos nas minhas, vendo-a trabalhar, sorrir, corar baixando as palpebras, com a respiração mais apressada e offegante e rosas mais vermelhas nas faces.

Essa sympathia revesava-se e sempre com o mesmo travo de odio ao que ficára fóra do seu alcance, como se o coração não pudesse conter no affecto duas creaturas e temesse perder a que elegera nas traças de seducção da preterida.

Tal inconstancia vexava-me e remorsos pungiam-me depois das repulsas. Então, para remittir-me do que eu julgava offensa, ameigava-me, attribuindo aos nervos aquelles frenesís que me faziam proceder tão em discordancia com o meu sentir. Sempre a resposta — d'um ou d'outro — era o sorriso e, á compita, redobravam de carinho, desvel-

lando-se, junto de mim, em cuidados os mais mimosos, attentos aos meus desejos, adivinhando-os para realizal-os.

Aos quinze annos eu era, em desenvolvimento physico, o que hoje sou — o tempo, completando o homem, pouco mais accrescentou á robustez do adolescente.

Em contraste, porém, a alma enfraquecia á medida que o corpo avigorava-se. Eu sentia esmorecer um instincto e outras inclinações accentuarem-se.

A coragem afoita dos meus annos verdes entibiava-se em timidez; o gosto pelas armas, pelos exercicios de destreza, pelos lances arrojados apagavam-se e o espirito de aventura, que me fazia desejar o mundo com os seus perigos, retrahia-se. As proprias ideias pareciam substituir-se.

A intelligencia, dantes tão atilada, prompta e curiosa de saber, cerrava-se, com repugnancia, a certos estudos e aos livros eu preferia as flores, trocava as armas pelas tapeçarias e achava mais interesse em ver cruzaram-se, em trama, num bastidor, os fios

de ouro e de seda ou na melodia de um canto de amor do que nas sábias lições ou no garbo de um ginete aderençado em que eu seguia Arhat, cavalleiro apposto e ousado como um centauro.

Uma noite — era no inverno e nevava — ardia um lume alegre no vasto fogão de marmore e bronze espalhando em torno vivo clarão purpureo. Eu lia, docemente agasalhado, quando, d'improviso, estremeci num arrepio aspero de frio como se, por traz de mim, se houvesse aberto uma das altas janellas, recebendo da noite um esfusio do vento.

Voltei-me transido: todas as portas tinham os ferrolhos corridos, não penetrara sopro, tão duros nas suas dobras cahiam immoveis os reposteiros. O frio, emtanto, recrudescia, ainda que as mãos e o rosto conservassem o calor, natural naquelle aquecido ambiente.

Aproximei a poltrona do lume e foi como se me houvesse acostado a um blóco de gèlo. Atabafei-me ainda mais repuxando as pelliças e a sensação persistiu desagradavel,

mórbida, inteiriçando-me, fazendo-me bater os dentes.

Quiz levantar-me, chamar: estava tolhido e não sei quanto tempo, envolto em pelles, tiritei traspassado, olhando o vivido fulgor da chamma, ouvindo o crepitar das achas.

Era um frio interno como se o sangue se me fosse congelando e os ossos se fizessem de neve. Pouco a pouco, porém, veiu vindo o calor e, com elle, um somno pesado, somno de fadiga que me prostrou como morto.

Na manhan seguinte acordei em tão alegre disposição e tão rijo que Maya, sorriu do meu entono quando entrou com uma braçada de orchideas colhidas na estufa.

Ao vel-a, depondo a espada com que me exercitava, passei-lhe o braço á volta do busto grácil, beijando-a duas vezes na fronte e na boca.

Não se mostrou surprehendida, senão contente e, consentindo no meu delirio, apenas baixava as palpebras e as suas pequeninas mãos eram de neve e tremiam dentro das minhas que as torturavam.

O que então senti por aquella creatura, cujo nome tornou-se o motor dos meus labios, foi um verdadeiro desprendimento do meu ser, uma submissa rendição d'alma, que parecia haver transmigrado para o seu corpo, que eu adorava, desde os fios de ouro dos cabellos até a ponta dos pés mimosos que a punham em contacto com a terra.

A' sua propria sombra, por ser uma expansão do seu corpo, a sua parte na luz, tanto eu queria que, uma vez, juntando todas as flores que perfumavam a camara e o meu salão, fil-a ficar de pé, ao sol e fui cobrindo a sombra de seu corpo com flores, de modo a desenhal-o no tapete da camara e, á noite, rejeitando o leito, como um noivo que se encaminha para a noiva, deitei-me sobre aquella alfombra e adormeci apaixonadamente no sonho do meu amor.

Ouvil-a era meu prazer. Vendo-a sentada ajoelhava-me a seus pés e ficava-me perdidamente a contemplar-lhe os olhos, nelles revendo-me como na transparencia liquida de um lago.

O meu gozo maior era sentir-lhe o coração, contar-lhe as pancadas acertando-as pelas do meu. Sorriamos entretidos em tal enlevo e, docemente, as nossas cabeças procuravam-se attrahidas, collavam-se as nossas bocas: eu respirava o halito do seu seio, e ella recebia a respiração do meu peito e, trocando o alento, viviamos da atmosphera intima em que as nossas almas pairavam.

E assim, embebidos um no outro, chegavamos a esquecer as horas. A noite sorprehendia-me, e como havia eu de sentil-a se tinha o azul luminoso daquelles olhos e o esplendor astral daquelles cabellos de ouro?

Siva, sem jamais demonstrar despeito pela preferencia com que eu distinguia e ameigava a sua companheira, foi rareando as visitas, até que se limitou a apparecer-me uma só vez, de manhan, detendo-se no limiar da porta, mudo, immovel, d'olhos baixos, á espera de ordens. Recebia-as e retirava-se e em todo o resto do dia nem o rumor dos seus passos soava nos arredores.

E assim, nesse doce colloquio, um mez deslisou sereno.

Tanto eu me absorvera em Maya que só depois de tão longo prazo notei que quatro vezes Arhat deixara de receber-me, nem até se communicara commigo. Quatro semanas sem vel-o, as primeiras desde a minha mais tenra infancia !

Ainda que me não tolhessem a liberdade, que elle me concedera no dia festivo em que me annunciou, com alegria paternal, que eu completara quinze annos, podendo andar livre no parque e em todas as dependencias do solar que me fossem franqueadas pelos que me serviam, senti-me em desconforto e em captiveiro sem a presença consoladora e affavel daquelle amigo.

Falei a Maya pedindo a explicação daquelle esquecimento que me offendia e maguava como um ingrato abandono.

Ella não respondeu. Insisti afagando-a. Fez um gesto com a mão mostrando o espaço, o além ! como a significar que elle partira. E foi quanto pude tirar do seu discreto si-

lencio. Mas na manhan seguinte interroguei Siva e o mancebo, fitando em mim os olhos de velludo, disse:

— Senhor, Arhat deve voltar com os dias suaves, no vôo das andorinhas. Viaja. Tel-o-eis comvosco quando abrolharem os primeiros novedios. E nada mais accrescentou.

Desde essa hora, inexplicavelmente, começou a arrefecer no meu coração o ésto em que me abrazava. Já desattendia a Maya, desviava-me dos seus passos e, não raro, a sua voz tão querida soava-me em tom importuno.

Passava os dias recolhido em um pensamento unico e, á noite, acordando, levantava-me descalço e, de leve, mal aflorando o tapete, ia á porta, descerrava-a sobre a extensa galeria alumiada por lampadas opacas que pareciam lirios e magnolias entre as folhagens dos entalhes, deixava-me estar olhando num desejo intenso de ir por aquella escada que se enroscava ao fundo, chegar ao salão, abrir uma pequenina porta, especie de aditiculo, de onde, por vezes, Arhat sur-

gia. Deviam ser além della os seus aposentos.

Mas o receio de que me surprehendessem em tão indiscreta devassa, de incorrer no desagrado do homem todo poderoso retinha-me.

Uma noite, porém, em que o vento soprava com furia e a neve era mais densa, tarde, — toda a casa dormia — levantei-me e decidido, numa resolução inabalavel, sahi á galeria.

Os meus passos estalavam no tapete como lenha verde ao fogo, todo eu tremia, ainda que levasse sobre os hombros um manto de pelles. Caminhei. Diante da escada ainda me detive.

As lampadas espalhavam por ella uma luz nivea, os maineis scintillavam em volutas de prata e lá em cima, na abertura circular, a claridade parecia maior, como a de uma claraboia em pleno sol.

Fui subindo receioso e os meus joelhos vergavam em tremores violentos.

Cheguei acima e a coragem, que esmorecera, reinflammou-se mais árdega, impellin-

do-me para o vestibulo de marmore lampejante que um lustre de bronze clareava com esplendor diurno.

Lá estava a porta do salão com os relevos caprichosos da mais complicada esculptura, numa profusa promiscuidade de monstros e deuses tragicos. Caminhei. A duvida ainda assaltou-me: Como abril-a? Mas diante da porta, tocando-a apenas, de leve, senti-a mover-se, deslisar, gyrando docemente nos quicios, deixando-me passagem franca para o salão que fulgurava, num esplendor offuscante de incendio.

As columnas eram cylindros flammeos, scintillando, irradiando com o brilho ardente dos tóros inflammados; as molduras esbrazeavam; o soalho, alcatifado pelo tapete de cor ignea, parecia coalhado de lava combusta; e morno, atordoante, em ondas de fumo espesso, subia, impregnava o ambiente o cheiro dos aromatas.

Os incensorios exhalavam espiras azues e eram innumeros — altos, em tripodes bizarras, em rasas peanhas pousando em garras.

Uma pyra de bronze ardia em meio do salão, flammejando cerulea, ora em labareda unica, pyramidal, ora em repartidas linguas que tremeluziam.

Estremeci de repente. Seguiam-me, espreitavam-me. Quedei, com o coração estarrecido, abafado, sem folego. Olhei e então reconheci no meu silencioso perseguidor a minha propria imagem — não uma, como, a principio, me parecera, muitas, reproduzindo-se em todas os espelhos que se defrontavam alargando, aprofundando o salão indefinidamente, multiplicando as columnas de ouro, as tripodes, a pyra accesa, os moveis e a minha imagem que numa fila extensa repetia, com isochronismo mechanico, todos os meus movimentos.

Aventurei-me até a porta esconsa, encravada numa reentrancia em ogiva. Empurrei-a: cedeu sem rumor, abrindo sobre uma especie de crypta de um ambiente odorifero e azulado de cujo tecto, em abobada, pendia uma lampada em fórma de concha, irradiando em sete bicos dos quaes subiam tremulas

chammas pallidas. Meus pés afundavam molle, maciamente, no tapiz de felpa tenue; e tão espesso era o ar que eu ia por elle, vencendo-o, com o esforço com que um nadador rompe o corpo das ondas.

Mas o brilho de um fóco de fornalha oculava em flamma o extremo da passagem. Guiei-me por elle precipitado, quasi a correr, e sahi num recinto circular como o interior de um zimborio, que uma luz roxa, funerea, coada em ampullas de porcellana, enlutava.

Nos muros, forrados de seda violacea, bordada em lirios de prata, cavavam-se estranhos nichos, denticulados como cavernas, resguardando idolos d'olhos fuzilantes.

Um alampadario de ouro pendia do centro, suspenso por uma serpente d'escamas rebrilhantes. De espaço a espaço, em cópas de bronze, crepitavam resinas aromaticas ou ramos de flores esmaeciam em grandes urnas de onix e de alabastro. Sobre um leito baixo, a cuja cabeceira velava um Buddha de proporções humanas, inteiriçava-se um corpo coberto por um veu finissimo, d'uma teia

subtil, diaphana como as aguas limpidas e matizadas de flores.

Levantei-o de leve e, só com erguer-lhe uma das pontas, enfunou-se ondulando como a neblina ao vento.

Descobri todo o corpo e, com violento tremor, recuei horrorisado reconhecendo, no cadaver que ali jazia, Arhat.

A luz funebre dava-lhe em cheio no rosto livido e cavado, arroxeava-lhe as mãos engelhadas, afundava-lhe as orbitas, punha-lhe em mais saliente reponte o queixo agudo.

O terror avassalou-me — ia-se-me o espirito e o corpo rendia-se abatendo junto do esquife.

Vacillei, dobraram-se-me os joelhos em lassidão covarde; amparei-me a uma urna.

Rumores soturnos atroavam, talvez o vento a gemer fóra ou... quem sabe! Soergui-me e, incerto, tacteando, sem ver ao clarão tumbal daquelle recinto de morte, caminhei hirto, rigido, abalroando com as paredes e, alcançando a passagem abobadada, deitei a correr espavorido.

Sahindo ao salão cegaram-se-me os olhos encadeiados pela claridade intensa. Ganhei o vestibulo, lancei-me á escada em vertiginosa fuga e atravessei a galeria.

Ao chegar aos meus aposentos estendi os braços atirando-me, de repellão, á porta como para arrombal-a e precipitei-me no vacuo.

A porta abrira-se e, no meio da camara, em plena luz, sinistro, Arhat estava de pé, d'olhos fitos, immovel».

A tarde empallidecia quando suspendi o trabalho, estirando-me no divan, em repouso. O interesse pelo manuscripto, longe de crescer com o desenvolvimento, aliás curioso, que ia tomando a «novella», descahia em simples curiosidade litteraria. Não era, como eu presumira, um estudo veridico, mas uma fantasia, pura ficção tecida, com certo engenho, em téla deslumbrante.

O inglez divertira-se á minha custa offerecendo-me a sua litteratura em envolucro de mysterio.

Emfim, era sempre uma distracção para as minhas horas vazias e se me não punha no limiar do arcano, mostrava-me, em plena luz, a imaginação radiosa de um romantico.

Escurecia. As cigarras cantavam em concerto. Subito senti um abalo como se a casa se houvesse suspendido nos alicerces e logo um rebôo seguindo-se-lhe violento estrondo, outro, outro...

Era na pedreira proxima a explosão formidavel das minas, deslocando dos flancos da montanha blocos de pedra, verdadeiros penhascos, que rolavam estrepitosamente, não raro trazendo coqueiros, velhas arvores, crostas de terra cobertas de matto, esmagando-os de encontro ás arestas da monstruosa rocha escalavrada.

Vesti-me e já a sombra adensava nos cantos quando accendi o gaz e desci para o jantar.

A sala illuminada, com as cadeiras em torno da mesa florida e coberta de porcellanas e crystaes que luziam, ainda estava de-

serta. Os hospedes começavam a apparecer á váranda, andavam pelo jardim.

Brandt, sempre só, enlevado no sonho, ouvia intimamente os rythmos antigos, a suave expressão das melodias mortas. Ia e vinha, lentamente, ao longo das frescas áleas, volteando os canteiros humidos da rega, roçado pelas rosas moças que se inclinavam languidas nas hastes, já sob o effluvio da volupia nocturna.

Por vezes detinha-se, estendia a mão a um ramo, tomava uma folha entre os dedos e enrolava-a, esmagava-a d'olhos perdidos na altura, absorvido, como a seguir um sonho que se diluia docemente no ether, esfumava-se, fundia-se com a noite, entre os sônhos.

Basilio, acaçapado em uma cadeira de palha, esvurmava, com os olhos abelhudos, alguma coisa em que afiasse o sarcasmo. Carlos e Eduardo, juntos, á balaustrada, cochichavam: Chrispim assobiava baixinho encostado ao umbral de uma das portas.

A casa tinha um ar melancolico, alguma coisa lugubre pairava nublando-lhe a expres-

são de alegria; o seu aspecto era outro: demudado, abatido, como em fadiga.

O commendador e Pericles appareceram. Basilio, dando por elles, voltou-se todo na cadeira:

— Então? Vai ou não vai?

— Mal; disse o commendador.

— Ah! essa molestia... E o medico? O velho deu d'hombros. A curiosidade reuniu todos os hospedes num grupo e o guarda-livros, fitando os olhos em Pericles:

— Foste vel-a?

— Não, disse o outro retrahindo-se. Está lá o Penalva que entende. Eu não. Que vou lá fazer?

— Um instantaneo, homem. A scena presta-se...

— Tolice...! resmungou Pericles dando-lhe as costas. A campainha vibrou. Entrámos. Miss Barkley appareceu immutavel, acenou de cabeça e tomou o seu lugar. O criado entrou com a sopeira e, em silencio, com o respeito de um rito, começou o jantar.

Penalva tinha um modo mais grave, a

compostura sisuda de um homem cheio de responsabilidades. Sabia-se que o medico lhe havia pedido auxilio, confiando-lhe a enferma, fazendo-o depositario daquella vida que elle sentia extinguir-se pouco a pouco, apesar dos esforços que fazia para mantel-a naquelle corpo combalido e fragil.

— Então, doutor?... indagou Basilio... Miss Fanny? O estudante alongou o labio. Brandt encarou-o.

— Não tens esperança?

— Esperança? Está perdida, concluiu mettendo na boca uma bucha de pão. Miss Barkley aspirou um folego mais largo e, estendendo o braço, compoz umas rosas que pendiam do vaso.

— O que me impressiona é a allucinação.

— Allucinação! exclamou o commendador.

— Sim, allucinação, insistiu Penalva. Os olhos de Brandt alargaram-se illuminados e elle perguntou:

— Allucinação?

— E' verdade. Hontem á noite, logo que o medico sahiu, começou a manifestar-se o

estado allucinatorio. Estava deitada, tranquilla, parecendo adormecida quando, subitamente, estremecendo, soergueu-se d'impeto, sentou-se, d'olhos muito abertos, cravados no fundo do quarto. Tentámos deital-a, repelliu-nos brandamente, permanecendo na mesma attitude extatica, muito pallida, toda fria, tremula. Assim esteve um instante até que, escondendo o rosto com as mãos, rompeu em soluços, deixando-se cahir no leito como abandonada.

— Era mister James, disse Miss Barkley. Foi um alvoroço na mesa e muitas vozes exclamaram na mesma surpresa:

— Mister James?!

— Sim, affirmou a ingleza com serenidade. Todos, então, pousando o talher, inclinaram-se para ouvil-a, sorvendo-lhe as palavras e, no ancioso silencio, ella continuou, pausada: Sim, mister James. Foi o que ella me disse. Viu-o á cabeceira, não elle propriamente, o homem, mas uma moça que tinha o seu rosto, de tunica como as estatuas.

A's palavras da ingleza um arrepio cor-

reu-me ao longo da espinha, eriçaram-se-me os cabellos, toda a pelle se me crispou com um prurito irritante. Pobre! concluiu Miss Barkley. Trocaram-se olhares e o jantar proseguiu silencioso. Basilio, porém, irrompeu em tom d'escarneo:

— Então... de tunica? mulher...? Miss Barkley acenou affirmando. Pois olhe, não descobriu a polvora. Eu, apezar de o não ter visto de tunica, como as estatuas, sempre o classifiquei no outro sexo. Os oculos de Miss fuzilaram. Desculpe, Miss, mas é a verdade. E sacando violentamente o guardanapo do collarinho, exclamou: Pois aquillo é lá cara de homem?! E espalhou o olhar consultando os ouvintes. Se nós tivessemos policia garanto que esse caso já estava esclarecido. Porque, afinal, quem sabe lá?! A Russia está cheia de mulheres anarchistas, e são peiores que os homens. Emfim... O melhor é calar-me. Que se avenham! Aferrou-se ao *roast-beef* arremettendo, com furia séva, á posta de carne que lhe ensanguentava o prato atufado de alface.

Brandt olhava-o com desprezo e, até o fim do jantar, debicando apenas, ás garfadas lentas e distrahidas, não disse palavra. Por vezes franziam-se-lhe os cantos da boca ao retraço fugaz de um sorriso.

Basilio acirrava-se, indignado, contra a belleza de James, com a revolta escandalisada de um puritano diante de uma torpeza obscena.

Quando nos levantámos Brandt, travando-me do braço, perguntou em tom de confidencia:

— Tens que fazer?

— Não.

— Vem commigo. Este homem irrita-me, tortura-me os nervos: e volveu um olhar ao guarda-livros, que impanzinava á varanda, esmoendo odio.

Sahimos. O musico, até o chalet, manteve o silencio, torturando o bigode ralo.

A saleta estava escura e abafada. Brandt abriu largamente as janellas. Houve um amplo lufar de cortinas ao vento.

Ao clarão do gaz todo o conjuncto artis-

tico do interior emergiu da sombra — vernizes e laminas fuzilaram, as flores resahiram á luz, as télas, em molduras largas, d'ouro e laca ou de madeira encerada, mostraram horizontes longinquos de campinas, cabecinhas vivazes, aguas em remanso, bosques e gados e as cegonhas tristes, no biombo, com o rebrilho dos fios d'ouro e seda, pareciam riçar as pennas. Brandt encostou-se ao piano e, com um cigarro entre os dedos, balançando a perna, ficou pensativo. Eu afundei na poltrona fumando. Um vento humido, ás rajadas, sacudia os ramos do jasmineiro sem flores.

A noite triste, tenebrosa e mórna, pesava como um subterraneo.

— Meu caro, disse o musico, estão-se passando coisas extraordinarias nesta casa. Coisas verdadeiramente prodigiosas.

— Porque ?

— Ouviste o que disse Miss Barkley sobre a visão de Miss Fanny ?

— Sim: James...

— Pois, meu amigo, eu não estou doente,

nem se dirá que me haja impressionado com isto ou com aquillo, porque só hoje, de manhan, soube da molestia da professora. Hontem, á noite, entretanto — era, talvez, uma hora — terminando o estudo, debrucei-me á janella, a olhar distrahido, e vi um vulto apparecer na varanda, parar um momento, descer lentamente a escada, atravessar a álea de acacias até a arcada de jasmins onde ficou immovel. Vestia exactamente uma tunica branca, diaphana, sobre a qual, por vezes, como que se projectava um raio de luz cerulea. Pensei, a principio, que fosse a professora, ainda que o traje me parecesse extravagante e, para convencer-me, sahi ao jardim. O vulto mantinha-se na mesma posição. Avancei afoito e, á distancia de uns dez passos, senti-me como envolvido em neve, gelado. Parei, de olhar fito e reconheci no espectro...

— James. Brandt acenou de cabeça e confirmou:

— James.

— E depois?

— O jasmineiro revestiu-se de alvura, como a um luar mysterioso que só para elle clareasse, mas o pallor destacava-se ondulando, subia em leve arejo, tenue esvahindo-se: pairou, um instante, sobre o arco, retrahindo-se, dilatando-se, ascendeu suave, depois ligeiro como levado por um vento forte; e sumiu... Eu vi! Accendeu o cigarro, sentou-se no banco do piano, o olhar vago, perdido.

— Pois, meu caro Frederico, deu-se o mesmo commigo. Eu nada diria se me não houvesses communicado a tua visão. Deu-se o mesmo commigo, quasi á mesma hora. E descrevi a apparição que me surgira na treva do corredor.

— E que dizes?

— Eu? Não sei. Não acreditas na allucinação collectiva?

— Não acredito nem duvido: a vida é um mysterio e eu vivo. Essa ingleza, com quem sempre sympathisei, por sentil-a infeliz, é um desses espiritos de amor que só vivem para amar. Retrahida na virtude, expande-se em bondade. E' uma arvore virgem coberta de

flores, esterilizando-se em perfume: o fruto é da terra, o perfume é do espaço. Apparentemente é uma força inerte, mas... A rosa é uma fragilidade, um nucleo de conchas cuja perola é o aroma... e a rosa envenena e mata, como o amor. Miss Fanny anda de rasto, escravizada a James e elle, quem sabe? Essa apparição coincidindo com a enfermidade da ingleza...

— E será elle?

— Quem então?

— Mas, nesse caso, morreu...

— Porque?

— Porque só os mortos apparecem.

— Mas o espirito é immortal, meu amigo. Assim como o Pensamento é a sua rectriz, a Vontade é a sua Força. Quem se pudesse concentrar tanto que se absorvesse em si mesmo immortalizaria a materia impregnando-a de eternidade. Os actos que nós chamamos inconscientes são productos da *mens* creadora, energia que não jaz, como a intelligencia, subordinada á materia, mas envolve-a, circula-a como um sol.

Figura o cerebro uma lampada e a intelligencia a mécha — o lume que a inflamma é a inspiração, a *mens* a que alludi, que é a essencia mesma da vida e essa essencia, tanta vez repudiada, quando se manifesta inopportunamente, é o que nós chamamos — ideia. Se os nossos olhos não fossem preparados exclusivamente para a visão material, veriamos o ambiente e comprehenderiamos a Verdade e todas as falsas noções que nos atordôam — a começar por esse vacuo a que chamamos Tempo, — desappareceriam como espectros que o sol dispersa.

Os mortos não se manifestam. O que nós chamamos morto, é o cadaver — um despojo. Uma tunica não se põe direita senão ajustada a um corpo. Contida a materia no somno póde o espirito sahir sem que a vida deixe de o sustentar com a sua dynamica.

Proeja um batel ao porto, ferra o barqueiro a véla, resguarda os remos, retira o leme, amarra-o e salta em terra. Na onda que arfa continúa o barco a zimbrar; se acontece rebentar o cabo que o retem afasta-

se, garra ou sossobra, mas, se não larga do abrigo, fica até a volta do dono que, de novo, lhe põe a palamenta e fal-o em rumo ao mar alto.

A vida é o mar, o barco é o corpo, o barqueiro é a alma.

Lembras-te do Genesis? Lá está, no segundo distico: «O Espirito de Deus movia-se sobre a face das aguas». Era a Alma Absoluta, a Eterna Fecundidade pairando geradoramente sobre o oceano, ainda immovel, da vida universal. Jesus viveu entre pescadores — almas. A tempestade do lago de Tiberiade que é senão a representação das tormentas da Vida? E Christo, desprezando o barco, não caminhou sobre as aguas á vista dos discipulos? Porque? para que? para mostrar que o Espirito de Deus não carece de corpo.

Largo tempo calamos os nossos pensamentos. Brandt poz-se diante de mim e, com os olhos fulgurantes, segredou-me, como se receiasse ser ouvido por outrem: Meu caro, a Sciencia é uma columna em espiral gyran-

do sempre. Parece-nos que as volutas avançam investindo com a altura... infelizmente isso não passa de uma illusão, pura illusão, não é verdade? Chegamos até a cornija do Templo, d'ahi para cima é o grande vácuo e as espiras verrumam, verrumam...

Falamos em progresso e rolamos na morte. Nada se sabe. Se considero a musica a mais espiritual das artes é porque a musica é pura essencia. O rythmo é a sua lei, a sua manifestação é o som, da natureza da luz e do ether, simples vibração, onda etherea, nada mais. A musica explica-me, de certo modo, o invisivel e eu comprehendo a alma quando executo, sinto Deus quando componho.

— Tu?

— Sim, eu. Todos os artistas baixam do idéal para o real, o musico ascende; parte do real para o idéal. A Poesia comprime o Pensamento em palavras, a esculptura é de pedra ou metal, a architectura é argamassa, a pintura é tinta — a musica é rythmo e é som: o indefinido.

O som é como o fumo dos incensorios — uma prece alada.

Nos templos, primitivamente, ao lado dos defumadores, resoavam as lyras e as ondas, geminadas, subiam no mesmo vôo — as de arôma, em nuvem; as sonóras em melodia. Um poema é o que é — uma stratificação de ideias: a estatua é uma cópia da vida paralysada; o edificio é um conjunto de linhas inflexiveis: a pintura é a visão de um ponto no espaço á luz de um raio de sol. O canto é halito, alma, e, sendo alma, é essencia.

A vida é um rythmo que se desdobra em rythmos como a vaga se multiplica em ondulações.

Atirando a mão ao acaso feriu uma nota ao piano — o som vibrou, resoou, foi esmorecendo e extinguiu-se.

Elle levantou o braço e fez, com o dedo hirto, um gesto terebrante, murmurando: A espiral... A espiral...

Chegou á janella e, um momento, esteve calado, mergulhando os olhos na escuridão exterior. Logo, porém, voltando-se, prose-

guiu: A apparição não me causou medo, apenas agitou-me como uma verdade enunciada. Foi um relampago que me fez entrever o Além. Mas fiquemos na musica. Disseste, ha dias, falando de Beethoven — que o achavas admiravel, mas que o não entendias.

— Sim. Muitas das proclamadas bellezas das symphonias passam-me despercebidas.

— E' natural. Imagina-te chegado a um paiz theocratico e logo introduzido no templo onde se celebrasse, com toda a magnificencia, a ceremonia mais solemne da religião. Verias o interior do edificio magestoso, esplendido nos seus marmores, ouros e pedrarias: verias idolos collossaes em altares sumptuosos; verias os sacerdotes resplandescentes descrevendo, em silencio, evoluções mysteriosas: verias as sacerdotisas virgens bailando ao som dos sistros de bronze; ouvirias o deprecar da turba e ficarias apenas deslumbrado, mas não sentirias a emoção mystica, por não comprehenderes os termos da prece, a representação das danças, o valor dos attributos, o rito, emfim. A' medida, porém,

que te fosses iniciando nos symbolos esotericos, isto é, na «razão intima» do ceremonial o teu espirito illuminado iria apprehendendo a belleza e a significação dos passes mais subtis e alcançarias a verdade ideal. A musica é assim.

Não basta ouvil-a, é necessario entendel-a, sentil-a, interpretal-a; ter a emoção e o conhecimento. Nas symphonias de Beethoven não ha uma nota excessiva como não ha na arvore mais frondosa uma folha inutil.

A musica é uma linguagem apparentemente facil e é a mais difficil de todas. Sete são as notas, umas nas linhas, como rojadas na terra, outras no espaço, pairando: reptis e aves, alfombra e nuvem, flor e estrella. Sete são os valores, sete as pausas, sete os accidentes, sete as claves, tres os compassos. E' pouco e é tudo. Na pauta cabem todas as vozes, todos os ruidos. As cordas são cinco e bastam: nellas cicia a aragem subtil e estronda fragorosa a furia das tormentas.

Todas as harmonias da natureza estão contidas dentro da cerca do pentagramma.

Chegou á janella, ficou a olhar embebido no silencio.

O ramo do jasmineiro balançava de leve como se lhe acenasse, estirando-se para alcançal-o.

Uma mariposa esvoaçava em torno da açucena do gaz. Brandt não fazia o mais ligeiro gesto, absorto, sonhando, immobilisado no pensamento como á beira de um abysmo.

— Que tens, Frederico? perguntei preoccupado e elle, como surprehendido, voltou-se, d'olhos ennevoados, pallido e, levando a mão á fronte, a arrepellar os cabellos, murmurou vagamente:

— Não sei... Não sei... Abriu o piano, sentou-se e, com as mãos espalmadas no teclado, quedou extatico. De improviso, ergueu-se, poz-se a caminhar ao longo da sala, cabisbaixo, e repetiu em voz surda: Não sei.

Plantou-se diante de mim, o olhar fito, airado: Pareço louco, não? Se pudesses imaginar o que sinto... A musica desvaira-me. Wagner tinha razão — «ella é litteralmente

a revelação de um outro mundo». E eu sinto tanto, tão intensamente!... A inspiração afflue-me em tumulto, mas acontece que as ideias, por serem muitas, atropellam-se e ficam como um enxame alvoroçado que quizesse entrar, todo junto, em bolo, pelo alvado estreito da colmeia. E' horrivel! não imaginas. A fecundidade em excesso é como as enchentes nos rios, é como a plethora nas veias — subverte, suffoca.

Nesse momento um busto assomou á janella afastando o galho do jasmineiro e, tanto eu como Brandt, vibramos com o mesmo espanto. Era Penalva. O quintanista, percebendo a nossa perturbação, olhou-nos enleiado:

— Fui indiscreto...?

— Não. Entra. Conversavamos. Escusou-se: Estava á cabeceira de Miss Fanny. Vinha apenas transmittir um pedido da enferma.

— Um pedido? E como vai ella?

— Mal. Outra hemoptyse. Brandt insistiu com elle: — Que entrasse. Estava choviscando.

Foi buscal-o á porta. O estudante accedeu sem, todavia, aceitar a poltrona que o musico lhe indicou. Não. Não podia demorar-se. E, com um sorriso vexado:

— Ella manda pedir-te um pouco de musica ao harmonium. Os olhos de Brandt scintillaram e uma pallidez livida cobriu-lhe o rosto.

— Coitada! lastimou commovido e abriu o harmonium, passou o lenço pelo teclado.

Arrebatadamente escancarou as janellas e a porta para que o som passasse em ondas livres. Penalva foi sahindo e, no limiar, inclinando-se, apoiado aos umbraes, despediu-se:

— Bôa noite!

— Que pressa! homem.

— Ella está mal, talvez não chegue á madrugada. Miss Barkley está lá, mas... Até amanhan. E lançou-se á álea, a correr. O harmonium aflava á pressão dos pedaes accionados por Brandt.

— E então?! exclamou o musico acenando de cabeça interrogativamente.

— O que?

— Este pedido. Que te parece?

— Romantismo. Sorriu e, curvando-se sobre o instrumento, logo um som suavissimo desenvolveu-se em phrase de suggestiva melodia, e elle disse, d'olhos altos:

— A musica, meu amigo, é uma religião para os que a sentem.

— Que é isto? perguntei deliciado.

— O thema da *Paixão Fatal*, de *Tristão e Isolda*. Interrompeu-se e, tomando um album, folheou-o, abriu-o na estante e annunciou. O «*preludio em mi bemol menor*» de Bach. Vale o Genesis, meu velho. Ouve. E' todo uma creação.

Sentou-se conservando-se um momento recolhido, a cabeça para traz, os olhos fitos. Descahindo sobre o teclado atacou o primeiro accorde.

Houve, fóra, uma refrega estrondosa na folhagem, um reboliço de ramos farfalhantes. Janellas bateram a uma rajada impetuosa. Um relampago fulgurou arrepiadamente.

Mas os sons graves subiam como uma

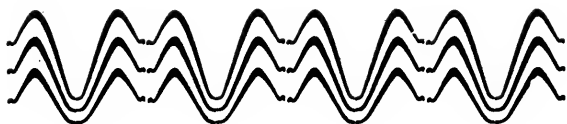
prece á noite. Longe atroavam trovões soturnos e as phrases amplas, de uma originalidade de natureza virgem, desdobravam-se, cresciam largas e a impressão que em meu espirito produziam era a de um coro de vozes doloridas que entoassem mysteriosamente no espaço tenebroso.

Uivos do vento prolongavam-se pela noite, de instante a instante laivada por um golpe de luz. Subito o musico paralysou-se, poz-se de pé, nervoso, relanceando o olhar em torno.

— Que é? A chuva engrossava ás ruflas nas folhas, ás bátegas nos muros. Brandt chegou á janella, arredou o galho do jasmineiro, ia cerrar a persiana, mas deteve-se hesitante. De novo o galho solto metteu-se pelo aposento oscillando e o musico voltou ao harmonium.

— Porque não fechas a janella? Meneou com a cabeça negativamente e, atravéz da musica divina, disse como falando em sonho:

— Que importa! Foi, talvéz, para adormecer que ella me mandou pedir que tocasse.

E, vencendo o estridor da chuva torrencial, os sons do harmonium, por vezes doridos, enchiam a noite de uma angustia humana.

V

Apezar da insistencia de Brandt para que eu ficasse affrontei o temporal desabrido recolhendo aos meus aposentos com toda a roupa encharcada e os pés em pôças e, até tarde, atravéz de ribombos de trovões, que pareciam explodir sobre o telhado, a chuva jorrou desabaladamente.

No escuro do quarto, onde os relampagos, insinuando-se pelas frestas, accendiam vascas fulgurantes, era agradavel a soáda perenne e embaladora d'agua a alagar, a correr a que os rijos pegões do vento augmentavam a violencia e o fremito

Adormeci docemente gosando o agasalho

macio do meu leito, o seguro resguardo das minhas telhas.

De manhan, descendo para o banho, logo na escada tive noticia da morte de Miss Fanny. Pericles, que subia, em *jupon*. com a saboneteira e a esponja, os cabellos escarapellados, indagou tristemente:

— Já sabes? E, diante da minha mudez pasmada, annunciou: A ingleza...` Foi-se! A's cinco da manhan. Um travo de angustia empolgou-me a garganta. Não disse palavra. Olhámo-nos e Pericles, franzindo a fronte e sacudindo a cabeça desolado, arrepanhou o *jupon* mostrando as pernas magras e cabelludas e foi-se, escada acima, devagar, resmungando lastimas.

Na sala de jantar Basilio, já prompto, com o *water-proof* até os pés, tomava café junto á mesa. Vendo-me arregalou os olhos empapuçados e, atirando á guela o ultimo gole, adiantou-se, pisando fofamente em galochas, para segredar-me com ar de triumpho:

— Então, hein? Que disse eu? Mas

amuando, o carão todo em gelhas, amargurou: Agora é esperar as consequencias. Temol-a comnosco, a tal Saude Publica. Não tarda ahi com os seus acidos e os seus fogareiros infernaes. Vai ser uma calamidade! No tempo da bubonica, a tal bubonica dos ratos — e esfregou os dedos numa significação de roubalheira — eu morava na rua de S. José. Morreu lá um sujeito, deram-no por empestado... Pois, meu caro, os taes da Saude varejaram a casa e, não lhe conto nada! fiquei sem um par de ceroulas para mudar. Agora, imagine...! Tenho uma sobrecasaca nova, que ainda não vesti. Você então... Não é por falta de caridade, mas essas coisas, em uma casa como esta, cheia de gente... Os hospitaes não foram feitos para os cães. Eu te digo: em adoecendo, mandem-me para a minha Ordem. Tenho lá tudo a tempo e a horas, estou á vontade e não fico a dever favores. E logo o que... tisica! Isso onde entra fica, é como o persevejo. Eu é porque não tenho tempo, senão mudava-me. Você vai ao enterro?

— Não sei. Basilio estalou com a lingua no ceu da boca:

— Não vá, homem. A religião é outra. Eu não vou. Não entro em cemiterio, demais a mais estrangeiros. Não é por nada, questão de principio. Aquillo não é para vivos. Hei de ir quando me levarem; por meu pé não vou mesmo. Nem a cemiterios nem a missas.

A' medida que falava, firmando o pé á borda de uma cadeira, ia dobrando a bainha das calças. Apanhou o guarda-chuva, sacudiu-o e, com ar de nojo, exclamou: Tempo besta! Accendeu o cigarro e, levantando a gola do *water-proof*, sahiu em pontas de pés, mansinho, resabiado, como num receio de que o chamassem encarregando-o de alguma coisa.

Ao voltar do banheiro, atravessando o passadiço, avistei Brandt, ainda em pijama, á porta do chalet, olhando pensativamente as arvores estarrecidas á chuva, gottejando numa tristeza de pranto humilde.

Dando por mim alargou os braços ati-

rando-os para o alto num grande gesto de consternação. Sahiu ao limiar e d'olhos franzidos, com a chuva a borrifar-lhe o rosto, perguntou:

— Vais ao enterro?

— Não sei. E tu? Elle recuou com o vento que impellia a mollinha em direcção á porta e, do meio da sala, mais alto:

— E' difficil. Tenho hoje lição em Nitheroy. Emfim... póde ser. A que horas será?

— Naturalmente ás quatro. Esteve um momento reflectindo, a torcer uma madeixa que se lhe encrespava á fronte. Decidiu-se, por fim, resoluto:

— Vou. Devemos ir. Toma um carro, vamos juntos. E despediu-se: Até logo.

Ao almoço Miss Barkley fez o necrologio da finada descrevendo-lhe a vida virtuosa desde o dia em que a fôra buscar a bordo do *Danube* até aquella triste manhan.

Era de uma familia de puritanos da Escossia. O pai fôra professor em Oxford e

ella, a mais nova de oito filhos que se dispersaram, crescera, sempre franzina e tolhiça, no meio de sabios taciturnos e quakers de austeridade férrea, sahindo de controversias scientificas para esmiuçados commentarios da Biblia, entre o choral de Luthero e as meigas canções dos *high-landers* que, á noite, recordando, em cenáculo, a terra nativa, os velhos e os amigos da casa, reunidos á mesa ou á volta do lume, entoavam em tom mystico, como se invocassem as divindades das collinas offerecendo-lhes, no canto saudoso, o sacrificio de mais um dia curtido na terra do exilio.

Instruira-se solidamente e, aos dezoito annos, deixára a casa paterna partindo para a Australia como preceptora. Lá vivêra tres annos e de lá viéra, numa necessidade de sol, para o Brasil onde, em um lustro de incessante labor, conseguira firmar um nome honesto, sempre numa aureola de crianças que lhe atordoavam as saudades do coração e os pensamentos d'alma com o festivo barulho dos seus brinquedos e a alegria lim-

pida do seu riso. Moça de valor! de muito valor!

Penalva, que não se arredára um minuto da cabeceira de Miss Fanny, disse da morte compadecido: «Juntou as mãos, cerrou os olhos como para dormir. Nem um tremor, nem um suspiro. Estava morta». O commendador sorveu um hausto e bufou com sentimento:

— Pobre moça! O criado servia o bife em silencio. Um dobre de sino rolou melancolico e avelludado no ar nevoento e o relogio poz-se a tinir vibrante annunciando as horas num timbre alegre.

Houve um raspar de pés á varanda, estouros de guardas-chuvas que se fechavam, murmurio de vozes em cochicho e, á porta da sala, como em dia de festa escolar, appareceu um grupo de crianças louras, de branco, o olhar espantado e curioso, todas com ramos de flores.

Miss Barkley levantou-se para recebel-as. Seguiam-nas criadas de avental e touca, muito graves, o ar compungido.

Entraram em surdos passos guiando as crianças sarapantadas.

Um cheiro de flores pairou docemente no ar como trazido em halito de vergel e o bando deslisou em fila, sumindo no pequenino quarto mortuario.

O commendador confessou que estava verdadeiramente penalisado daquella «catastrophe»: Tão moça! coitada... Penalva perguntou — se já fôra vel-a? O velho espalmou a mão diante dos olhos como na repulsa de uma visão terrifica, com todo o rosto em esgar enojado:

— Não. Não gósto de ver defuntos, sempre impressionam e a gente, quando chega a certa idade, deve evitar esses espectaculos. Se um dia de chuva, como o de hoje, põe-me nervoso, imagine uma creatura morta. Não! Quero-me com o meu sol, com o barulho, com a vida. E curvou-se sobre a chicara de café chupando-o aos sorvos.

Penalva referiu-se á belleza da finada:

— Parece de marmore, commendador, até as sardas esmaeceram. Está linda! O

velho fitou nelle os olhos esgazeados e o estudante affirmou: Sim, senhor: linda! Ha mulheres assim, como que foram feitas para o tumulo: feias em vida, embellezam na morte. Houve um caso d'esses na Escola... E referiu: Certa rapariga do mundo, durante a molestia, no hospital, era horrenda, de fazer asco, horas depois de morta, como se se lhe despegasse do rosto uma crosta escamosa, descobrindo a pelle alva e fina dos quinze annos, surprehendeu a todos pela belleza. Juntou-se gente no amphitheatro para vel-a. O Décio fez-lhe um soneto, um lindo soneto!

— Ora! espocou o commendador incredulo.

— Garanto-lhe! confirmou Penalva, muito sério.

— Pois, meu amigo, seja como fôr, prefiro a vida. Levantámo-nos e, recolhendo, cada qual, ao seu aposento, a casa ficou em silencio, na luz velada do dia lugubre, sob o esfarinhar do chuvisco que se espalhava no ar em rorejo esvoaçante como uma

nuvem de mosquitos sobre um lameiro vasto.

O dia amorrinhava abochornado. A espaços, em nesga aberta nas nuvens, o sol transluzia mortiço, doentio, filtrando uma luz amarella de cirio. Frouxos trovões rolavam preguiçosamente ao longe e as moscas, invadindo o interior agasalhado, esvoaçavam impertinentes perseguindo-se em furia lubrica com um zumbido monótono que ainda tornava mais sensivel o morno e abafado silencio.

Tentei trabalhar, mas a attenção fugia-me para a camara da morta.

Uma bafagem de aroma invadiu a sala como se subisse d'aquelle quarto funéreo e logo se me afigurou, num esbatido fundo de sonho, o cadaver da ingleza, branco, como m'o descrevera Penalva, emmoldurado em rosas e lirios alvos, as mãos postas, rigidamente enclavinhadas, como no fervor d'uma prece, um sorriso beato estampado no rosto.

Abri ao acaso o grosso volume mysterioso que me emprestara James e puz-me

a olhar as garabulhas estranhas que o enchiam: linhas revessas, discos, espiraes, fórmas d'urnas, crescentes firmados em cruzeiros aspados, signos magicos, siluetas d'animaes como nos hieroglyphos egypcios e. folheando-o vagamente, distrahidamente, cheguei á ultima pagina que uma illuminura floria — uma haste verde de onde se lançava a prumo um lirio airoso e outro pendia murcho e flacido, justamente como no frontispicio.

Não havia duvida — era um symbolo encerrando todo o mysterio daquelle escripto arrevezado.

Prendiam-se meus olhos ás bizarras figurações e fosse illusão da fadiga ou verdade maravilhosa, todos os caracteres começaram a mover-se lentamente — as espiraes desenrolavam-se, alargavam-se como serpentes entorpecidas que se fossem reanimando a um calor suave; os discos bojavam, cresciam em globos e elevavam-se das paginas semelhando iriadas bolhas de sabão; as urnas punham-se de pé; os crescentes illuminavam-se de um livor de luar sobre os negros cruzeiros que

se desenvolviam, estendendo para um e outro lado os braços inflexiveis: os varios signos revoluteavam em gyro vertiginoso e os animaes crescendo, encorpando-se, curvavam o dorso, distendiam as azas com o pello hispido ou com as pennas arrepiadas e os olhos coruscantes, acirrando-se em combate e fugiam aos galões ou abalavam em vôo espavorido, dissolvendo-se como halos de fumo que esvaecem no ar. Esfreguei demoradamente os olhos estremunhados. Tornando, então, á pagina, revi tudo na primitiva e natural fixidez. Illusão !

Puz-me a andar pela saleta repellindo os pensamentos sombrios que me perseguiam em revoada.

Porque me havia de perturbar o espirito aquella ideia pertinaz da morte? Aquelle cadaver, que eu sentia como suspenso acima de mim, pairando, hirto e frio, branco, entre flores, porque me havia de seguir?

Eu via claramente em torno, e nada percebia, nada! entretanto a morta estava commigo, envolvia-me, obsedava-me.

No brilho acerado dos espelhos havia, por vezes, obscurecimentos, brumas que o toldavam de passagem, logo, porém, a claridade reabria-se fulgente. Não era senão o reflexo do céu, ora fusco, ora aclarado pelo sol indeciso.

Atirei-me á cama prostrado, sempre a pensar naquelle transe da madrugada, naquella alma que se partira da terra e do soffrimento para o seio do mysterio. Queria seguil-a, vel-a resolver-se em luz, integrar-se na claridade infinita e olhava a fito: sentindo, porém, o somno, tentei levantar-me para chamar o Alfredo e encarregal-o de encommendar o carro, mas a lassidão era tal que apenas pude soerguer-me, e logo recahi nas almofadas, adormecendo immediatamente.

Gélida mão tocou-me a fronte de leve, apertou-me a mão que pendia á borda do leito e, abrindo os olhos assustado, vi uma fórma brumal, um corpo subtil, diaphano, ondulante como um reflexo de nevoa em aguas tremulas, sahir fluindo em alôr silencioso.

Sentei-me de golpe, aturdido, assombrado; passei á saleta, medroso; olhei — deserta. O meu relogio de bronze sobre a mesa marcava justamente as tres horas.

Teria sido um aviso? ella? a pedir a minha companhia para não ir solitaria por aquellas ruas sob a tristeza inclemente de um céu de inverno, ella que viera pelo sol, demandando a luz formosa e vital dos nossos dias?

Seria? Chamei Alfredo e, nervoso, mal lhe senti os passos no corredor, corri á porta a despachal-o com o recado:

— Encommenda um carro pelo telephone. Depressa! E' sempre ás quatro?

— Sim, senhor.

— Brandt já veiu?

— Creio que já, porque o chalet está aberto.

— Então vai. Um *coupé*. Refresquei o rosto e comecei a vestir-me, sempre preoccupado com a sensação que me despertára.

Diante do espelho, sem ver-me, pensava: Oh! os meus nervos! os meus pobres nervos excitados começavam a afrouxar em ti-

bieza covarde. Decididamente era preciso reagir. Minh'alma, senhoreada pelo terror, enfraquecia imbelle ante os incidentes mais comesinhos: o vôo de um insecto que investia á vidraça fazia-me estremecer abalado; ao estalido de um movel gelava-se-me o sangue. Dei um empuxão á lapella da sobrecasaca num arranque de força energica e cheguei á janella.

O sol rompia as nuvens adelgaçadas e o ar fresco e macio. Grandes vãos de azul appareciam e as folhagens lustrosas brilhavam tenras como rebentos da vespera. Ainda pingavam, a espaços, gotteiras lentas.

Desci. Na sala dois inglezes fumavam distrahidos e um menino, vestido á maruja, encostado á mesa, folheava um numero do *Graphic*.

Encaminhava-me para a varanda com o proposito de ir ao chalet, quando Brandt entrou na sala, ainda alisando as mangas amarrotadas do frack.

— Estamos na hora?

— Sim. Miss Barkley appareceu, falou

aos inglezes, que logo se aprumaram, e preveniu-nos tambem:

— Estava tudo prompto. Iam fechar o caixão. Se quizessemos... Acompanhámol-a.

Sobre uma mesa estreita, ao meio do quarto, jazia o caixão negro, folheado de ramagens de prata. Mulheres mexiam-se em volta, compondo as flores, atafulhando-as nos vãos e a morta, muito branca, parecia de cera. As faces fundas, com os ossos em resalto, os olhos cavados, entreabertos, como desabotoando na lividez das orbitas, o nariz muito afilado, os labios finos, sem cor, gretados e seccos. Uns fios de cabellos louros illuminavam-lhe a fronte lisa. Entre as mãos eburneas, morriam flores e uma cruzinha de ouro pousava-lhe sobre o peito raso.

Fecharam o caixão, sem lagrimas. Os inglezes tomaram-n'o, levantando-o como um simples fardo; eu e Brandt secundámol-os. E sahimos.

As mulheres vieram até a varanda. Passámos por entre as roseiras viçosas e os galhos balançados gottejavam sobre o caixão.

Uma das flores desfolhou-se e, no momento em que o jardineiro abria de par em par o portão, no caramanchel uma cigarra alviçareira desferiu o alegre canto estival, contente com o sol que sahia ao azul, livre como um empavezado barco que abrisse amplas velas ao vento ao singrar, airoso, o mar bonança, longe da bruma, longe dos bancos algidos, longe dos niveos penedos, pela serenidade remançosa das aguas lisas.

A visinhança apinhava-se ás janellas, havia curiosos pelas calçadas. Miss Barkley esperou que se afivelasse a ultima correia e, quando o feretro moveu-se, fez um aceno tão simples com a mão como se se despedisse, por horas ligeiras, da que ia para a Noite sem alvorada ou para a manhan radiosa do Dia que não finda.

Ao voltarmos a rua do Marquez de Abrantes cruzámos com a carrocinha da Saude Publica e uma carreta em bancada com os desinfectadores. Sorri lembrando-me das palavras irritadas de Basilio. Brandt murmurou:

— O exorcismo. E, depois de uma pausa, ajuntou em tom mysterioso· Se os homens pudessem fazer o mesmo ao coração livrando-o da saudade a alma soffreria menos no seu breve transito pela terra.

A Morte é a Flor da arvore da Vida: murcha no ramo, desfolha-se no tumulo, mas o pollen reprodul-a. O homem que layra não se contenta, quando ara e depura o campo, em arrancar a planta maninha: cava, desarreiga a vige e o mais tenue filete de raiz e ainda lança fogo ao restolho para que não perdure semen nefasto. A flor aqui vai... Misera flor! E lá vão os arrasadores destruir o germen lethal que ella deixou disperso no pequenino quarto.

— E tu crês, Brandt?

— Creio, sim; creio ainda que julgue a Morte uma ascensão, nada mais — o que nós chamamos Vida é a purificação do ser. Natureza, eis tudo. A alma entra na existencia como em escala de aperfeiçoamento, passa do menor ao maior oscillando entre o bem e o mal. Em todo o homem subsiste a vaga

reminiscencia de uma vida anterior e ha a tendencia para o Além: a terra prende-nos, o céu attrahe-nos. A victoria do Absoluto é a Morte.

Eramos arvore, um arranque fez-nos passaro, em vez das raizes captivantes adquirimos a aza solta, vencedora do espaço. Homem hoje, amanhan...

— Poesia...

— A Poesia é a flor da Verdade, meu amigo, ainda que todas as ideias que se destacam da vulgaridade, as superiores e as imbecis, lhe sejam, por desintelligencia ou escarneo, despresivelmente attribuidas.

O poeta é vidente: annuncia por symbolos o que se ha de realisar em dias vindouros. A flor não tem saibo, senão aroma: o verso é pura abstracção — alma. O fructo, com a polpa saborosa, vem mais tarde á arvore.

Analysa qualquer lei scientifica e has de nella encontrar a essencia poetica. Os primeiros sabios foram contemplativos: a palavra da Sabedoria nasceu ao som das lyras.

Apollo guiou os passos de Minerva infante. Tudo é poesia.

O *coupé* relentou a marcha num atravancamento de carroças contidas por um carrejão carregado de lages de granito que entalára uma das altas rodas num lameiro, diante dos emmaranhados andaimes dum predio em construcção.

Estalavam chicotadas a um vivo atroar de brados enfurecidos. Houve, por fim, um alarido de açulo, um vozear de acorçôo e logo o estrepitoso barulho de muitos vehiculos partindo d'arranque em direcções diversas. E o povo refluiu para os lados arengando. Seguimos.

Na Saude Brandt observou:

— Parece que deixámos as portas da cidade. Repara como tudo aqui é differente: outro aspecto, outros typos. A propria lama é negra, como feita de pó de carvão.

A rua, esburacada e tortuosa, reluzia em abafeira escura. Iamos lentamente ao longo dos grandes trapiches, por entre caminhões

que rodavam aos solavancos, com um forte estridor de ferros.

Tanoeiros besuntados, com aventaes de couro, martellavam aduellas, raspavam quintos e um cheiro acido, avinhado, exhalava-se em bafio de dórna.

Embarcadiços, de blusa ou em mangas de camisa, os braços robustos avergoados de veias turgidas, tanados, a pelle franzida em rugas, aos grupos ás portas das vendas, cachimbavam ou riam ás cascalhadas. Em vastos armazens sombrios as saccas, em pilhas, por entre as quaes enfiavam esgalgadas ruellas, topetavam com o tecto.

No fundo fuliginoso de fundições havia um como flammejar de pyras, tiniam ferros atravéz do rumor reboante das machinas.

Carregadores trotavam curvados ao peso de saccas e, chapinhando na lama, desappareciam em casarões vetustos e gente, num aforçurado ir e vir, abalroava-se aos encontrões, no mourejo ou na calaçaria: mulheres esmolambadas, crianças maltrapilhas farejando ás portas, negros agigantados, o busto

nú, retinto, reluzindo ao suor, rinchavelhando ás guinadas com os biceps entumescidos em ampollas de força.

Viellas subiam desguelha, enviesavam-se em cotovello, ladeira acima, por entre um casario chato com a cimalha esborcinada e a borda do telhado coberta de herva e ao alto. no remonte agreste, sotopunham-se, em pombal, vivendas miserrimas — casotas acaçapadas, baiucas, pardieiros apinhados, um refugo de ruinas na desordem desmantellada dum desmoronamento.

As longas chaminés, em obeliscos, bufavam rolos espessos de fumo negro e, de instante a instante, vencendo todo o rumor, um silvo esganiçava um grito histerico, ou o retrôo duma *sereia* prolongava-se soturno.

Quando chegámos ao cemiterio, em silencio, ajudámos os dois inglezes a retirarem o caixão respingado de lama, e, tomando as alças, subimos vagarosamente a aspera e pedrenta ladeira entre grossa muralha laivada de humidade e uma ala flexuosa de bambús.

O sol brilhava triumphante, livre das nuvens que fugiam em derrota. A aragem soprava suave.

Triste cemiterio de exilio!

Encostado á montanha, todo em accidentes: ora corcoveado, em cómoros, ora abysmando-se em ribanceiras ingremes, com os jazigos abandonados, ennegrecidos, dentro de moutas hirsutas de herva brava, as cruzes de ferro roidas pela ferrugem, as de marmore veiadas de negrume, era desolador como a propria morte naquelle recanto lugubre, entre arvores retorcidas e engelhadas, cujas raizes repontavam expostas, orfans da terra carreada pelos aguaceiros.

A' montanha, com uma torre fina espetada no viso, vertia o seu flanco esteril para o cemiterio. Em frente, o mar sereno, pelo qual entrava longamente uma ponte carregada de wagons, refulgia coalhado de barcos; e longe, cintando as aguas lisas, o redente da serra, mais azul do que o céu.

Chegámos á capella — núa, sem um symbolo a não ser a cruz triste, de ferro, no

vertice do frontão, entre andorinhas que esvoaçavam.

No interior, de paredes brancas, abertas, ao alto, em persianas, só havia, ao centro uma mesa funérea sobre a qual descançámos o caixão.

O pastor, um homem pallido, de barba negra e oculos, esperava-o, revestido duma capa branca, de largas mangas, a estóla negra ao braço, o livro entre os dedos.

Chegou-se ao esquife e poz-se a ler machinalmente numa voz que esmorecia, quasi apagava-se, para crescer, de improviso, em tom rispido, imperativo como se elle intimasse a divindade a receber a alma que consignava.

Não era uma prece, mais parecia uma transacção com o Além, em que se sentia o negociante a gabar a mercadoria, a exaltal-a, cedendo-a, por fim, com as caramunhas aborrecidas do que dá por menos do que pretende. Fechou o livro, poz-se em marcha.

Seguimol-o com o leve esquife, levando-o,

ladeira acima, até a barranca, junto ao muro, onde a cova aberta, de terra pastosa e molle, enlameada ao fundo, esperava guardada pelos coveiros.

De novo o pastor abriu o livro, murmurou a oração extrema e, lentamente, num silencio em que se ouvia o languido ringir dos ramos, descemos o caixão que chafurdou balofamente na cova encharcada.

A pá de terra, passando de mão em mão, cinco vezes fez resoar o tampo do esquife. Afastámo-nos. Logo, com pressa de acabarem, os coveiros tomaram as enxadas e um estrondo surdo atroou.

Os dois inglezes subiram, e, ao alto, um d'elles, indifferente aos tumulos, estendeu o braço mostrando a paizagem, explicando-a ao companheiro e seguia com o dedo hirto as voltas da terra, os rolos de fumo das chaminés, os telhados negros, os barcos que deslisavam, a serra longinqua, as proprias nuvens. O outro olhava fito.

Nos ramos, dourados pelo sol, as cigarras cantavam hilares.

Brandt, diante da capella, núa e desolada como se por ella houvesse passado a profanação de um excidio, meneou com a cabeça:

— Não! Não comprehendo religião sem ritual, nem ritual sem pompa. O homem precisa *ver* para comprehender e amar. Não basta pensar em Deus, é necessario sentil-o, tel-o ante os olhos em uma expressão material, como um alvo a que vá fita a prece, para o qual se lancem as mãos pedintes e corram em torrentes as lagrimas desencadeiadas.

— E a natureza? tudo isto? céus e terras?

— Tudo isto é a creação, não é Deus. E esta capella é uma casa deserta, um corpo morto a que falta...

— Um idolo...

— A alma, meu velho, a alma das religiões que é justamente a Poesia: uma expressão da Bondade, do Amor, da Esperança, da Fé... o symbolo, o symbolo, o eterno e necessario symbolo.

Isto é desoladoramente triste, has de convir. Vamos! E descemos desconsolados a precipitosa ladeira apuada em pedrouços.

Diante do carro Brandt ficou um momento hesitante; por fim disse ao cocheiro: Para o Globo!

E, deixando-se cahir no assento, exhausto, desabafou: Estou com fome! Tive um dia tremendo! Felizmente ahi está o sol. Não imaginas como passo mal nestes dias sem luz. E, inclinando-se para olhar o céu, exclamou extasiado no azul: Tarde esplendida!

O aroma e o som, vivendo no ar, insinuam-se mais do que a luz: a fronde de uma arvore é empecilho ao sol — o arôma e o som passam atravéz dos muros fortes dos carceres.

No cerebro elles são assiduos, e, visitando todos os meandros, vão suggerindo ideias, despertando reminiscencias, gerando extases e terrores, excitando o gozo ou provocando lagrimas.

Ha melodias e arômas que renovam saudades, outros fazem-nos devaneiar lançando-nos aladamente em plena fantasia.

Um jardim em flor inspira tanto como uma orchestra. E ha sons asperos como ha cheiros estiticos. O arôma da violeta é um balbucio, o jasmineiro florido é um coro de bacchanal.

O thyrso das ménades, feito de lenho de sandalo, devia ser ennastrado de gardenias e cravos.

Quando entrei do ar puro da noite para o ambiente morno da casa logo senti-me envolvido no cheiro acre das fumigações e dos acidos e, aturdido, estonteado, segui pela penumbra silenciosa da sala, com o gaz em chamma de vigilia, atravessei o corredor, subi a escada até os meus aposentos com a impressão de ir caminhando ao longo da galeria funeraria de um jazigo.

Era o cheiro annunciador da Morte que impregnava toda a casa.

A minha saleta, apezar da janella aberta, tresandava. Era o «olor» mysterioso a combater os remanescentes da Morte. Tremenda batalha dos toxicos contra os infinitesimaes: cada átomo era um campo.

Em toda a parte a luta encarniçava-se.

Despindo-me, com todo o gaz acceso, eu sentia, em torno de mim, a rija peleja. Imaginava a exhalação daquelle cadaver desenvolvendo-se, tomando toda a casa, invadindo-a canto por canto, a envenenar o ar, a agua, a luz, todas as essencias da Vida, mas, ao mesmo tempo, o cheiro acético, que parecia espicaçar o olfato, tranquillisava-me com o pensamento extravagante de que, se os principios lethaes, penetrando-me no halito, levavam a ruina ao meu intimo em pós delles precipitavam-se os adversarios armados e no cheiro irritante que me alfinetava a pituita eu sentia as suas invisiveis lanças, as suas espadas, vibrando estocadas e golpes, ferindo de gume e de ponta, sem deixar um só vivo, um só! que seria bastante para devastar-me o corpo fragil.

Deitei-me. Na escuridão, porém, renhiu-se, ainda mais, a refréga e, no estado allucinatorio em que fiquei, aggravou-se a sinistra fantasia do meu delirio pávido.

Ante meus olhos, em roldões mais ne-

gros do que a tréva, passavam atropelladas phalanges e um ruido, como de respiração anciosa, era o estrondo da pugna retravada.

Pruritos fervilhavam-me no corpo — eram elles, os inimigos. Por vezes o peito abafava-me como se sobre elle pesasse um tampo de ferro — era a passagem das hordas acirradas.

Ardiam-me os olhos, os meus ouvidos atroavam.

Horrenda, formidanda batalha! E assim devia ser em toda a casa, no ambiente e nas mais fundas taliscas e, a todos os pontos em que se alapardavam traiçoeiramente os invisiveis esperando o momento opportuno para o assalto, lá ia o bafio, como o halito intensivo da Vida, afuroando, devastando a Morte.

Adormeci em somno pesado debatendo-me no horror de angustioso pesadello. A morta appareceu-me immensa e livida, como illuminada por uma aureola de fogos fatuos, núa, de pé sobre escabroso e árido penhasco, escarapellando o corpo ás unhadas, a lançar de si para a terra tassalhos de carne, borrifos

de sangue, méchas de cabellos, os dentes, as unhas e onde quer que cahisse uma de taes parcellas logo, instantaneamente, a vida cessava.

Homens, aos milhares, inclinavam-se, abatiam em silencio tragico como hervagem talada em campo maduro; arvores mirravam; aguas limpidas de corregos vivazes ennegreciam em rebalso; passaros colhiam as azas e rolavam dos ares, mortos.

Por fim, num arremesso do espectro, o céu ensanguentou-se de coalhos e logo as estrellas fulgidas apagaram-se.

Então o esqueleto esburgado poz-se a mover-se frenetico, boleando, tripudiando; arrojou-se da fraga sobre a mortualha e, acalcanhando-a em triumpho, dançava e crescia desmesuradamente enchendo todo o espaço até que não houve mais que a ossaria avassalando ceus e terras e lá em cima, onde as costellas eram como immensos arcos-iris, o craneo tábido, descommunal, com dois olhos opácos rolando nas orbitas, como astros mortos — cadaveres do sol e da lua, os-

cillando e ainda alumiando nos ultimos vasquejos.

Acordei afflicto, alagado em suor d'agonia, e, lançando-me do leito, fiquei de pé no meio do quarto espavorido e anciado e ainda o cheiro hediondo pairava astricto, tornando o ar hispido, como espinhoso.

Já se desfaziam as sombras da noite dissolvendo-se nas côres risonhas da alvorada. Sahi á saleta e, recebendo em pleno rosto a bafagem sadia da manhan, respirei a haustos largos, sofregamente, como se houvesse emergido á tona, depois de um longo, asphyxiante mergulho.

Debrucei-me á janella gozando a maravilhosa apotheose do alvorecer.

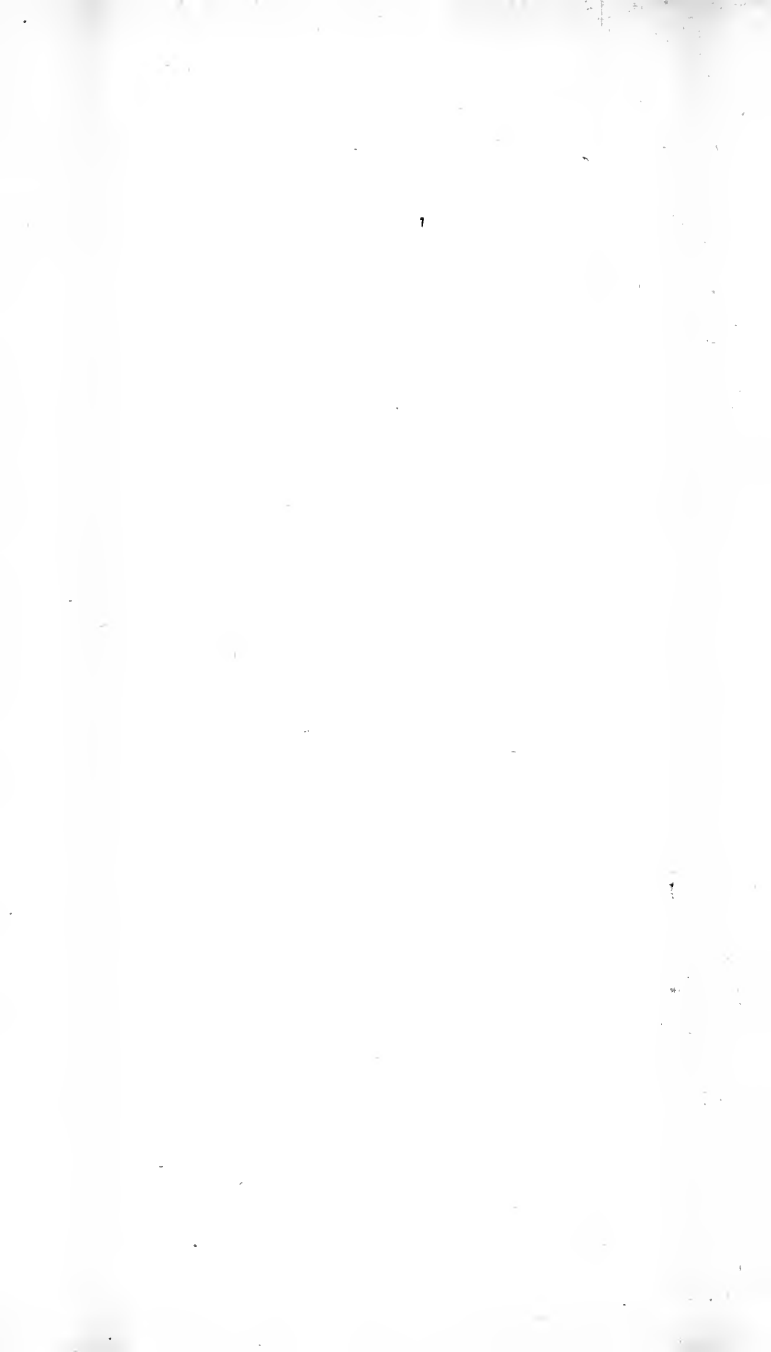
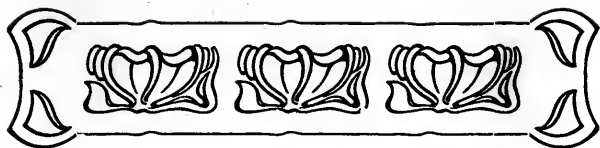
O ceu, com os varios matizes d'alva, desde a purpura, em frouxeis, até o broslado de ouro, accendia-se em cariz resplandecente como se uma tela immensa, de fogo, viesse lentamente subindo, sobrepondo-se ao azul suave que desmaiava.

As arvores menciavam-se em languidos requebros, ruflando os ramos e pareciam

compor-se garridamente para receber o sol. As folhas, á luz branda que se esparzia em rorejo de ouro, espalmavam-se com ancia avara.

De todas as franças, d'entre os copados galhos partiam aves aligeras e eram chilros, trillos alegres e os vôos cruzavam-se em festival aereo, á medida que o ceu, mais claro, aquecia-se com o Sol que se levantava triumphante.

Desci ao banheiro e, para conjurar as impressões funéreas, decidi trabalhar todo o dia, abrindo largamente as portas do «sonho» que eu ali tinha, á mão, e refugiando-me nelle como entre as arvores floridas de uma selva de encanto.

E abanquei diante do manuscripto de James quando o primeiro raio de sol entrava em flecha pela janella aberta.

VI

«Os poetas não mentem quando affirmam que os seres sobrenaturaes aspiram, com ancia, a vida contingente dos ephemeros.

A ondina, ao sombrear da tarde, surge á tona d'agua e quéda no açucenal fluctuante á espreita do viador. Se o avista, seja fidalgo airoso ou rude zagal maltrapilho, exalta-se, estua-lhe, com o pulsar do desejo, o collo turgido, accendem-se-lhe os olhos verdes, tingem-se-lhe de rosa as faces alvas e, quando o vê perto, saltando aligera sobre as alpondras, passando ligeira entre as ramagens densas, rompe esbelta na veiga e de pé, arqueando o busto em attitude imponente, afas-

tando para as costas os cabellos gottejantes, mostra-se-lhe toda núa, invida-o com voz languida, sedul-o com lascivo gesto e, se o colhe ás mãos, abraça-se com desespero nelle, cinge-o voluptuosamente á sua carne e, collando-lhe á boca os labios frios, suga-lhe a vida em beijos.

E' porque lhe faltam amantes no limpido retiro que sahe a buscal-os na terra? que respondam as moças aldeans que não se arriscam, depois do toque de acolher, a abeirar-se do rio para que as não traia o ondino que se agacha nas hervas das margens humidas.

As fadas, a cujo prestigio toda a natureza obedece, refogem, com aborrecimento, ao amor dos genios. E' vel-as ao luar friissimo, errando volateis na bruma, bailando em ronda á volta dos lagos, cantando e tangendo instrumentos subtis.

Desejam os amores ardentes da terra e attrahem, com sortilegios, os seres mortaes, buscando nelles o que não encontram nos sylphos e nos elfos, a volupia que enerva,

a volupia irman da Morte, mais violenta do que o frio e infecundo amor dos immortaes.

Sempre o opposto é preferido — o desejo é ave solta e caprichosa que vôa para o contraste.

Quanta vez, olhando do alto da torre esplendida, onde todos os gosos me cercavam, eu invejava a sorte triste do pastorinho que passava no valle, embiocado no gabão poido, pisando a neve, na aspera trilha que levava á granja ou á arribana miserrima, descolmada e sem lume?

Afeito ao prodigio já me não causavam surpreza os lances mais extraordinarios da minha vida captiva.

Ver, como vi, no esmaecer dum crepusculo, a sombra immensa dum passaro cujas plumas irradiavam; vel-o investir d'arremesso á ogiva, inflammal-a com a poupa em chamma, raspar-lhe os vidraes com as garras de ouro e abalar estrepitosamente deixando no espaço um rastro de lume, foi, pará mim, espectaculo tão vulgar como o jorrar das

gárgulas nos dias de chuva. Mais me distrahia e enlevava o vôo lento dos patos bravos, que subiam dos lagos em bandos e desappareciam por traz das collinas, destacando-se, um momento, em pontos negros, sobre o fundo esbrazeado do occaso.

Que eram maravilhas para quem nellas vivia, se os meus dias e as minhas noites foram sempre um continuado prodigio?

Assim, a primeira impressão que tive ao passar da camara ao salão cujas janellas, largamente abertas, respirando um ar puro e fresco, recebiam o sol alegre e o perfume dos prados florescidos e davam aos olhos a delicia da contemplação do ceu azul a que se sobrepunha, em relevo, o recórte dos montes, foi apenas de gozo logo, porém, recordando a vespera de agreste invernia, noite de vento e neve, e lembrando-me da apparição lugubre que me tomára o passo, estremeci.

Como se fundira em horas a espessa nevada? Como abonançára em brisa affagante o desabrido vento? Como se refizera o arvoredo esmarrido que lá fóra boleava a coma,

toda enfolhada e em flôr? Como do inverno esteril passáram, no correr dum somno, para a belleza e o viço da primavera céus e terra?

Olhava, enleado, quando ouvi passos e logo senti o arôma adorado de Maya. Voltei-me: era ella. Sorria, linda com uma rosa ao collo e á cinta, graciosamente posto, um molho de cravos amarellos. Interroguei-a sobre a transição que, tão rapida, se effectuara e ella disse serenamente:

— Se houve prodigio, esse foi o vosso somno de tres mezes. Adormecestes quando ainda os corvos esgaravatavam a neve. Vieram as primeiras andorinhas e encontraram-vos dormindo. A voz da cotovia não vos despertou, nem o rouxinol, trillando nos balseiros, conseguiu tirar-vos do lethargo em que cahistes. Campos e outeiros reverdeciam, arvores e sébes cobriam-se de flores, derivavam ligeiros, com pressa festiva, os ribeiros que havieis deixado retransidos. Enxames de abelhas invadiam os aposentos, borboletas acatasoladas vinham adejar em

torno do vosso leito e... dormieis. Tres mezes longos dormistes.

— E porque durou tanto o meu somno?

— Porque descobristes a face da Morte. Estas palavras, pronunciadas em tom mysterioso, deixaram-me aturdido e affluiu-me á memoria, sem omissão de uma minucia, toda a scena da minha ultima noite — a peregrinação receiosa atravez das salas fulgentes, o funereo e pavoroso espectaculo do esquife, o cadaver de Arhat, a apparição á entrada dos meus aposentos.

Arrepiado, sentindo um frio agudo como de ferro que me traspassasse o peito, hirto, quasi sem voz, perguntei pelo estranho homem.

— Espera-vos, disse a donzella fitando em mim, com tristeza, os olhos que se annuviavam. Vinde commigo e despedido de tudo que vos cerca e de mim, que vos amo, porque nunca mais tornareis a ver o que ides deixar. Vai abrir-se o casulo á borboleta livre. Ides conhecer o que almejais. Vinde! E, sem mais palavra, adiantou-se lésta, atra-

vessou a porta, seguiu pela galeria, desceu a longa e retorcida escada e eu em pós della.

Em baixo, no pateo dos idolos, deteve-se, estendeu-me a mão fria e os seus olhos lindos — que ainda alumiam minh'alma como as estrellas mortas brilham no fundo do ceu — pareciam diluir-se em lagrimas.

Um momento as nossas mãos unidas apertaram-se, olhavamo-nos em silencio, mas um vulto appareceu entre as heras que recobriam a ogiva da portaria de pedra e bronze e eu nelle reconheci Arhat, em cuja mão oscillava, em haste longa, um lirio de alvura incomparavel.

Estremeci. A um aceno imperativo do homem dominador deixei as mãos frias e tremulas de Maya e segui submisso na direcção do prestigio.

Lado a lado caminhámos.

O parque resplandecia em pleno sol, reviçava em todos os seus meandros; o perfume subia com exhalação suave, impregnando o ar.

Vaidosamente, narcisando-se, com a ma-

tizada cauda aberta em fulgido flabello, pavões jaziam immoveis á beira do lago onde airosos cysnes alvos, palmilhando as aguas lentamente, deslisavam serenos como se os levasse a brisa.

Faisões alavam-se de ramo a ramo com um lampejo das pennas iriadas; e daqui, dali, dalhures cruzando o vôo, eram aves, cuja plumagem vária coruscava, borboletas, abelhas, todos os seres alados gosando a luz, sob a poeira vivida do sol, como num baptismo ardente de fecundidade.

Arhat caminhava abstrahido, o olhar em arroubo. A espaços, aspirava o lirio a sorvos sofregos e longos.

Ainda que seguissemos por um caminho areado, donde os meus passos tiravam crepitações, o andar do Mestre era silencioso e um momento como ficassemos hombro a hombro, não lhe senti o corpo, mas um brando, agradavel calor como de raio de sol a que me chegasse; sombra, só uma, fronteira a mim, ennegrecia a terra; do lado de Arhat, precedendo-o, luzia uma claridade e

em torno delle as folhas resplandeciam como a um fulgor mysterioso.

Atravessámos vagarosamente uma recolhida alameda cujo saibro micante scintillava e chegámos á clareira onde a herva fina alastrava em alcatifa tão avelludada que andar por ella era pura delicia.

Não raro, por entre as ramas, dois grandes olhos, humidos e meigos, espreitavam-nos: algum antilope ou corça.

Os galhos ringiam em alor molle, á aragem, e um cheiro acre, silvestre, picava o ambiente como o perfumoso halito das arvores sadias.

Não havia viv'alma, só os animaes gozavam a belleza daquella manhan fulgurante no viçor do parque cujos aspectos variavam, á medida que avançavamos, deixando a um e a outro lado profundezas sombrias de bosques ou lisuras vastas de chans, lagos espelhentos ou levadías daguas espumantes acachoando em pedras eriçadas de hervas, um colmaço ou uma gruta, boscarejos ou suaves boleios de collinas de tão macia relva sob

o matiz das flores que nellas, ao primeiro lance dolhos, logo se sentia o trabalho, o cuidado caprichoso do homem.

Bandos de veadinhos vingavam ás sebes, atravessavam as veredas aos pinchos atropellando-se e eram ruflos dazas em abalada arisca, galreios daves alarmadas, vôos de insectos, farfalhos das versas sob o colleio dos lezardos e longe, á sombra de ramalhoso carvalho, repousavam cervos ruminando e um á frente, a cabeça firme e altaneira, olhava hostil como se nos espiasse os passos, prompto a investir em defeza da tribu de que parecia o chefe poderoso.

Mas Arhat proseguia e eu, sem animo de falar, ia-lhe na trilha, preoccupado, senão medroso, a imaginar absurdos.

Avisinhando-nos de uma fonte, que murmurava escondida entre mimosas plantas, humidas do rorejo contínuo, elle deteve-se d'olhos em terra, quieto, a cabeça pendida em pensamento.

Ao cabo de um instante voltou-se encarando commigo, acenou para que me sen-

tasse em uma pedra, sentando-se em outra e, depois de aspirar o lirio, disse:

«Uma tarde — eu então residia em um suburbio de Londres — era no começo do inverno, a noite descia cedo — estudava solitario quando ouvi um vozeirar na rua, exclamações aterradas, gritos espavoridos. Precipitei-me para a janella e, abrindo-a, vi no lodo negro, a que se juntavam golfões de sangue, dois corpos escabujando. Um carrejão desapparecia em disparada fuga perseguido pelo clamor publico e, como era a hora da sahida das fabricas e das officinas, em pouco tempo formou-se uma densa multidão no lugar do desastre.

Tinha em minha companhia um colosso thibetano que me servia com dedicação e culto. Chamei-o e, mostrando-lhe os cadaveres, ordenei que m'os trouxesse. Não sei como se houve, mas não gastou no ir e vir mais que o tempo necessario á corrida.

Recolhi com os despojos ao meu gabinete de estudo e, examinando attentamente os corpos, reconheci que um era de menino, a

esse a cabeça ficara em pasta informe; o outro, de menina, tinha o peito esmagado: era uma massa de carne espontada de astilhas d'ossos, sangrando a jorros.

Valendo-me das noções que possuo da Magna Sciencia, como ainda encontrasse vestigios, ou melhor: manifestações da presença dos sete principios, retive a força de *jiva*, ou principio vital, fazendo com que elle attrahisse os restantes que circulavam, em aura, em torno da carne e, com a pressa que urgia, aproveitei dos corpos o que não fôra attingido. Tomando a cabeça da menina e adaptando-a ao corpo do menino restabeleci a circulação, reavivei os fluidos e assim, retendo os principios, desde o *Athma*, que é a propria essencia divina, refiz uma vida, em um corpo de homem, que és tu.»

Tão estranha revelação feita em tom sereno, com a simplicidade de uma natural conversa abalou-me de tal modo que me senti como esvahido e em trevas, mas um arôma subtil, penetrando-me docemente, restituiu-me o alento. Reabri os olhos: Arhat

estava a meu lado inclinando sobre o meu rosto o lirio cujo perfume me deliciava.

Ouve, continuou. O mysterio não o direi, está escripto: aqui o tens. Curvou-se e, apartando as folhagens que galeavam a fonte, apanhou uma caixa de cedro laminada de prata, abriu-a e tirou um livro que me entregou.

Eu pretendia dar-te o conhecimento do que se acha exposto neste volume, que é a tua Biblia, precipitaste o meu transito com a curiosidade, tive de volver em «aura» do Além para acudir ao corpo, que ainda era meu e que profanaste com o olhar imprudente.

O teu castigo foi benigno: tres mezes nas prisões da Morte, mas o que perdeste é inestimavel. A mim beneficiaste aligeirando as horas da grande e definitiva Renuncia.

Antes que o sol toque o pino do ceu ter-me-ei libertado deste passo de angustia integrando-me no *Athma*. Sendo o corpo terra que é a vida mais do que uma prisão em sepulchro ? Abreviaste a hora da minha ascensão.

A vida é uma sequencia de actividade e inercia, um collar em que se intercallam contas negras e luminosas, dias e noites. Cada noite que escôa faz-te entrar em nova manhan. As reencarnações são grandes dias em que nos purificamos, passamos dum a outro pela sombra da morte, que é a noite ao termo da qual esplende a alvorada. O dia sem fim, luz a pino, claro e sereno e infinito dia, esse só alvorece depois de completar-se o cyclo das existencias materiaes — quando a pureza, por expiação, tornar-se igual á da iniciação — quando a candura da anciania se iguale á candura do berço.

Do somno que dormes passas para a manhan com a memoria, que é a consciencia do passado: a morte, que é um somno mais longo, apaga esse vestigio da vida, de sorte que, nas reencarnações, ha vagas reminiscencias, certeza não póde haver: perduram estygmas, mas a lembrança esvai-se.

Aspirou o lirio longamente e proseguiu: Está por pouco o meu degredo, devo, portanto, ser breve e tão claro quanto m'o per-

mitta a palavra. Tens neste livro toda a tua vida, mas o ideogramma em que foi escripto só poderá ser decifrado por alguem que haja attingido a perfeição.

Se conseguires descobrir uma intelligencia previlegiada que interprete os symbolos serás no mundo como um anjo entre os homens, senhor de todas as graças, de todo o prestigio, uma vontade soberana em um espirito maravilhoso: se, porém, não obtiveres a chave do arcano, ai ! de ti.

Poz a fito em meu rosto os olhos agudissimos, e largo tempo esteve a contemplar-me. Immovel, só o lirio balanceava em sua mão em rythmo de pendulo.

Após um instante continuou: Na mesma noite em que consegui realisar a conjuncção dos dois corpos, que eram da Morte e que reintegrei na Vida, cedendo á terra o tributo que lhe cabia, porque os tassalhos foram sepultados pelo meu servo fiel, deixei a casa vindo habitar este antigo castello onde, á custa da minha propria essencia, com prejuizo da minha energia, fui alimentando a

vida que hoje tens, dando-te o meu fluido com o mesmo amoroso desinteresse com que a ave maternal encrava as garras no peito, esborcina a chaga a bicadas fazendo rebentar o sangue com que ciba o ninho.

E's verdadeiramente o filho da minh'alma.

Logo, porém, que te firmaste na vida assaltou-me uma duvida incoercivel sobre a alma que devia influir na tua existencia, imprimindo-lhe a feição moral.

Duas erravam em volta dos destroços da carne, obedecendo ao prestigio do Karma, que é a força da integração, uma só, porém, havia de prevalecer visto como das duas vidas independentes uma apenas podia subsistir. Desde que se manifestaram no corpo refeito os indicios da acção dos sete principios que agem sobre a materia estava evidentemente provada a existencia de uma alma. Qual dellas seria a victoriosa — a do menino ou a da menina?

Todas as minhas tentativas attinentes á descoberta desse mysterio falliram. Velei noites longas, perdi largos e seguidos dias

inclinado sobre o teu berço, lançando inculcas em vão. Os meus sentidos aguçaram-se de balde e que poderia eu obter da inercia psychica de um infante?

Dorka, que te acompanhou desde as primeiras horas, attenta, com a sollicitude de sacerdotisa á espera de um oraculo, morreu na incertzea, sem conseguir sequer um indicio que lhe désse ansa á mais leve suspeita.

Insisti pondo a teu lado os dois sexos, procurando exemplares os mais perfeitos da belleza e da graça, da flexibilidade e do aprumo, da meiguice e do garbo, da frágil candura que se entrega e da força altaneira que domina: Siva e Maya. Vendo-os convenci-me de que a alma que te assiste, qualquer que ella fosse, trahiria a sua natureza inclinandose ao contacto.

Oscillava em affeição ephemera, em caprichos mais de esthesia do que propriamente de amor. Nunca demonstraste predilecção e a carne conservou-se impassivel na presença quer dum, quer doutro, ainda que o olhar, por vezes, se exaltasse apenas ad-

mirando, extasiado na belleza, com o mesmo enlevo com que se embebia na paizagem ou nas cores vivas do ceu ao dealbar e á tarde.

No teu rosto accentuava-se a mais e mais a belleza feminina, mas o corpo robustecia-se em másculo vigor e o coração mantinha-se sempre múdo, inerte, indifferente, a ouro fio entre os dois sexos que se emparelhavam disputando-o.

Talvez só agora se te defina o ser. Entraste na puberdade que é a sazão em que a alma desabotôa revelando-se amorosa, accendendo na carne os fógos da volupia.

Se em ti predominar o feminino que transluz na belleza do teu rosto, o rosto de tua irman, serás um monstro: se vencer o espirito do homem, como faz acreditar o vigor dos teus musculos, serás como um iman de lascivia: mas infeliz serás como ainda não houve outro no mundo se as duas almas que pairavam sobre a carne rediviva lograram insinuar-se nella.

O *Linga-sharira*, ou corpo astral, «aura» ambiente, que circula, em aureola, em torno

da cabeça é o ultimo principio que abandona o corpo e a tua cabeça é feminina. Será o coração viril?

Desventurado de ti se os dois principios conseguiram penetrar-te — a discordia andará comtigo como a sombra acompanha o corpo. Amando, terás ciume e nojo de ti mesmo. Serás uma anomalia incoherente: querendo com o coração e detestando com a cabeça e vice-versa. A tua mão direita declarará guerra á sinistra, uma das tuas faces incendiar-se-á de vergonha e asco quando a outra inflammar-se no pudor que é a florescencia do desejo. Viverás entre dois inimigos encarniçados.

Ai! de ti... Dize: onde te leva o coração? Que reclamam os teus sentidos? Onde se demoram, com mais encanto, os teus olhos ennevoados de sonho?

Encarou commigo interrogativamente e, como não obtivesse palavra do meu silencio aterrado, estremeceu e houve um relampago ceruleo como se uma grande amethista houvesse instantaneamente eclypsado o sol.

E' tarde! suspirou por fim, e disse com melancolia: O lirio começa a esmaecer e pende. E' a vida que se esvai!

Eu carecia de um corpo que me servisse de apoio como a ave precisa de um galho para pousar, escolhi a flor e a flor fenece.

Effectivamente o lirio inclinava-se languido, e dobrava-se na haste, molle, amarellecendo e Arhat, como para aproveitar os ultimos instantes, precipitava as palavras pronunciando-as pungitivamente:

— Adeus! Preveni tudo para que não soffresses. Soffrimento basta o que em ti trazes. Has de encontrar quem te guie os primeiros passos fóra do teu paraiso. A fortuna que te lêgo garante-te os gosos da vida e o servilismo dos homens. Vel-os-ás curvarem-se ante ti como um campo de trigo ao vento e passarás calcando os preconceitos e as convenções, a honra, o amor, a justiça e as leis, a força e o brio, a innocencia e a miseria e, longe de bradarem contra o opprobrio, os nobres, os honestos, os puros, os esposos ultrajados, as virgens infamadas, os juizes,

os patriotas convertidos á infamia pelo teu suborno bemdirão a affronta e tanto mais apregoarão a tua virtude quanto mais os atascares no lameiro de ouro.

O ouro vil! Faze com elle o que faz o sol com a chamma: luz, claridade, calor, vida. O ouro da mina é o verdadeiro fogo da região maldita, fal-o tu sol, luz celeste applicando-o ao bem. Sê bom.

Uma moeda é a roda que leva a toda a infamia e á salvação: posta á beira do abysmo precipita-se, atirada ao ceu é um astro. Sê bom.

Vai e procura pela terra vasta quem te dê a chave do segredo que encerra o livro mystico. Agora segue-me. Quero deixar-te onde convém que fiques para que te encontre o teu guia.

Adiantou-se, tomou a frente e eu vi que, á medida que se afastava, ia com elle o clarão que illuminava o bosque, onde baixavam sombras e o frio das tardes invernaes.

A luz deslocava-se acompanhando o homem como se delle irradiasse e, succedendo

passarmos junto duma acacia florida, ao meneio dos ramos acenosos, entrou a arvore a esparzir toda a riqueza dos seus corymbos e as flores, cahindo sobre o Mestre, passavam-lhe em chuva d'ouro atravéz do corpo e assim borboletas e abelhas e todas resplandeciam como o pollen aereo quando entra na zona de um raio de sol.

Não era o seu corpo empeço á visão da paizagem que toda se me mostrava atravéz delle como vista por um vidral dourado. Os ramos illuminavam-se ao clarão do seu peito, os seus pés eram dois esplendores que faziam rebrilhar o saibro, as suas mãos refrangiam raios iriados clareando os arbustos sobre que pairavam.

Diaphano e luminoso, achegando-se a mim, deu-me apenas uma suave sensação de calor. Por vezes confundia-se commigo ou eu entrava por elle e sentia-me como em pleno sol e a minha sombra desapparecia na terra.

O lirio murchava. Arhat, taciturno, parecia fluctuar em arejo — seus pés juntos, immoveis nem roçavam o solo e direito, infle-

xivel, a cabeça erecta e fulgurante, seguia a meu lado como um ser ethereo que se libertava do que nelle havia de humano, adquirido na Humanidade, alijando dos olhos fitos, pela face esplendida, lagrimas grossas que rolavam, luziam diamantinas, cahiam na areia ou na relva e ficavam brilhando.

Chegámos a uma clareira. Elle fez com o braço hirto um gesto lampejante indicando-me um caminho revolto, por onde segui curvando-me como a uma ameaça.

A poucos passos andados todo me arrepiei ouvindo um longo, arrancado suspiro — uma força reteve-me: voltei-me e, maravilhado, estarrecido, vi o vulto luminoso do Mestre que se elevava em lenta ascensão e esmaecia, a pouco e pouco esvahia-se — apenas uma tremulina translucida, como a exhalação da terra calcinada nas horas mais estivas, pairava, mas volatilisando-se, subtilisando-se de todo sumiu. O lirio apenas, solitario, ficou suspenso no ar, a oscillar de leve. Subito, como uma ave ferida, precipitou-se e, tocando em terra, desfez-se.

Instantaneamente vibraram em concerto trillos e rouxinoleios d'aves, os cervos bramaram árdegos entre as carvalheiras sombrias e o ar embalsamou-se dum arôma suave.

Quanto a mim, foi como se me houvessem cegado, amordaçado, tolhido. Mergulhei em trévas abruptas, sem folego, paralysado, sentindo-me atordoar por uma zoada soturna como se me houvessem adaptado uma concha aos ouvidos ou jazesse prisioneiro nas galerias echoantes e tenebrosas duma catacumba. Que houve? Não sei.

Quando dei accordo de mim atravessava, em sege, a trote largo, uma estrada lisa e branca, entre sebes floridas e *cottáges* agasalhados em sombras d'arvores.

A tarde macia era toda arôma: e no ar quieto, a espaços, cantava um sino religioso. Andorinhas esvoaçavam e sob a nevoa azulada os campos adormeciam.

Diante de mim, immovel e grave, um homem louro, de soiças ralas, conservava sobre os joelhos uma caixa na qual immediata-

mente reconheci o estojo do livro do meu destino.

Occorreram-me, de prompto, como se estivessem attentas na memoria á espera do meu appello, as palavras de Arhat: «Quero deixar-te onde convem que fiques para que te encontre o teu guia».

Assim, era aquelle o homem que me devia, com segurança, introduzir no mundo que já se me affigurava complicado e hostil.

Como em resposta á interrogação do meu olhar inclinou de leve a cabeça e murmurou: «Sullivan». Era o seu nome e logo, como para alliviar-se de um peso incommodo, tirou do bolso uma atochada carteira de couro negro e entregou-m'a, explicando: «Sobre o Banco de Inglaterra». Milhões, a fortuna de Arhat.

E, até Londres, onde chegámos com a noite, não trocámos mais palavra.

Descemos no *Hotel dos embaixadores* onde já nos esperavam com os mais amplos aposentos alfaiados sumptuosamente. E começou para mim a vida real.

Comparando-a, nos meus concentrados e

saudosos silencios, com a que eu deixara para o todo sempre, pareceu-me mais extraordinaria e prodigiosa.

Os meus dias no solar perdido discorriam dormentes com a monotonia com que rolam as aguas de um rio claro, formoso, mas sempre, invariavelmente sereno, com o mesmo choroso murmurio, com as mesmas candidas flores carreadas no curso, as mesmas verdes ramas retratando-se-lhe na superficie lisa e no turbilhão em que eu me precipitara as surprezas succediam-se com os minutos.

Os quatro primeiros dias da minha nova existencia foram, a bem dizer, mais cheios do que os quietos dezoito annos jazidos no solar merencoreo do valle triste.

Sullivan tudo mostrou-me: o fausto mais imponente e a miseria mais commovedora e sordida.

Vi cortejos de principes e levas de galés, uns e outros entre armas. Ouvi córos em cathedraes, vastas como cidades, e ouvi-o arquejo dos bateleiros que cruzam o rio, o canto triste dos operarios á volta das offici-

nas. Ouvi tinir o ouro e o ferro. Percorri a cidade e as suas entranhas — ora á flor da terra, podendo olhar o céu, ora em subterraneos com uma abobada de tumulo pesandome sobre o peito. E vi, com verdadeiro assombro e revoltada piedade, a machina, vencedora do homem, a machina a fazer miseria, a triturar o pobre para locupletar o rico; a machina que vai relegando o esforço, como a polvora inutilisou a bravura.

A agua, o fogo, a centelha etherea, todas as forças puras combinavam-se para o crime, roubando o pão ao pobre, despindo-o, tomando-lhe o lar, lançando-o na estrada tão nú e tão desprovido como na hora amargurada do nascimento.

Visitei fabricas e officinas e commovi-me diante dos engenhos deshumanos que, assim como o arado, revolvendo, sulcando a terra, mata as hervas humildes para que a seara do pão cresça sem parasitas, assim vão elles desalojando os fracos em beneficio dos fortes. Tudo vi.

Sahiamos dos *squares* opulentos e cha-

furdavamos nas viellas nojosas onde vermina um povo lugubre, espectral, doloroso: homens, mulheres, crianças arrepanhando farrapos immundos á nudez macilenta, estendendo a mão descarnada, cercando-nos, a alrotar pedidos, investindo com feição sinistra ou rastejando, a chorar.

Seres hediondos que desbordavam das baiúcas lobregas, uns esqualidos, tiritando de febre, outros dum roxo apopletico, cambaleando ebrios, rouquejando torpezas ou vociferando pragas; pequenitas impuberes, esfarrapadas, que nos tomavam pelo braço com cynismo devasso — crianças que não conheceram a innocencia — esbagaxando os peitos esqueleticos, quebrando concupiscentemente os olhos languidos, mordicando com descaro os beiços lividos.

Fugiamos acossados pelos maltrapidos e, em breve, emergiamos no esplendor da cidade.

Ficava-me nalma, de taes visões, um saibo amargo. E só verdadeiramente, comprehendi o sobrenatural.

O «natural» devia ser a vida feliz que eu levara junto do Mestre, servido por todas as forças maravilhosas do ceu e da terra, attendido em todos os meus desejos, consolado nos meus pesares, acoberto do frio, defendido do sol, forte e sadio e vendo, á volta de mim, no mais agro inverno, as flores abrolhando, os fructos amadurecendo e ouvindo, deliciado, o canto meigo dos passarinhos. O natural lá ficara com os encantamentos, com os prodigios realçados pela Bondade.

O sobrenatural só então me apparecia á sombra dos templos de Deus, aos pés esmagadores da inflexivel Justiça: era aquillo — uma balança com as duas conchas oppostas: em uma pesando, para guindar a outra á felicidade, a miseria, lagrimas, só lagrimas. O sobrenatural era aquillo.

No vasto salão do hotel, ao fulgor offuscante das luzes que se reproduziam nos tremós e lampejavam nos marmores, por entre as mesas floridas onde a baixella fulgia e os crystaes chispavam, era incessante a affluencia: homens, trajando a rigor, com grandes

rosas á botoeira, mulheres em decotes que lhes despiam esgargaladamente o collo e o dorso. Uma orchestra occulta executava com suavidade.

Sullivan, sempre impassivel, era indifferente ao atabalhôo que me aturdia e enervava.

Lá fóra, á noite, o babarizo crescia atravéz dum rumor contínuo e escachoante. A todo o momento, no falarío alegre, por entre risos casquinados detonavam garrafas.

Era a hora abundante do regalo — o ouro fundia-se em gozo. E no *square* os carros passavam por entre alas de miseraveis que esmolavam, corriam com a pureza ao vicio ou espreitavam o momento opportuno do furto ou do assalto violento, á mão armada, na sombra.

Sullivan, mal terminavamos o jantar melancolico, convidava-me para os «divertimentos da noite». Iamos aos theatros, ás salas de concerto, aos circos colossaes, aos cafés eroticos. Eu seguia-o arrastado. No primeiro instante tudo me deslumbrava, mas a admi-

ração dissolvia-se em tédio como a poeira que um vento levanta da estrada e, um momento, ondúla, brilha dourada ao sol e logo recahe no chão.

O silencio attrahia-me. Um timido, irritado vexame fazia-me recuar, fugir á vista affrontosa dos curiosos, notando despudor aviltante na insistencia maliciosa com que me encaravam os homens, impudencia lubrica no extase das mulheres que punham os olhos a fito no meu rosto, com escandalo.

Vi o orgiar nocturno, o estadeio do vicio sob todas as fórmas: na libertinagem solta em que se rojavam mulheres e mancebos, na ebriez despeiada, na tavolagem infrene e depois, pela treva silente, em passos que chapinhavam, vultos tropegos fariscando, revolvendo entulhos, disputando aos cães o dejecto das cópas.

Recolhendo ao hotel com o coração eivado de tristeza, não conseguia conciliar o somno e debruçava-me ao balcão contemplando a cidade vasta, esplendida de luzes, cuja miseria eu surprehendera em toda a hediondez e

ficava-me a pensar no horrór daquelle corpo ulcerado, resplandecendo sob as arrecadas de luz como uma podridão que se resolvesse em centelhas, uma immensa carniça exhalando o luminoso miasma do fogo fatuo.

O sobrenatural!

Iam-se-me as preoccupações sempre que meus olhos encontravam o livro estranho. Então, recordando as palavras de Arhat, concentrava a attenção nos symbolos buscando esvurmar-lhes o segredo, interrogando-os com ancia desesperada.

Quantas vezes adormeci sobre as paginas impenetraveis!

Um dia resolvi consultar os mais apregoados sabios que se diziam conhecedores da Sciencia velada e, durante mezes, andei por palacios e mansardas com o livro sellado, ouvindo notabilidades e modestos investigadores e todos devolviam-me ao horror em que vivo aggravando-o ainda mais, com as suas palavras, que me levavam toda a esperança.

Sullivan, apesar dos modos graves, da

severa apparencia de austeridade, só se comprazia nos prazeres mundanos e, todas as manhans, ainda que eu não tivesse relações na cidade, trazia-me uma farta correspondencia e eu, abrindo, ao acaso, as cartas, lia convites para festas, queixas de miserias, propostas lubricas, requestas de manejadores d'ouro e as mãos sahiam-me daquella papellada como humidas de lagrimas e maculadas de lodo.

Sullivan não dizia palavra, mas sorria ás seducções que me assediavam, eu sentia-lhe o incentivo com que me impellia ás torpezas repugnantes.

Um dia, enojado do homem material que se me apegára á vida e ardendo mais intensamente na ancia de conhecer o meu destino, decidi sahir pelo mundo, peregrinar longamente, percorrer todas as sédes da Antiga Sciencia onde, talvez, encontrasse o predestinado que me havia de entregar a chave do arcano.

Despedi o meu guia com um cheque sobre o Banco de Inglaterra que lhe assegu-

rava, á farta, os meios para refocilar no gozo e embarquei, fito ao Oriente. Dois annos, sem repouso de um dia, andei por montes asperos e brenhas aggressivas, perlustrei, de mar a mar, a grande Asia, visitando os recessos dos contemplativos, consultando sabios e penitentes, sahindo da floresta para entrar na dagóba. Aprofundei-me na antiga Thessalia agreste. Andei pelas *isbas* do paiz da neve; dormi nos tepidos oasis da Africa arenosa; ouvi sibyllas e videntes; conversei os mysticos do Norte gelado onde, ao livor dos *ice-bergs*, pela algidez das noites brancas, voejam diaphanos espiritos e só encontrei no homem o conhecimento superficial da vida. E minh'alma ? ai ! de mim.

Foi em Stockolmo que senti a minha desventura amando pela primeira vez e esse amor... esse amor só podia gerar-se em alma feminina.

Assim... é minha irman a victoriosa em mim.

Acolhido carinhosamente na intimidade de uma familia nobre, cujo brazão rememora

seculos, achei nos jovens representantes dessa casa augusta os melhores amigos que se me têm deparado.

Eram gemeos e lindos! O amor entrou commigo 'no coração virginal da donzella, era, porém, ao mancebo que minh'alma se dedicava, ao mancebo que fizera de mim o confidente do seu amor.

Minh'alma debatia-se em anciedade sofrega se o não sentia, tanto, porém, que elle apparecia eu exaltava-me em furor violento odiando-o, detestando-o e execrando a mim mesmo, com asco, como se me sentisse polluido.

As suas confidencias pungiam-me acerbamente e cada palavra de ternura com que elle alludia ao seu affecto doia-me como um dardo que se me cravasse no coração e o nome só da sua noiva era um supplicio que me excruciava. Pobre de mim!

O'! minh'alma forte, minh'alma viril onde estarás tu que me não defendes?

Fugia do meigo casal de irmãos, fugia da meiguice, do amor candido, envergonha-

do como um torpe, e infeliz daquelle amor vedado. E, encerrando-me, abria agoniadamente o volume cravando os olhos nos symbolos para tirar delles a Verdade, qualquer que fosse, a solução do problema terrivel da minh'alma ou das almas geminadas que se degladiam na arena revolta que é o meu coração misero.

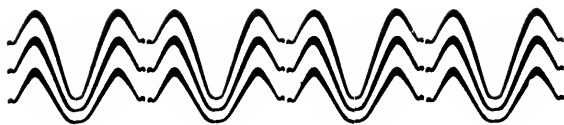
Parti. Desde então o meu viver tornou-se insupportavel. O soffrimento encarregou-se da interpretação dos symbolos: sei que sou um desgraçado, aquelle de quem disse Arhat: «infeliz serás como ainda não houve outro no mundo.»

Cada flor tem o seu perfume proprio, uma vida não póde obedecer a dois rythmos. Duas almas em lucta, sentindo diversamente, inutilisam o instincto que é o principio da attracção.

Um monstro, um monstro que se devora a si mesmo, eis o que sou.

O livro não póde dizer mais — é isto só e é o horror.

Imaginai uma ave que, ao abalar do ni-

nho, sentisse os pés enleados em atilhos de aço e, anciosa, attrahida pelo azul, batesse as azas até morrer exhausta. Assim hei de eu acabar no vacuo, voando captivo, nem do ceu nem da terra, nem da arvore nem do ether, preso no espaço e no ramo... O absurdo, a incongruencia, o inconcebivel — sou eu».

VII

A tarde esmorecia languida, saturada de aromas, já entristecendo no esvahir das cores quando, repellindo a penna trabalhosa, recuei da mesa acurvado, a boca amarga, requeimada do fumo, a cabeça aturdida, arvoada, atroando em rebôo de vacuo.

Espirito e corpo resentiam-se do porfiado trabalho. Amollecidamente recostei-me ao respaldar da cadeira, as pernas estendidas, a cabeça derreada e assim fiquei em esquecido descanço, revendo o sonho em que, desde as primeiras horas da manhan, ligeiramente interrompidas para um sóbrio almoço, tomado, ás pressas, no aposento, até aquelle violaceo

e merencoreo crepusculo, eu andára enlevado, convertendo as palavras rutilas do maravilhoso original de James nos dizeres pallidos e pobres d'uma versão mesquinha.

Ainda fumei um distrahido cigarro ouvindo o trissar das andorinhas que se abeiravam da casa, os olhos enlevadamente atidos no brilho tremulo de uma estrellinha solitaria que surgira timida e parecia vexada e receiosa de ser a unica no immenso deserto do ceu, ainda quente do sol, rastreado de laivos de purpura como a arena sangrenta de um colyseu.

Na visinhança galravam crianças e era doce e voluptuoso como um esfrolar de sedas o lento farfalho das palmeiras ao sopro da viração.

Sons vagos chegavam indecisamente ondulando de leve no silencio. Pouco a pouco cresciam, ora confusos, em rumor, ora distinctos em melodia, claros, em vibrações airosas, accentuando-se ou esmorecendo como se oscillassem no espaço. Irromperam em estrondo, atroaram abertamente em clangor

e uma rajada sonóra de metaes e tambores abocou num estrépito e foram, de novo, morrendo os sons, deixando no ar mystico da tarde e na tranquillidade mansa d'aquella rua d'arrabalde um echo marcial, como ao desfilar de um exercito triumphante pela planura socegada de uma aldeia pacifica, agasalhada á sombra d'arvoredos, embalada, de leve, pela surdina das levadas.

Era uma banda militar que passava em bond para Botafogo.

Sacudí, d'arremesso, os braços bocejando escancelladamente e, pondo-me de pé, a vacillar em passos entorpecidos, caminhei até á janella onde me debrucei em contemplação extatica.

As palmeiras pareciam de bronze, ainda lampejavam á ultima fulguração do sol. Pombos cruzavam-se em vôo sereno e o cheiro que subia da terra molhada da réga era fresco e agradavel como um halito de saúde.

A campainha soou em baixo para o jantar.

Sentia-me lerdo, sem animo de mover-me, preso áquella serenidade, acompanhando,

com a curiosidade de um espectaculo novo, o abrolhar das estrellas, o esmaecer das tintas vivas do sol, o lento espraiar da sombra que ennegrecia a mais e mais e a mais e mais estrellava-se.

Logo as vozes humildes acordaram na herva rasa — o canto nocturno dos pequeninos das luras, os grillos, que fazem, no silencio, em rythmo, como o tic-tac monotono do relogio da treva: e os vagalumes accenderam-se entre as ramas, levando os seus lampejos erradíos por todos os cantos obscuros.

O jardineiro raspava o alfange com um ringir arrepiado e cantava baixinho.

De novo a campainha soou.

Fiz uma ligeira ablução, vesti-me num alquebramento, aborrecido, como se sahisse d'um somno mal dormido e, deixando a saleta, que tresandava a fumo, desci vagarosamente as escadas, sentindo os degraus cederem aos meus passos mollemente, malleaveis como de borracha.

Os hospedes começavam a acercar-se da

sala de jantar já illuminada, com a louça alvejando sobre a toalha lisa, por entre frescas flores que coloriam e perfumavam a modestia da mesa d'hospedes.

Um falarío attrahiu-me á varanda onde um grupo discutia. O assumpto era um telegramma e Pericles, exaltado em patriotismo, com a gravata a esvoaçar em pontas soltas, estrondava hyperboles, rememorando a nossa historia épica: batalhas renhidas, feitos de bravura, actos de temeridade e gabava, com desabalados gestos, a resistencia e a valentia sem arrogancia do caboclo do Norte e o arranque desabrido dos cavallarianos do Sul, a gaúchada brava, cuja lança, no arremesso indomito das cargas, leva de vencida aos mais aguerridos quadrados desbaratando-os no entrevêro, aos gritos. E rubro, apopletico, com as veias turgidas e roxas, amarfanhando o jornal em que lêra o telegramma, atirou-o violentamente ao chão como se arrojasse, com asco, um guante ferrado aos pés d'um ribaldo infame.

Riram-se do gesto e elle, mais incendido,

esbugalhando os olhos que espirravam áscuas, poz-se a esmurrar o peito com um som cavo, offerecendo-o ás lanças e á metralha dos biltres que ousavam affrontar a Patria.

— Se houver guerra deixo tudo e alisto-me. Não, que o meu patriotismo não é de boca...

— E' de chapa, contraveiu bregeiramente Basilio, com as belfas a tremerem de riso. Pericles engasgou cravando os olhos fuzilantes no guarda-livros, cuja face gorda e balofa inchava tufada de ironia.

— Olhe, meu amigo, durante a revolta passei muita noite nas linhas do Cajú, de arma em punho. Não sou dos que se mettem ao matto quando sentem o cheiro da polvora. Prosa não é commigo. Se houver guerra... marcho !

— Ora deixe-se d'isso, contrariou o commendador amuado. E espichando-se nas pontas dos pés, com o busto em recacho, inquiriu: Guerra com quem ? Porque ?

— Com quem ? Pois o senhor ainda pergunta ?

— Sim: com quem? Pericles alargou um passo e, em attitude tragica, espetando o dedo, mostrou o jornal em bola junto á balaustrada:

— Leia o telegramma. Está ali!

— Qual telegramma, qual carapúça. Isso é tramoia, politica, negociata. O paiz precisa mas é de braços, braços que trabalhem a terra aproveitando toda essa riqueza inculta que vai por ahi além. Deixe-se de bravatas, meu amigo.

— Bravatas?! e remordeu os beiços lividos. Se o senhor fosse brasileiro... O commendador afuzilou um olhar tremendo ao empreiteiro, inteiriçaram-se-lhe os braços, aduncaram-se-lhe os dedos como em retracção de dor e, avançando um passo, rouquejou a estourar de ira:

— Não, não sou brasileiro, mas amo este paiz muito mais do que o senhor que o quer ensanguentar, arrasar e, fulo de raiva, bramiu: entregal-o ao inglez! O outro recuou esgazeado. Sim, senhor... ao inglez! Tenho aqui tudo que é meu, a fortuna e a vida, tudo,

entende o senhor Pericles ? tudo ! E o senhor? Conteve-se em attitude de desafio, os olhos fitos no rosto apalermado do empreiteiro. Passou a mão pela calva lustrosa, um momento ainda manteve o olhar em riste á cara livida do patriota, que respirava com ancia e, curvando o busto, supercilioso e hostil, vibrava os labios numa palpitação de colera — e sentia-se a violencia de um decisivo insulto. Por fim disse:

— Sabe que mais, meu amigo? Çavou-se um hiato pávido no grupo e o commendador concluiu — Vamos á sopa que é melhor, e antes que esfrie.

Foi um allivio para todos e Basilio, para dar a nota final com pilheria, commandou: Ao rancho ! E todos entraram na sala de jantar a rir.

Afortunadamente para o empreiteiro, que recalcava a humilhação da investida do commendador, Brandt appareceu com o Decio sempre gárrulo que, ainda á porta, muito casquilho num costume de flanella clara, pediu licença a miss Barkley para offerecer-lhe

um ramo de cravos vermelhos, de Petropolis, que trazia, em tufo, á botoeira.

A' entrada ruidosa do estudante um largo sorriso illuminou as physionomias, a propria ingleza, sempre taciturna, engelhou a face macilenta descobrindo os dentes, grandes e amarellos como favas, no arregaçar do labio pallido.

— Aqui estou a pedir perdão a miss da minha ausencia ingrata. O fim do anno approxima-se minacissimo e é necessario que eu furte algumas horas ao doce amor e á meiga amizade para consagral-as á sordicie das molestias, á Dor Humana que hade ser a garantia do meu Futuro risonho. Sentou-se, abriu o guardanapo e, relanceando os olhos luminosos pela assistencia, emquanto o criado lhe servia a sopa, murmurando-lhe uma amabilidade delambida, disse: Por aqui todos bons. Isto é a casa de Hygia, o templo da saúde benefica. Basilio resmungou:

— Uma caserna, doutor. Estamos ameaçados de sahir a campo, com armas. O nosso amigo Pericles vai alistar-se no exercito e

nós, por solidariedade, vamos com elle. O commendador rilhou cevamente o assado e o empreiteiro, reassumindo o porte altivo, repassou o guardanapo pelos beiços e, depois de mastigar sofregamente o bocado que lhe rolava na boca, exclamou:

— E' verdade!

— Alistar-se? O senhor?

— Pois não! E, aquecido: Eu e todos os verdadeiros patriotas. Aprumou-se com o talher fincado na mesa e, fitando o estudante, interpellou: Diga-me, o senhor que é moço, generoso, enthusiasta — No caso de uma guerra com o estrangeiro o senhor vai ou fica? Décio suspirou com mansidão:

— Fico.

— O senhor!? Pericles contestou com firmeza: O senhor não fica!

— Não fico?

— Não fica! Marcha! Será dos primeiros.

— Segundo o Evangelho. E explicou: O meu patriotismo não é bellicoso, meu caro senhor Pericles. Não tenho o braço camoneano. Demais as guerras neste seculo, com

os terriveis engenhos que as reforçam, são tremendamente mortiferas. Assim é necessario que fique um homem na Patria como semente para repovoal-a e escrever, em paginas eternas, a epopéa soberba dos seus maiores. Serei eu esse homem predestinado. Emquanto os meus patricios vencerem — porque não admitto a hypothese de uma derrota — eu, no silencio deserto da terra mater, irei compondo os alexandrinos perfeitos que hão de levar, pelos seculos a dentro, a fama dos heróes e os seus nomes. E no dia do regresso das tropas irei ali para o Pharoux com uma grande lyra, e nú, coroado de louros, como Sophocles diante dos gregos de Salamina, atravessarei a Avenida, á frente dos exercitos, cantando o pean da victoria. Subitamente, porém, erguendo-se de repellão, disse com resentimento: Mas o senhor, que usa o nome do grande grego que fez de Athenas a capital da Belleza, não tem o direito de pensar em guerras, amigo Pericles.

— Apoiado! roncou o commendador atolando-se no *pudding*.

— A guerra é a razão dos tyrannos, a força dos barbaros. O homem intelligente. as nações superiores vencem com o claro juizo e se vibram uma espada é a da Lei que apenas golpeia o mal, como o bisturi do cirurgião. Não falemos em guerras. Falemos do amor, da Belleza, a Belleza que é o encanto da vida.

— E se nos insultarem ?

— Ninguem nos insulta.

— Ah ! ninguem nos insulta ?

— Ninguem ! affirmou o estudante com austeridade.

— O senhor não tem lido os jornaes ?

— Não, meu amigo, não tenho lido, nem leio. O meu jornal é o azul. Leio nelle os dias e as noites, os formosos artigos da claridade e da sombra que são as nuvens douradas e as estrellas brilhantes. A machina rotativa que me interessa é o mundo. Mas a proposito de Belleza: Como vai o Apollo bretão? o formoso James, assombro e maravilha da cidade ?

— Metteu-se na Tijuca a caçar borboletas, disse o commendador.

— Não tem apparecido?

— Não.

— Homem estranho! Basilio sorriu sorrateiramente abaixando a cabeça sobre o prato. Miss Barkley falou:

— Acho que elle está a partir.

— Deixa-nos?

— Sim. Volta para a Inglaterra.

— Porque?

— E' um exquisito. O commendador asseverou:

— Doido! Doido é que elle é e varrido.

— Doido porque, commendador? perguntou Décio.

— Porquê? Pois um homem de juizo faz lá as coisas que aquelle faz? O senhor é porque só o conhece de vista. Pergunte ali ao seu amigo que móra paredes meia com elle. Décio fitou em mim os olhos interrogativos e eu respondi:

— O commendador engana-se. Mister James é um excellente visinho. Não tenho razão de queixa.

— Pois eu lamento não poder dizer o

mesmo e garanto-lhe que se elle ficasse mais um mez nesta casa quem se mudava era eu, que não tenho cabeça de turco. O diabo do homem não dorme, é toda a noite ás patadas pelo sobrado. Deus me livre! Vá com Deus! Bonito, lá isso... mas insuportavel!

— Pois eu, declarou o estudante, dava annos de vida para passar um dia com elle. E' um typo que me interessa, um ser estranho. Deve ter um romance original. E accentuou: Commendador, belleza como aquella em homem... Ali ha um mysterio divino! Feliz d'aquelle que o puder penetrar!

Basilio, sempre sarcastico, rebuçando-se com o guardanapo, ruminou maliciosamente a phrase do estudante ao ouvido cerdoso do commendador que rinchavelhou. Mas Brandt, que se mantivera, até então, alheiado comendo de vagar, d'olhos baixos, depoz de golpe o talher e, firmando o busto em attitude ostensiva, encarou com o guarda-livros, cujo sorriso foi-se, a pouco e pouco desvanecendo, como a alapardar-se nos refegos das bochechas gordas.

Olharam-se a fito, mas o artista dominou o adversario, fel-o empallidecer, baixar os olhos e, em toda a mesa, percebeu-se a scena, ainda que muitos não atinassem com o motivo por não terem percebido o cochichar perverso do commendador dicaz.

Quando nos levantamos Brandt, taciturno, as mãos mettidas nos bolsos, caminhou direito á varanda com ar enojado e, sem esperar o café, desceu ao jardim desapparecendo.

Décio, que me travara do braço, arrebatou-me para falar-me do seu amor, incidente obrigado em todas as suas conversas.

Exaltou a mulher divina, musa e parca, inspiradora dos seus versos, mas sempre a lembrar-lhe a morte, prendendo-o ao seu amor com a cubiça avara e inelutavel com que o tumulo apodera-se do cadaver. Entregava-se-lhe abandonadamente nos braços, com a lassidão passiva de uma victima aspirando o martyrio, o escandalo de uma surpresa que a expuzesse á vingança do marido lançando-a, ensanguentada e núa, aos

olhos curiosos do mundo, no esterquilinio do commentario. E' uma mulher singular, romantica até a loucura. A's vezes, repellindo-me docemente de si, põe-se a chorar em silencio, mais linda assim enfeitada de lagrimas. Se a interrogo responde numa voz que commove e excita: «Tenho medo!» E uma vez descreveu-me o seu terror reflectido num sonho: «Fomos surprehendidos. Eu o vi entrar armado, ouvi o estampido do revolver, senti a dor das feridas, o calor fluente do sangue, agonisei e morri. Morta, porém, li a noticia dos jornaes descrevendo todo o nosso amor e lamentando o teu talento tão cedo roubado ás letras e a minha formosa mocidade tão tragicamente fanada. E vi-nos, a ambos, lado a lado, frios, rigidos, entre cirios de misericordia, nas mesas do Necroterio e, em torno de nós, a multidão corvejando e eu ainda te amava, o meu coração, parado e frio, ainda pedia o teu, a minha boca crestada tinha sêde dos teus beijos, o meu corpo amortalhado reclamava o teu corpo. Um horror!» E queres saber? essa

obsessão começa a apoderar-se de mim — e, em voz em que havia tristeza e volupia, disse: E' uma fatalidade, meu velho. Saio todas as noites de casa com a certeza de que vou para a morte e, estreitando aquella mulher ao peito, aspirando-lhe o halito, ha occasiões em que estremeço, sentindo-me traspassado por uma dor lancinante como de um punhal que me varasse o coração; e beijo-a, beijo-a na boca, nos olhos, nos cabellos entregando-lhe minh'alma, toda a minha vida. Uma loucura! Estou perdido e não posso fugir, não posso. Esse amor é um destino. E' estupido! Vamos.

Relanceou o olhar em torno: E Brandt? Isso um dia estoura com o guarda-livros. Esse sujeito é enfesadoramente antipathico e má lingua até a infamia. Irrita. Natureza de vibora. Brandt tem razão. Vamos acalmal-o. Sahiu fulo!

O piano preludiava docemente e a luz, coando-se pela janella do chalet, dourava os ramos lustrosos do jasmineiro em flor.

Caminhamos e, como atravessassemos a álea das acacias, suavemente perfumada, de-

tive o estudante numa necessidade imperiosa e urgente de communicar o meu segredo, de transmittir a um espirito subtil a confidencia maravilhosa, o arcano de que me fizera depositario James Marian.

— Disseste, falando de James, que deve haver um mysterio na sua vida...

— Sim, um mysterio divino. Disse e repito porque o sinto.

— E tens razão, Décio. O estudante encarou-me verrumando-me com o olhar.

— Sabes alguma coisa?

— Sei que é um poeta.

— Sim, uma hypostase de Apollo.

— Ou um louco.

— Como?

— Se não é, em verdade, um prodigio da Sciencia Occulta.

— Não te comprehendo, homem. Falas uma linguagem hieratica, pareces um iniciado a annunciar prodigios.

— Tens que fazer?

— Se promettes esclarecer essas palavras abstrusas, digo-te que ainda que eu fosse en-

carregado de pastorear as estrellas o lobo Fenrir podia devoral-as sem que eu lhe sahisse á frente, porque prefiro ouvir-te e á tua palavra, até com sacrificio do meu amor, offereço as horas desta noite que promette ser estupenda. Fala!

E, rodopiando nos tacões, aspirando voluptuosamente o ar, gabou com enlevo: Como cheiram as magnolias! Flores de carne, seios de virgem. Sentes? Mas fala, dize lá o que sabes.

Tomando-lhe o braço e em passo vagaroso, abaixo e acima pela álea de acacias resumi, em breves palavras, a historia do original de James e do livro mysterioso, ainda vedado a todas as intelligencias.

Décio ouvia-me com um sorriso de incredulidade e, quando terminei a exposição, rompeu ás gargalhadas e com tal gosto que eu não pude conter o riso.

— Montaste o Pegaso, o alerião do sonho. Fizeste um romance e queres attribuil-o ao misanthropo. O processo é conhecido. Vai, vai buscar o original, homem da Fantasia,

emquanto preparo o espirito do maestro, que está como o furibundo Ajax, para ouvir-te e gosar.

— Garanto-te, sob palavra, a verdade do que te disse. Trarei o original para convencer-te.

— Pois sim, homem; vai e não te demores. A noite está linda. Receberemos a aurora ao som dos teus periodos e a loura deusa das faces de rosa só terá de que orgulhar-se. Vai! E, rindo, seguiu para o chalet trauteando uma canção em voga.

A casa parecia deserta. A noite fria fizera os hospedes recolherem-se. No porão, atravéz da vidraça illuminada, uma sombra esguia ia e vinha: Chrispim, com certeza, a decorar textos. Na sala de jantar um bico de gaz dava uma luz escassa.

Subi aos meus aposentos e, aclarando a sala, puz-me a reunir as tiras, tomei o mysterioso volume e ia sahir quando bateram á porta, de leve.

Julgando ser o Alfredo, que costumava apparecer á noite para rever os arranjos do

quarto, pretexto com que fazia jús a gratificações miudas, disse, sem voltar-me:

— Entra. A porta rangeu vagarosa, houve um soar de passos e logo o silencio. Voltei-me então e grande foi a minha surpresa ao ver diante de mim James Marian.

Adiantei-me para falar-lhe, com sincero alvoroço de alegria, mas o seu frio retrahimento conteve a minha expansão. Offereci-lhe a minha propria cadeira de trabalho com uma sollicitude atordoada.

O inglez parecia de marmore — olhos parados, sem o mais ligeiro friso na face branca e impassivel, immovel e hirto, a mão apoiada ao respaldar da cadeira. Falou em tom pausado e as palavras morriam antes da ultima syllaba como se lhe faltasse alento para completal-as.

— Venho pedir-lhe os meus escriptos, disse. Devo partir, quero leval-os commigo. Se traduziu até o fim conhece uma vida singular, a historia tragica de um infeliz que se arrasta dolorosamente pelos prazeres para aturdir-se; se não encetou o trabalho...

— Tenho-o quasi concluido; faltam-me apenas duas paginas que se referem á sua vida no Brasil, se é que, em verdade, é o senhor o ente de agonia que se debate em tão extraordinaria narrativa.

— Sim, sou; disse, e, empallidecendo, como em desmaio, e em voz difficil, continuou: O que lhe falta é pouco, quasi nada, e, esse pouco, sem valor. A minha vida no Brasil...! Eu aqui procurei a Natureza, só me relacionei com a paizagem e com a luz; repousei e levo saudade da terra e do ceu deste paiz de encanto. Impressão... a não ser a natureza, só me resta uma. Deu-m'a uma infeliz que se escravisou á minha sombra, que se deixou prender num sonho... e morreu de amor. Fiz com ella o que dizem que as sereias fazem com os naufragos: em quanto sentem calor têm-nos nos braços, logo que morrem e esfriam rejeitam-nos do collo. Sorvi-lhe o sentimento, tive-a chegada á minh'alma como um sedativo, vivi d'aquelle amor. Vampirismo espiritual, talvez.

— Miss Fanny...?

— Essa. O mais...

— E parte?

— Sim, parto. Baixou o olhar e o seu corpo oscillou brandamente, em balanço, esvoaçaram-lhe os cabellos como a uma rija lufada. Abotoou-se agasalhando-se.

— Para onde vai? releve a minha curiosidade.

— Não sei. Dê-me os livros. Fiz um pacote de tudo e, entregando-lhe, senti-lhe a frialdade gélida dos dedos. Quiz apertar-lhe a mão elle, porém, retrahindo-se, fez apenas um gesto de cabeça e, dando volta, sahiu vagarosamente como havia entrado.

Acompanhei-o até o limiar da escada, vi-o descer, desapparecer em baixo. Ainda lhe ouvi os passos.

Nada houvera de extraordinario naquella visita, entretanto eu sentia-me como assombrado, solto no vácuo, sem firmeza e só, muito só, abandonado como se toda a casa silenciosa se houvesse esvasiado dos seus habitantes e ficasse entregue a espiritos obsessores que por ella errassem vagamente,

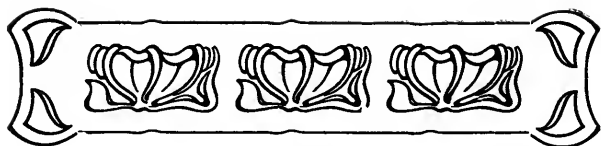
ora invisiveis, ora encarnados, manifestando-se em apparições subtis e ephemeras que surgiam, um momento mostravam-se em vulto e desappareciam.

Tornei aos meus aposentos, accendi um cigarro, sentei-me pensativo: «Porque não fôra James aos seus commodos? Talvez houvesse de lá sahido... Fôra assim, com certeza. Regressava á casa do amigo, aos arvoredos da montanha, á voz adormecedora das aguas vivas».

Pareceu-me que a porta rangera de novo, abrindo-se: voltei-me arrepiado, com medo. Nada, o silencio. Longe, na visinhança, um piano soava triste e as tubas roufenhas dos automoveis mugiam á distancia.

Lembrei-me, então, do estudante que me esperava. Tomei a pasta onde guardara a minha traducção e, recordando as palavras incredulas com que elle respondera á minha narração, disse a mim mesmo: «Naturalmente vai rir quando eu lhe dissér que James veiu buscar o seu original e o livro mysterioso. Com effeito, justamente no momento da

prova, quando eu delles carecia para documentar o que affirmára...

Mas com certeza viram-no passar, sahir com o embrulho. Elle não partiria sem despedir-se de miss Barkley...» E, sem mais preoccupar-me com o incidente, desci a caminho do chalet, com a pasta.

VIII

Décio modorrava preguiçosamente estirado no divan, os braços sob a cabeça, balançando de leve os pés cruzados. Do incensorio de bronze, pousado sobre a estante de musicas, evolava-se um lento e fino fio aromal de fumo. Sentindo-me, o estudante abriu os olhos, estirou retesadamente os braços e sentou-se de repellão encarando-me com a physionomia desabotoada em sorriso:

— Trazes o papyrus?

— Parte. O melhor levou-o agora mesmo o dono.

— Quem? exclamou num berro de surpreza. O inglez?!

— Sim.

— Esteve ahi?

— Um minuto.

— Então foi por isso que miss Barkley mandou chamar o nosso Orpheu.

— Brandt?

— Lá está com ella. O Alfredo arrebatou-m'o justamente quando elle preludiava Dukas. Atirou-se pesadamente na fôfa poltrona e poz-se a brincar com as borlas d'uma braçadeira. De repente, num rompante, pondo-se de pé, desatou a rir: Então o inglez abalou com o livro mysterioso?

— Palavra...

— E' fantastico! exclamou a rir, apertando-me nos braços.

— Não acreditas...? perguntei vexado. Elle accendeu um cigarro e disse:

— Realmente o typo do homem é dos que impressionam. Se eu houvesse convivido com elle, como tu, garanto que teria feito um poema em versos raros, celebrando a belleza, a graça e a força olympica...

— Mas duvidas do que te digo?

— Meu caro, a verdade é a belleza. Que importa a origem? Dizes que ella vem d'aquella cabeça academica, seja! mas has de permittir que os meus louvores vão todos ao teu genio modesto. Senta-te, abre essa pasta e encanta-me.

— Juro-te que não ha aqui senão o trabalho de um traductor e mau, e se venho ler estas tiras, que pouco valem como concepção e fórma, é porque nellas sinto o mysterio. Para ti como para todos os que as lerem não passarão jamais de pura fantasia, mas eu conheci James na intimidade, ouvi-o, toquei-lhe a cicatriz do corpo...

— Como S. Thomé tocou a de Christo...?

— Não rias. Que necessidade tinha esse homem de apresentar-se como um monstro? Décio, a sua narrativa foi feita com tão dolorosa sinceridade que o que nella me impressionou não foi o prodigio, mas o soffrimento. A vida de James Marian se não é um mysterio é uma loucura rebuçada em melancolia.

— Talvez.

— Acreditas na sciencia dos mahatmas?

— Eu? Em materia de sciencia duvido de tudo. Mahatmas?

— Sim, esses solitarios da India que conservam, como um fogo mystico, que ainda ha de resplandecer em nova aurora, toda a sabedoria antiga.

— Sei lá d'isso...

— Pois, meu amgio — ou James é um doido ou a sua vida é um paradoxo, um absurdo, a mentira encarnada na Verdade...

— Homem, falas com tanta convicção... Que diabo! isso é serio?

— Por minha honra que o é. Décio levantou-se preoccupado, foi ao fundo da sala em passos medidos e deteve-se contemplativo diante da Venus de Milo, em marmore, resplandecente á luz. Fitou o olhar enamorado no corpo alvo e divino e disse:

— Isto tambem é um mysterio. Toda Belleza é mysteriosa. E a proposito — eram nelle frequentes as transições improvisas que desnorteavam — sabes que ando a procurar com ancia uma Aphrodite, a deusa perfeita, filha da espuma branca? Calou-se d'olhos muito

abertos, extasiado; e continuou docemente em palavras pausadas: Meu velho, não ha como a agua para conservar e dar esplendor á belleza. O banho, com um sabonete fino e uma gotta de essencia, é um rito. A virtude do baptismo está na lavagem. Não ha perfume melhor que o da agua: o corpo lavado rescende. Fez uma pausa e, arrepellando os cabellos, exclamou: E' o que encanta naquella mulher diabolica — o arôma de aceio. Porque, não sei se já observaste — um corpo lavado tem todos os perfumes, como um jardim... e a agua não cheira. O branco, não sendo cor, é a fusão das cores, assim a agua, sendo inodóra, é a synthese dos arômas. Aspirou com volupia e, de mãos postas, adorativamente, louvou a Venus marinha: — divina entre as divinas! Logo, porém, esquecendo a deusa, correu á porta, sahiu ao jardim e, na sombra, sob os ramos do jasmineiro em flor, murmurou impaciente: E Brandt que não vem? Mas quasi no mesmo instante exclamou arrojando os braços: Ahi vem elle! Então, engrossando a voz, bradou: Depressa!

Estamos á tua espera no limiar do mysterio. Aligeira esse andar penseroso, homem do arroubo. E o artista respondeu em voz risonha, tranquillamente:

— Ahi vou. O estudante adiantou-se em ligeiros passos ao encontro do amigo e, travando-lhe do braço, interrogou-o:

— Que diabo queria de ti a ingleza? E, recuando de salto, com severo aspeito e voz roncante: Sabe o senhor que começo a desconfiar d'essas intimidades nocturnas? Terá o cavalheiro usado de sortilegio para desempedrar o coração rigido do monstro? Brandt sorriu.

— Miss é sempre a mesma Minerva virtuosa e prudente, amiga da paz e da ordem. Chamou-me para aconselhar-me, pedir-me um pouco mais de paciencia com o guarda-livros.

— Homem, é verdade... Tu hoje estiveste faiscante! Os teus olhos pareciam o Olympo de Zeus inflammado em raios. E então? Expulsa-se o ribaldo?

— Não sei... E' impertinente, perverso:

irrita-me. Só de ouvil-o fico com os nervos arrepiados. Não fala — range, rasca. Não é raiva que sinto, é frenesi. Tenho medo de mim...

— Queres o meu conselho? parte-lhe a cara. Brandt repoltreou-se no divan, estrincou os dedos e, encarando-me risonho, perguntou:

— E' então verdade que estás senhor do segredo da vida de James?

— Sim, é verdade.

— Maravilhas, hein? Um poema para ser musicado por Debussy?

— Talvez. Indolentemente estendeu o braço, tomou o cachimbo na prateleira, encheu-o de fumo e disse com lastima:

— A mim confesso que deixa saudades o tal homem. E foi-se sem uma palavra, como uma sombra muda. Só agora miss Barkley soube da sua partida.

— Partida?

— Sim, no *Avon*, ante-hontem. Num arrancado impeto puz-me de pé hirto, electrisado, sentindo um como repuxamento em

todos os nervos. A voz sahiu-me silvante, aspera, articulando a custo as palavras:

— Partiu! como? Não é possivel.

— Foi, pelo menos, o que ouvi ao Smith, que lá está com miss Barkley saldando as contas de James. Decio poz-se a assobiar baixinho relanceando o olhar á sala e, sentindo a minha perturbação, naturalmente para não vexar-me, caminhou direito á janella e lá se deixou ficar brincando com o ramo do jasmineiro.

— Não! Não é possivel! insisti. E' tróça.

— Tróça?! Repito o que ouvi, redarguiu Brandt imperturbavel.

— Digo-te, affirmo-te que não é possivel. James esteve commigo ha coisa de um quarto de hora, lá em cima. Veiu buscar o volume que me emprestou e os originaes que traduzi. Falei-lhe, acompanhei-o á escada...

— Tu...?

— Sim, eu. Encaramo-nos em silencio. Brandt, com o seu vivo olhar, penetrante e claro, fitava o meu rosto e eu, envergonhado do estudante, que se conservava discreta-

mente á janella, sentia-me envolver em um calor estranho como se todo o meu corpo se fosse lentamente inflammando. O sangue estuava-me nas artérias aos latejos frementes: meus olhos eram brazas. Subito, violento tremor sacudiu-me, sombra forte e instantanea escureceu o aposento ou foi a minha vista que se obumbrou em vertigem e, quando se reabriu a claridade, eu estava junto ao piano, frio, arrepiando-me em crispações e os dois rapazes, a meu lado, pareciam guardar-me. attentos e carinhosos.

— Que foi isso? perguntou Décio tomando-me o pulso. A minha resposta foi em grita frenetica, insistindo na affirmação:

— Não é possivel! James esteve commigo ha pouco, falou-me, pediu-me o livro, os originaes... Não é possivel! Um momento Brandt guardou o silencio, d'olhos baixos, remordendo o bigode. Por fim, como receioso, disse em palavras serenas:

— Se queres convencer-te... Smith ainda deve estar com miss Barkley. Vamos até lá. Arrojei-me resolutamente ao jardim seguido

pelos dois rapazes. Ia como levado num vôo, sem sentir a terra que pisava. O ar da noite era gelido e eu tinha a impressão macia de ir esgarçando finas brumas.

Por vezes, num zoar de vertigem, a cabeça reboava e parecia crescer, dilatar-se ou retrahia-se com uma sensação constricta de arrocho, ameaçando estalar e tudo era vago dentro em mim — as ideias revolviam-se em torvelinho como folhas seccas ás rajadas de um vento de borrasca. Subi, a correr, os degraus da escada.

Miss conversava á varanda com Smith. Ao verem-nos calaram-se. Brandt, mais calmo e forçando o riso, pediu desculpa de interromper a palestra para «acabar com uma teima» e perguntou ao inglez: «se não era verdade haver James partido no *Avon?*»

— Sim, senhor: partiu. Deixei-o a bordo. Como arremessado por uma força bruta arremetti para o inglez:

— Não é possivel! Tão inopinado e violento desmentido fel-o voltar-se em rodopio, encarando-me carrancudo e miss, estranhan-

do, sem duvida, a minha contestação desabrida, interveiu confirmando as palavras do seu compatriota:

— Pois não, partiu no *Avon*. Não viu o nome na lista dos passageiros? Fiquei aturdido e Brandt, para justificar o meu arvoamento, explicou a Smith: «Que eu garantia que James Marian estivera, pouco antes, nos meus commodos».

— Oh! fez o inglez bambaleando-se na cadeira. Elle tem excentricidades, James, oh! mas apparecer aqui quando está a muitas milhas no mar, isso... Miss sorria, de accordo.

— E a sua bagagem? interroguei.

— Estava em minha casa, na Tijuca. O pouco que elle aqui tinha levou-o, ha dias, o meu criado. Os moveis que elle adquiriu, tenho ordem de os vender; o resto é da casa. E risonho, espalmando, d'estalo, as mãos nas coxas magras: Então o senhor viu-o?

— Como o estou vendo ao senhor. E mais ainda: falei-lhe, fiz-lhe entrega de um livro que elle me emprestara e dos originaes de uma novella.

— Um livro de garranchos e garatujas? Vi. Andava sempre com elle. Em Java furtaram-lh'o e elle offereceu mil libras a quem lh'o restituisse. Levaram-lh'o ao hotel. E Smith, como se tão curta narração o houvesse fatigado, deixou-se escorregar mollemente na cadeira de vime, estirou as pernas e, com a cabeça derreada, as mãos enclavinhadas no ventre, disse num arranco: Pois é verdade... A esta hora deve andar nas alturas da Bahia. Aprumou-se e, voltando-se para miss Barkley, retomou o fio da palestra. Brandt então despediu-se:

— Obrigado! Bôa noite. Desceram os dois. Eu deixei-me estar como paralysado.

— Não vens? perguntou do jardim o estudante. Fiz um gesto vago e ainda demorei-me a olhar; por fim, vagarosamente, frouxo, desespiritualisado, num languor de quebranto, caminhei em direcção á escada e, sem consciencia, fui subindo.

Em cima, esfalfado, respirei a haustos largos, sentindo uma oppressão asphyxiante. O soalho fugia-me debaixo dos pés, as pare-

des oscillavam, o tecto abobadava-se e a claridade, de uma lividez mortuaria, longe de alumiar, era opaca dando-me a impressão de uma muralha amarella que me encerrasse — era uma luz que emparedava, clarão funereo de sepulchro. Horrivel!

Tacteando cheguei instinctivamente á porta do meu aposento. Ao tocar a maçaneta do trinco foi como se eu accionasse um commutador electrico — a luz clareou e brilhou desempannada: vi! Mas os ouvidos eram como cavernas profundas que estrondavam, um fragor tempestuoso atroava-me o craneo e aos rebojos, em borborinho férvido, como arrojos d'ondas rebentando em praia escabrosa, ruidos azoinavam-me.

Atirei-me ao divan apertando afflictamente, com as mãos geladas, a cabeça aturdida. Sentia-a crescer, inchar tumida, bojando como um balão e, de todos os pontos da sala, em cascalhada ironica, esfusiavam risinhos de mófa: era uma zombaria geral, o chasqueio das coisas em assuada que me enervava e retransia num grande, inenarravel medo.

Oh! o mêdo!... Elle vinha como uma inundação, eu sentia-o chegar, subir sensivel, palpavel como as grossas e escuras aguas revoltas de uma enchente. Um prurito de dormencia formigava-me nos pés que esfriavam regelando-se, como de pedra.

O mêdo chegou-me aos joelhos pesado, inteiriçante, de ferro, cingiu-me em anneis constrictos, ciliciando-me o ventre, entalando-me o peito e o coração poz-se a bater sofrego, afflictissimo como forçando as grades da prisão para evadir-se. A garganta travou-se-me jugulada, o trismo aperrou-me as mandibulas e a minha respiração. aos sorvos, era a de um agonisante e rascava.

Estendi-me a fio no divan, fechei os olhos e uma visão fantasmagorica bruxuleou na treva — titeres de lume bailando, formas colubrinas estriando coriscos, um confuso e estravagante jogo malabar de fogos e negrumes, centelhas e linguas de chammas em promiscuidade com atros corpos de formas indecisas, ora em curva, ora longos; já esphericos, já em espiras.

Abri assombrado e repentinamente os olhos, apoiei-me ao encosto do divan forcejando por levantar-me, mas a minha energia ficou inutilisada em uma molleza flacida, fofa, como se eu me firmasse em pastas de algodão.

Lá fóra, tão perto! a vida agitava-se — eu ouvia vozes, rumor de carros, sons de piano; por vezes, á aragem da noite, o doce rumor das palmeiras arfava como um offego de amor. E eu soffria.

Como se andassem a apagar luzes dentro em mim, uma a uma, eu sentia a treva avançar, fria e tragica.

O meu cerebro escurecia como uma cidade ao amanhecer — longas avenidas iam ficando em sombra, nubladas, desertas. Eu ia acabar, era o meu ultimo dia, a minha hora extrema e finava-me desamparado, só, sem, ao menos, poder chamar alguem em meu soccorro porque faltava-me a voz.

Os olhos, poderosamente attrahidos, voltaram-se para a porta, a porta por onde entrara e sahira James, o homem espectro e,

olhando-a fixamente, vi que toda a parede dissolvia-se sobre um fundo estrellado, que era o ceu e, em baixo, estendia-se a amurada de um navio encostado á qual, immovel, os olhos fitos no meu rosto, estava James Marian, bello e pallido envolto em suave luar mysterioso.

Apesar do atordoamento eu ainda pensava, raciocinava e sentia que era victima de uma allucinação, posto que a vista fosse perfeita, nitida como se, effectivamente, representasse o real. Mas não, era bem a minha sala, e, insistindo no olhar, pouco a pouco foi-se a visualidade esbatendo, diluindo, a parede reappareceu encobrindo o ceu e a figura do mancebo e, onde elle estava, recortou-se a porta entreaberta. Só então dei por mim sentado, com o suor em bagas pela fronte. Ardia abrazado em intenso calor de febre, mas os dentes entraram a bater com estrepito.

Clarões e treva, como em tormenta cortada de relampagos, succediam-se; resoaram as vozes, os rumores confusos, voltou-me a

vertigem e tudo, á volta de mim, poz-se a gyro-gyrar e eu tive a sensação de ir pelos ares, com a casa, desabaladamente, levado num alôr de cyclone.

Estendi as mãos como em busca de amparo, ergui-me attonito, cheguei a caminhar alguns passos sem equilibrio, fui d'encontro á mesa e, ao descobrir a minha imagem no espelho, eriçaram-se-me os cabellos de pavor.

Arrojei-me em impeto de fuga, mas os meus movimentos eram contrariados por uma força superior. Quando eu julgava haver avançado achava-me no mesmo lugar lutando, debatendo-me inutilmente.

Chorei. As lagrimas rolavam-me dos olhos grossas e silenciosas.

As palavras formavam-se-me no cerebro, vinham-me á boca e retrocediam sem eu as poder dizer; o mesmo grito arremettia e recuava como a pelota que um frontão repulsa. Era horrivel !

Eu estava possuido, era uma victima d'aquelle demonio succubo que me infiltrava n'alma os seus sortilegios.

Era um demonio, um verdadeiro demonio. Oh! eu bem o sentia...! Tivera-o ali, momentos antes vira-o, falara-lhe, entregara-lhe objectos, emtanto elle lá ia longe, por mares remótos, impossibilitado de communicar-se materialmente commigo e como fizera?

Sons vibraram docemente no beato silencio, entraram pela janella aberta em visita meiga á minha'alma e, como por seu prestigio melodioso, foram morrendo, calando-se os pavidos ruidos que me atordoavam atroadoramente e eu reconheci a *Marcha nupcial* de Mendelssohn.

Era Brandt que tocava, era elle, o artista admiravel que me defendia com a sua arte divina, exorcisando o espirito obsessor.

E um momento — suave e consolador momento! — fiquei em repouso, ouvindo e pensando, na solidão d'aquelle recinto assombrado, tão perto da vida e tão perto da morte.

Concentrei-me na musica, como em homizio. Os sons envolveram-me, formaram em torno de mim um verdadeiro circulo mágico e, emquanto durou a melodia encantadora o

medo, posto que eu o sentisse rondando-me, não se chegou a mim. Eu estava como um galé que houvesse desapertado a grilheta e repousado os grilhões — sentia os ferros, mas não lhes soffria o peso nem a compressão vincante e dolorosa. Subito, porém, o silencio recahiu mais abafado e logo recomeçaram as visões, as allucinações. A duvida terrivel reentrou-me ao espirito torturando-o. Era possivel que um homem que ia tão longe se manifestasse, em corpo real, aos meus sentidos, no ambiente da vida? Era possivel?

Levantei-me de golpe e desatinada, atabalhoadamente rebusquei na mesa, com mão nervosa, o livro mysterioso, os originaes da novella e só achei paginas escrevinhadas, notas rápidas, cartas, bilhetes.

Entretanto, ainda naquella manhan eu consultara o livro e durante todo o dia, como se adivinhasse o imprevisto desfecho, trabalhara sem pausa na traducção.

Detive-me cançado, desalentado. O meu pensamento baralhava-se, ideias confundiam-se, coisas do passado, da infancia affluiam-me

de mistura com incidentes do dia; reminiscencias fluctuavam surgindo do fundo da memoria no revolver violento do meu espirito turbado e os olhos, largamente abertos e desvairados, não viam o real, senão bizarras chimeras: arabescos zebrando o espaço, discos, estrias, lumes, encandeiando-se em deslumbramentos ou cegando-se em trevas.

O calor aquecia-me, golfos de chammas envolviam-me e logo, em transição repentina, o frio gelava-me, tolhia-me, inteiriçava-me rigidamente como se me encerrassem em uma prisão de gelo. Tenho uma vaga lembrança de luta, vultos agitando-se em torno de mim...

Quando reentrei na vida o que logo me impressionou foi o branco aposento em que me achei, quasi tão nú como a cella de um monge. Um homem seguia-me attentamente os passos, todo de branco, de avental e gorro. Sollicito, acudia ligeiro ao meu mais leve aceno, sentava-se junto ao meu leito de ferro e, á noite, eu sentia-o perto, vigilante. A's

vezes, abrindo os olhos, na penumbra triste, via-o alvejando immovel, a fitar-me, como um duende.

Não raro, no silencio nocturno, uma voz gania lancinante; gritos, guaiados atroavam. Eu estremecia apavorado, sentava-me no leito e logo o homem apparecia tranquillisando-me, entabolava conversa, ou ficava a fumar, silencioso, olhando-me.

Uma noite, tarde, levantou-se em toda a casa um alarido agoniado. Saltei da cama, puz-me á escuta: «Onde estou? Que hospital é este?» perguntei ao vigia que accorrera. Elle tregeitou atarantado sem achar resposta prompta; disse apenas:

— O senhor já está bom. O director vai dar-lhe alta. O alarido cessou e o silencio estendeu-se mais abafado e mais lugubre.

Na manhan seguinte, cêdo, chegando á janella gradeada do meu quarto, vi ao longe a cidade luminosa, o mar azul e, em baixo, no fundo de horta e parque, homens de lavoura regando talhões e enfermos passeiando vagarosamente, na doçura do ar fresco, pela

alfombra dos caminhos palhetados de sol. Mas, de instante a instante, lá vinham gritos como de ergastulos, um vozeio angustioso e soturno de emparedados.

Era um hospital de loucos, de loucos! E porque me achava eu ali, observado por um medico, vigiado por um enfermeiro, seguido a toda a parte, sem liberdade de um movimento, logo cercado, como uma fera perigosa, se me desviava do passeio habitual tomando o caminho em acclive, por entre sebes, que levava ao corpo monstruoso da pedreira que, de quando em quando, tonitruosamente, estrondava abalando a casa em oscillações de terramoto? Porque?

Uma manhan Décio appareceu-me. Não o alegre e facundo companheiro, mas um rapaz commedido e discreto, de uma meiguice serena, falando-me com palavras ponderadas, sem o arranque estroina do seu genio jocundo.

Parecia sondar minh'alma antes de entrar por ella com a sua alegria ruidosa e esfusiante, receiando, talvez, despertar o que dormia ou tocar em fragilidades.

Foi elle o unico amigo que vi naquelle aposento triste, elle só, nenhum outro e foi com elle e com o meu correspondente que, em uma radiosa manhan de domingo, ao repique festival dos sinòs, deixei a minha cella presidiaria e aquelle homem de branco que, ás vezes, parecia sahir das paredes caleadas, como um espectro, alvacento, caminhando para mim sem rumor de passos, o olhar duro e fito, as mãos estendidas, tragico. O correspondente, mostrando-me uma carta de minha mãi, na qual a infeliz pedia que me fizessem seguir para a fazenda acompanhado de pessôa de confiança, poz-se ao meu dispor declarando que podiamos, se eu quizesse, partir no nocturno. Concordei. Ao tomar o carro, que nos esperava á porta, lançando um derradeiro olhar ao portão formidavel da casa em que eu vivera, inconsciente do eclypse da minha alma, perguntei ao Décio:

— Mas então eu estive louco... ?

— Louco ?! Qual loucura, homem! Olhou-me risonho e, como o carro partisse, agarrou-me com força nos braços e disse-me com

a sua alegria vívida e todo o calor da sua mocidade feliz: Neurasthenia, meu velho. A nóssa neurasthenia ! Queres saber ? nós todos, todos sem excepção, se fossemos surprehendidos em certos momentos, nos taes «estados d'alma» haviamos de passar algumas horas em casas como esta. Não penses que isto é só para os loucos, é tambem um abrigo para os que são apanhados pela tormenta passageira dos grandes sonhos.

— E quem não tem a sua telhasinha ! sentenciou o correspondente.

— E a minha rajada de loucura foi... James Marian ?

— Sim, o inglez formoso...

— Foi, então, um sonho ?

— A existencia do homem, não, está visto... o caso do livro, o apparecimento naquella tarde... lembras-te ?

— Sim, lembro-me: quando elle foi reclamar o livro do seu destino e os originaes do que elle inculcava como a historia da propria vida. Lembro-me. Disseram-me que tal visita era impossivel porque elle achava-se...

— Muitas leguas ao mar.

— Pois eu garanto-te, juro... O correspondente pigarreou tregeitando a Décio. Tranquillisei-o assegurando-lhe o meu perfeito juizo e continuei para o estudante: Se foi por isso que me encerraram naquella casa, meu caro Décio, digo-te que os alienistas... Mas o estudante interrompeu-me estrepitosamente:

— Deixemos o passado. Foi uma crise, um mergulho no azul. Ah! meu amigo, o azul é para ser contemplado de longe, assim — e, inclinando-se, atirou o braço, num gesto largo mostrando o ceu limpido, luminoso, resplandecendo ao sol.

— Dia para um *pic-nic*, lembrou o correspondente.

— Com mulheres! accrescentou o estudante. E o carro rodava.

Eu reentrava na vida como um convalescente que sahisse, pela primeira vez, ao sol, sentindo e gozando todo o encanto da natureza, participando da felicidade geral, vendo o sorriso e a tristeza, passando entre a for-

tuna e miseria, os dois renques da alaméda da Vida. Mas a duvida, meu Deus! a duvida, que hade ser a minha eterna companheira, a duvida torturante, ou melhor: a Certeza, que eu nunca provarei aos que me alijaram entre loucos, da verdade do incidente d'aquella tarde, a certeza horrivel da visita de James Marian, da sua presença no meu aposento, do seu pedido, da entrega dos livros e dos originaes, da sua partida, do rumor dos seus passos na escada... tudo, tudo! Essa Certeza, meu Deus!... Loucura?

Não, eu estou perfeitamente calmo, rememóro todos os factos sem omissão de um pormenor, lembro-me de episodios insignificantes... Pois se eu tudo refiro e se é tudo verdade porque justamente ha de ser Loucura aquillo que mais fundamente me impressionou e de que eu me lembro com mais exactidão?

E agora, quantos me virem dirão que sou louco. Aquelles dias de encerro inutilisaram-me para o todo sempre... e eu estou certo de que a Verdade está commigo: Eu vi!

Mas quem dará credito á minha palavra? Quem?

Talvez os seculos confirmem o que digo. Os seculos!...

Quando fulgurar o dia da Verdade quem se lembrará de um triste que passou?

Já agora tenho o meu estygma, como um galé: estive em uma casa de doidos.

Tantos innocentes têm sido justiçados... Quantos, como eu, hão de ter soffrido pela verdade? Quantos!

FIM